



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**



MARIA VERÔNICA MONTEIRO LIMA

**O ENTRELAÇAR DOS REFERENTES EM REDE NA CONSTRUÇÃO DA
ACESSIBILIDADE DO PRONOME ELE(S) EM TIRINHAS DE ARMANDINHO**

TERESINA-PI, 2024



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS**



MARIA VERÔNICA MONTEIRO LIMA

**O ENTRELAÇAR DOS REFERENTES EM REDE NA CONSTRUÇÃO DA
ACESSIBILIDADE DO PRONOME ELE(S) EM TIRINHAS DE ARMANDINHO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Linguística, na área de concentração em Linguagem e Cultura e na linha de pesquisa em Estudos da Linguagem: descrição e ensino.

Orientador(a): Profa. Dra. Janaica Gomes Matos.

TERESINA-PI, 2024

L732e Lima, Maria Verônica Monteiro.

O entrelaçar dos referentes em rede na construção da acessibilidade do pronome ele(s) em tirinhas de Armandinho / Maria Verônica Monteiro Lima. – 2024.

117 f. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI, Mestrado Acadêmico em Letras, *Campus* Poeta Torquato Neto, Teresina-PI, 2024.

“Orientadora: Prof.^a Dra. Janaica Gomes Matos.”

“Área de Concentração: Linguagem e cultura.”

“Linha de Atuação: Estudos da linguagem: descrição e ensino.”

1. Acessibilidade. 2. Redes referenciais. 3. Tirinhas do Armandinho. 4. Processos cognitivos. 5. Pronome. I. Título.

CDD 418.007



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ATA DE DEFESA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO ALUNO

MARIA VERÔNICA MONTEIRO LIMA

Aos vinte e cinco dias do mês de Março do ano de dois mil e vinte e quatro, às 08:00h, reuniram-se por meio de videoconferência, na plataforma Google Meet, para a sessão de defesa da Dissertação: **O ENTRELAÇAR DOS REFERENTES EM REDE NA CONSTRUÇÃO DA ACESSIBILIDADE DO PRONOME ELE(S) EM TIRINHAS DE ARMANDINHO**, apresentada pela aluna Maria Verônica Monteiro Lima, que concluiu os créditos exigidos para obtenção do título de “**MESTRE EM LETRAS**”, segundo encaminhamento do Professor Dr. Franklin Oliveira Silva, Coordenador do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí. Os trabalhos foram instalados pelo (a) Professor(a) Doutor(a) Dr. Janaica Gomes Matos, presidente da Banca Examinadora. A banca foi constituída pelos seguintes Professores: Prof(a). Dr(a). Franklin Oliveira Silva – UESPI – (1ª Examinador - Interno ao PPGL; Prof(a). Dr(a). Antenor Texeira de Almeida Junior– UNIGRANDE– (2ª Examinador - Externo); Prof(a) Dr(a) Bárbara Olimpia Ramos de Melo– UESPI – (Suplente) e Prof(a). Dr(a). Janaica Gomes Matos, sendo o (a) orientador(a) da Dissertação da candidata. A Banca Examinadora, tendo decidido aceitar a Dissertação, passou à arguição pública da candidata. Encerrados os trabalhos de arguição, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado. Proclamado o resultado pelo(a) Professor(a) Dr. Janaica Gomes Matos, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos, e para constar foi lavrada a presente ATA que, lida e aprovada, foi assinada por todos os membros da Banca Examinadora.

Teresina, 25 de Março de 2024.

Prof(a). Dr(a).Dr. Janaica Gomes Matos (UESPI)

(Presidente da Banca Examinadora)

Prof(a). Dr(a). Franklin Oliveira Silva (UESPI)

(1ª Examinador)



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Prof(a). Dr(a). Antenor Teixeira de Almeida Junior:(UNIGRANDE)



—

(2ª Examinador)

Prof(a). Dr(a). Bárbara Olimpia Ramos de Melo (UESPI)

(Suplente)

Dedico esta dissertação a Deus, aos meus pais, Elias e Maria Lúcia, a minha vovó, Florinda (*in memoriam*). Também à Mônica Cavalcante (*in memoriam*), não tive a oportunidade de conhecê-la pessoalmente, mas ela é e sempre será minha maior inspiração como teórica da Linguística de Texto, em perspectiva brasileira.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sempre estar ao meu lado. Lembro que pedia em orações a ti, senhor, o que eu pude vivenciar nesses dois anos de mestrado. Hoje, eu entendo que a aprovação não poderia ter sido em outro momento.

Aos meus pais, Maria Lúcia e Elias, por me ensinarem o amor, o respeito e a garra de perseverar e não desistir. Agradeço imensamente toda a abdicação que fizeram e fazem para que eu possa voar, mesmo que esse voo seja para longe de onde vocês estão.

Ao meu esposo, Jéferson Soares, pelo companheirismo, incentivo e por entender às horas e horas dedicadas ao estudo dessa dissertação. Te agradeço por sempre segurar minha mão.

Aos meus irmãos, Edvaldo, Edimilson e José Francisco, pelo incentivo de sempre, por quererem esse título tanto quanto eu, por se orgulharem das minhas vitórias e pelo amor incondicional.

A minha sobrinha/afilhada, Valentina, que mesmo sendo uma bebezinha, conseguiu brotar em mim um amor incondicional e alegria nos momentos mais difíceis dessa dissertação.

Aos meus colegas de orientação e de turma, por todos os momentos compartilhados de angústia e alegria. A melhor turma que já participei!

A minha amiga Rizia, pelas palavras de consolo e incentivo, seja para publicar seja para apresentar trabalho. Sim, o mestrado me apresentou uma grande amiga e parceira de vida, nosso encontro era preciso. Obrigada por tudo!

A minha amiga, Fátima, pela torcida, incentivo e conselhos. Obrigada por sua amizade valiosa!

A minha orientadora, Dra. Janaica, primeiramente, por acreditar na minha proposta de trabalho em analisar o pronome “ele”, por me ouvir, pela paciência em explicar a teoria, pela confiança. Com você aprendi a ser cautelosa e, principalmente, a ser pesquisadora. Gratidão!

Ao grupo TEXTUALE, pelas valorosas contribuições diante das discussões do grupo a respeito da temática do meu trabalho.

Ao professor Dr. Antenor, pelos apontamentos precisos e necessários. Seu olhar especialista proporcionou um novo “norte” à minha pesquisa. Muito obrigada!

Ao Dr. Franklin, pela disponibilidade desde o início do mestrado em ler meu trabalho, pela contribuição indispensável e valiosa.

Aos meus professores(as) de mestrado, por todo o conhecimento compartilhado e por me inspirarem como profissional.

À FAPEPI (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí), pelo apoio financeiro que me permitiu a dedicação exclusiva à pesquisa.

RESUMO

Discutimos, nesta dissertação, a acessibilidade de referentes em tirinhas. Para isso, detemo-nos na análise do referente implícito identificado como “ele/s” em tirinhas de Armandinho, de Alexandre Beck, veiculadas em diferentes redes sociais. Observou-se, portanto, ser um estilo de escrita do autor, em suas tirinhas, ao se posicionar a respeito de algo ou alguém, por meio do pronome em questão. Dessa forma, a pesquisa visou a analisar a configuração das redes referenciais em tais tirinhas, bem como a examinar os fatores que mais contribuem para a acessibilidade do referente implícito “ele/s” nesse construto das redes. Para isso, propomos uma análise da acessibilidade em rede que considera não apenas a forma linguística, mas também outros fatores, como a multimodalidade, os conhecimentos contextuais e enciclopédicos do leitor na construção referencial. À vista disso, nos respaldamos em Ariel (1996; 2001; 2006) que propõe a teoria de acessibilidade e seus fatores, em Costa (2007) e em Heusinger e Schumacher (2019), que ampliam a análise sobre acessibilidade e em Matos (2018) por meio da noção de redes referenciais, noção esta a qual julgamos essencial aos trabalhos que visem abordar a acessibilidade de referentes, principalmente, elaborados por modos implícitos e por meios multissemióticos. Utiliza-se uma abordagem metodológica qualitativa, descritivo-explicativa e documental, no qual foram analisadas 10 tirinhas do personagem "Armandinho". Nesse aparato, observou-se que, apesar do “ele/s” ser constatado como um referente de baixa acessibilidade na amostra analisada, há determinados fatores que mais contribuíram de forma mais direta com a coconstrução desse referente implícito: saliência por meio do critério da topicidade e da agentividade, do qual o pronome “ele/s” ou é o tópico discursivo ou é um referente bem próximo ao tópico, ademais, o critério de agentividade do “ele/s” é um fator que condiciona uma maior acessibilidade; a não competitividade; a atratividade dos referentes pelas relações de ancoragem e o *givenness* enciclopédico. Assim, apontamos que a análise relacional da interação entre os referentes pode ser um meio muito profícuo para se analisar a acessibilidade na construção referencial, especialmente, de referentes implícitos, os quais podem estender sua compreensão a um nível intertextual.

Palavras-chave: Fatores de acessibilidade. Redes referenciais. Referente implícito “ele/s”. Tirinhas de Armandinho.

ABSTRACT

In this dissertation, we discuss the accessibility of referents in comic strips. To do this, we focus on the analysis of the implicit referent identified as “he/s” in Armandinho comic strips, by Alexandre Beck, published on different social networks. It was observed, therefore, to be a writing style of the author, in his comic strips, when taking a position regarding something or someone, through the pronoun in question. Thus, the research aimed to analyze the configuration of referential networks in such comic strips, as well as to examine the factors that most contribute to the accessibility of the implicit referent “he/s” in this network construct. To this end, we propose an analysis of network accessibility that considers not only the linguistic form, but also other factors, such as multimodality, the reader's contextual and encyclopedic knowledge in the referential construction. In view of this, we rely on Ariel (1996; 2001; 2006) who proposes the theory of accessibility and its factors, on Costa (2007) and on Heusinger and Schumacher (2019), who expand the analysis on accessibility and on Matos (2018) through the notion of referential networks, a notion that we consider essential to works that aim to address the accessibility of referents, mainly, elaborated by implicit modes and multisemiotic means. A qualitative, descriptive-explanatory and documentary methodological approach was used, in which 10 comic strips featuring the character "Armandinho" were analyzed. In this apparatus, it was observed that, despite “he/s” being found to be a referent of low accessibility in the analyzed sample, there are certain factors that contributed more directly to the co-construction of this implicit referent: salience through the criterion of topicity and agentivity, of which the pronoun “he/s” is either the discursive topic or is a referent very close to the topic, in addition, the agentivity criterion of “he/s” is a factor that conditions greater accessibility; non-competitiveness; the attractiveness of referents through anchoring relationships and encyclopedic givingness. Thus, we point out that the relational analysis of the interaction between referents can be a very fruitful way to analyze accessibility in referential construction, especially implicit referents, which can extend their understanding to an intertextual level.

Keywords: Accessibility factors. Referential networks. Implicit referent "he/him". Armandinho comic strips.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: conquiste o sucesso

Imagem 2: charge do dia 07 de setembro, O jornal O Povo On-line

Esquema 1: nota jornalística

Esquema 2: as redes referenciais no gênero noticioso

Esquema 3: rede referencial 1

Esquema 4: rede referencial 2

Esquema 5: rede referencial 3

Texto 29: tirinha de Armandinho 1

Texto 30: tirinha de Armandinho 2

Texto 31: tirinha de Armandinho 3

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 REFERENCIAÇÃO E SEUS REDIMENSIONAMENTOS	16
2.1 OS REDIMENSIONAMENTOS DA CONCEPÇÃO DE TEXTO E CONTEXTO	16
2.2 PRIMEIRA TENDÊNCIA DA REFERENCIAÇÃO: A IDENTIFICAÇÃO DOS REFERENTES PELAS NOMEAÇÕES REFERENCIAIS SOB O VIÉS FUNCIONAL	18
2.3 SEGUNDA TENDÊNCIA DA REFERENCIAÇÃO: AS (RE)CONSTRUÇÕES DOS REFERENTES PELO VIÉS SOCIOCOGNITIVO-DISCURSIVO	22
2.4 TEXTO E GÊNERO NA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA	27
3 PROCESSOS REFERENCIAIS EM REDE: DIFERENTES PAPÉIS NA (RE)LABORAÇÃO DE SENTIDOS	31
4 DE CADEIA ÀS REDES REFERENCIAIS: A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DO REFERENTE NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS	45
5 AS IMPLICAÇÕES COGNITIVAS NO TEXTO E A NOÇÃO DE ACESSIBILIDADE	59
5.1 FATORES DE ACESSIBILIDADE: CONSTRUÇÃO COGNITIVA DOS REFERENTES-	64
5.2 <i>GIVENESS</i> : NOÇÃO TRIPARTITE	71
5.3 ACESSIBILIDADE: ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA-DISCURSIVA DE COSTA (2007)	73
5.4 A PROEMINÊNCIA DISCURSIVA: RELACIONALIDADE DOS REFERENTES	76
6 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS	81
6.1 NATUREZA DA PESQUISA	81
6.2 DEFINIÇÃO DO <i>CORPUS</i>	81
6.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE	82
6.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	114

1 INTRODUÇÃO

A construção de um referente pelo produtor textual e sua compreensão pelo leitor pode aparentar simplicidade em determinados contextos, mas mesmo que o referente seja caracterizado por certa sutileza na estrutura textual, surge a necessidade de um estudo sobre uma compreensão profunda de seus fatores de acessibilidade, seja por fatores linguísticos, seja por conhecimentos contextuais, do mundo social, cultural, ideológico, entre outros. Este processo vai além de uma análise superficial do contexto imediato. É, portanto, nesse âmbito que este trabalho busca se aprofundar.

Ao acompanhar as publicações das tirinhas do personagem “Armandinho” pelo cartunista Alexandre Beck nas redes sociais – como Facebook e Instagram –, um dos aspectos que chama a atenção é a recorrência do uso pronominal “ele(s)” em sua escrita. Nesse contexto, como descobrir a quem Beck fazia referência pronominal com o uso de “ele(s)”?

Consideramos que, muitas vezes, a inferência pelo leitor pode ser, no mínimo, “trabalhosa”, uma vez que exige uma compreensão contextual sociocognitiva para se coconstruir uma perspectiva de quem corresponderia a essa referência utilizada pelo cartunista.

Esse questionamento inicial motivou as problemáticas que impulsionam este trabalho, das quais indagamos: como a rede referencial da tirinha pode ser analisada mediante os fatores de acessibilidade do referente nomeado pelo pronome “ele(s)”?

Que tipos de relações entre os referentes verbais, imagéticos e contextuais em rede podem contribuir para a acessibilidade do pronome em questão?

Ante a essas problemáticas sobre a referência e a inferência do pronome “ele(s)” nas tirinhas de “Armandinho”, observamos que a resposta metodológica-científica para analisar o fenômeno pode tomar como ponto de partida a Teoria da Acessibilidade, acrescida de novas considerações. Proposta por Ariel (1996), esta teoria versa discutir o grau de acessibilidade de uma expressão linguística pelo interlocutor. No entanto, para fins deste trabalho, analisamos a acessibilidade não como uma mera identificação do referente, porque senão estaríamos reivindicando uma referência que considera apenas a forma linguística e desconsidera as possibilidades de sentidos decorrentes da interação entre os interlocutores. Nesse contexto, o que visamos é examinar a acessibilidade pelo viés sociocognitivo-discursivo, ou melhor, o ponto chave da discussão é como acessar o conhecimento organizado na memória discursiva por meio da relação do pronome “ele(s)” com os demais referentes em rede do co(n)texto. Esse tratamento retoma o posicionamento de Costa (2007), quando afirma que a identificação dos referentes perpassa uma rede de inferências não detidas à expressão em si, mas em outras

entidades discursivas.

Quando pensamos por essa perspectiva, estamos situando a referenciação como um processo dinâmico e difuso, pois o que está em jogo é toda uma gama de informações (de gênero, de pistas cotextuais, de saberes contextuais, sociais, culturais, dentre outros), que são primordiais para a construção referencial discursiva.

À vista disso, estipulamos as seguintes hipóteses para a nossa pesquisa: 1) pensamos que a acessibilidade do pronome “ele(s)” pode ser mobilizada por diferentes nódulos da rede referencial, seja cotextuais seja contextuais; 2) Supomos também que a recorrente atuação conjunta dos elementos imagéticos e verbais, compondo a materialidade do texto, podem contribuir mais de forma indireta para a acessibilidade do pronome em análise; 3) Pressupomos ainda que o fato de um nódulo referencial ligado ao pronome estar ou não explícito no cotexto seria um dos fatores que marcariam a acessibilidade do pronome “eles(s)”.

Dessa forma, a presente pesquisa objetiva analisar os fatores de acessibilidade em rede que mais contribuem para a coconstrução do referente identificado como “ele (s)” em tirinhas do personagem “Armandinho”, de Alexandre Beck. A partir disso, estabelece-se os seguintes objetivos específicos:

I - Configurar a rede referencial da tirinha, observando a relação dos demais referentes com o nódulo “ele/s”;

II - Identificar que fatores de acessibilidade podem atuar na construção do referente identificado pelo pronome ‘ele/s’, na rede referencial das tirinhas do personagem Armandinho;

Ariel (1996), ao analisar a acessibilidade do pronome “ele(s)”, afirma que essa forma linguística se enquadra na escala de acessibilidade que propõe como um marcador: menos informativo, porque não traz muito conteúdo ao leitor sobre o referente; menos rígido, que diz respeito à unidade entre antecedente e o marcador em questão; e mais atenuado, visto que sua dimensão fonológica é breve, logo, seria uma expressão de alto grau de acessibilidade, tendo em mente que o produtor textual pode escolher o pronome “ele(s)” para se referir a algo no discurso quando acreditasse que o interlocutor não detivesse muitos esforços cognitivos para inferi-lo.

Acreditamos que analisar a acessibilidade levando em conta somente a forma linguística em si, em seus contextos de uso, pode ser insuficiente. Em contrapartida, se pensarmos que o pronome “ele” remete a um antecedente explícito e próximo no cotexto, casos estes mais enfatizados pela autora em sua análise, como “João caiu de moto. **Ele** foi levado ao hospital”, em que o pronome “ele” remete a “João”, poderíamos concordar com Ariel (1996) sobre o pronome “ele” nesse caso em específico seria de alta acessibilidade por seu antecedente vir

explícito no cotexto e entrelaçado no mesmo *frame* da anáfora. Embora a autora reconheça a influência do contexto discursivo na motivação quanto a escolha do marcador referencial, observa-se que Ariel (1996) se detém mais nos aspectos cognitivos, deixando de lado as influências mais pragmáticas e interacionais. Nesse contexto, pode-se afirmar que enfatizar somente a forma linguística em si do pronome como uma forma de classificar sua alta acessibilidade, a nosso ver, é no mínimo uma concepção formalista.

Teóricos mais tradicionalistas dos estudos em referência, como Ariel (2006, *apud* Milner, 1996), denominam como “usos insólitos” os casos em que o pronome “ele” é mencionado pela primeira vez no discurso sem antecedentes explícitos. A autora argumenta que nesses casos, como o produtor do texto indica que o referente está presente no discurso, mesmo que ele não seja mencionado no cotexto, devido a isso é que o produtor textual pode escolher usar um marcador pronominal “ele” sem explicar diretamente a que se refere. No entanto, em nosso trabalho buscamos entender mais a fundo essa questão, analisando, portanto, quais os fatores de acessibilidade que mais influenciam a acessibilidade do pronome “ele/s”. Em vista disso, consideramos que mesmo que o pronome supracitado seja apresentado como primeiro elemento no discurso, a sua (implícita) relação com os outros referentes no cotexto e no contexto podem coconstruir cognitivamente ou sociocognitivamente sua inferência.

Costa (2007), teórica que rediscute Ariel (1996), analisa a acessibilidade do encapsulamento intertextual em uma Comunidade Virtual da Linguagem (CVL). Por mais que a autora não tenha se dedicado ao estudo da terceira pessoa dos pronomes pessoais do caso reto, Costa (2007) traz críticas e contribuições importantes acerca da teoria de Ariel (1996) que são primordiais a este trabalho. Um dos pontos notáveis e diferenciados da teoria de Ariel é levar em consideração a base cognitiva comum de uma determinada comunidade discursiva como um dos fatores que promovem a acessibilidade do encapsulamento intertextual. Tal parâmetro será um dos pontos a serem levados em consideração em nossas análises, pois observamos a construção referencial mediante as negociações intersubjetivas nas experiências em sociedade. Outro ponto relevante da autora é a importância dada à acessibilidade para além dos marcadores, pois Costa (2007) direciona até mesmo os elementos extra(verbais) e intertextuais como possibilitadores de acessibilidade, isto é, ao nosso entendimento, um redimensionamento da teoria de Ariel (1996), que, de certa forma, na escala de acessibilidade que propõe tende a prender-se excessivamente a forma do marcador.

Nesse contexto, se pensarmos em casos em que o pronome “ele(s)” se reporta referentes implícitos sem menção anterior no cotexto ou a expressões nominais que definam apenas vagamente o referente, o interlocutor necessariamente deve ter um conjunto de conhecimentos

contextuais, conforme abordam Koch e Cunha-Lima (2011), pois segundo as autoras o conhecimento compartilhado é essencial para a construção de sentidos de um texto.

Outra perspectiva atual a envolver os estudos acerca da acessibilidade são os trabalhos de Heusinger e Schumacher (2019). Para eles, a proeminência funciona como um princípio organizacional do discurso, funcionamento este que se correlaciona com os fatores de acessibilidade de Ariel (1996). No entanto, a noção dos autores se torna mais desenvolvida quando discutem que o ponto central da proeminência de um fenômeno discursivo (que pode ser um referente) é o seu caráter relacional, dinâmico e atrativo de uma série de operações de ancoragens. Para eles, quanto mais proeminente é um objeto discursivo, mais acessível é para o seu interlocutor.

Tais características se aproximam da noção de redes referenciais defendida por Matos (2018), por onde vislumbramos analisar a acessibilidade do pronome “ele(s)”. Embora a perspectiva teórica dos autores provenha do campo da Pragmática discursiva – e não da Linguística Textual, que é área a qual nos filiamos –, tal noção de Heusinger e Schumacher (2019) se assemelha, até certo ponto, à análise teórica de Matos (2018) na medida em que a autora, além de considerar a visão dinâmica do texto e a relacionalidade entre os referentes, tende a eleger os referentes de maior proeminência textual como principal ponto de ancoragem na construção de uma rede de relações entre os referentes, no gênero nota jornalística.

Por isso, ressaltamos a importância de considerar uma análise do ponto de vista relacional conforme Heusinger e Schumacher (2019) e Matos (2018) postulam. É por essa perspectiva que objetivamos explorar a acessibilidade do uso da terceira pessoa dos pronomes pessoais do caso reto nas tirinhas de “Armandinho”, ou melhor, o entrelaçar entre a terceira pessoa e os demais referentes verbais, imagéticos e contextuais na análise da acessibilidade do referente introduzido ou recuperado pelo pronome em análise.

Salientamos também que, por mais que Matos (2018) não tenha dedicado uma atenção especial aos referentes imagéticos, acreditamos que estes juntamente com os demais referentes verbais e contextuais quando relacionados ao pronome de terceira pessoa, possivelmente, possam ser essenciais para a inferência da correspondência ao pronome.

Dito isso, cabe ressaltar que os autores como Ariel, Givón, Heusinger e Schumacher e outros citados no decorrer desta dissertação levam em consideração a continuidade referencial com base na ideia de cadeia referencial, portanto, compreende-se que a maioria destes autores consideram a correferencialidade, ou seja, a noção de que há um antecedente explícito no discurso. Isso é um ponto diferencial do nosso trabalho em relação a estes autores, pois consideramos a continuidade referencial com base no critério relacional em rede dos fatores de

acessibilidade, lidando com um referente introduzido pelo pronome “ele/s” sem antecedente, ou sem âncoras explícitas.

Assim, diante das proposições elencadas até aqui, consideramos que a presente pesquisa contribuirá aos estudos em referenciação, bem como aos em acessibilidade, visto que tencionamos direcionar os estudos em acessibilidade à noção de redes referenciais, pois pontuamos ser o meio mais profícuo para analisarmos a acessibilidade de referentes ao considerar os antecedentes implícitos, como é o caso deste trabalho.

A presente pesquisa se enquadra no escopo teórico da Linguística Textual e se caracteriza como de natureza documental, qualitativa, interpretativa e descritiva. O nosso universo amostral consiste em 10 (dez) tirinhas do personagem “Armandinho” de Alexandre Beck, veiculadas em redes sociais como Facebook e Instagram. Para tanto, o critério de escolha das tirinhas decorreu mediante aquelas que apresentaram o pronome “ele(s)” sem menção de antecedentes ou âncoras explícitas. A partir disso, após a análise multimodal dos nódulos referenciais, elegemos as categorias analíticas de acessibilidade vinculadas ao grau de proeminência discursiva, adaptadas ao gênero tirinha, considerando o uso do pronome “ele(s)” ao referente possivelmente introduzido ou retomado pelo pronome em questão.

Além desta introdução e das considerações finais, nosso trabalho se divide em sete capítulos. No segundo capítulo, enfatizamos as concepções de texto e contexto e seus redimensionamentos. Acreditamos, por sua vez, que a presente pesquisa dialoga interativamente com as noções atuais de texto e contexto defendidas por Cavalcante *et al.* (2019; 2020) e Cavalcante *et al.* (2022), haja vista que nos apoiamos em uma concepção de texto para além do verbal e que o processo de inferenciação é coconstruído entre os interlocutores e estabelecido pelo contrato comunicativo.

Em seguida, no segundo e no terceiro item do segundo capítulo, pontuamos a referenciação e as suas fases conforme reporta Custódio-Filho (2011). No primeiro momento, ressaltamos a primeira fase da referenciação e seu foco de análise, do qual o principal elemento acentuado é a identificação do referente na conjuntura textual. Posteriormente, evidenciamos os redimensionamentos em torno da referenciação em sua segunda fase. Frisamos que um dos aspectos marcantes desta fase é a ênfase na evolução discursiva dos referentes pelo viés sociocognitivo-discursivo. Salientamos, por sua vez, a importância desse viés para a conjuntura de análise deste estudo, posto que admitimos que a coconstrução da acessibilidade do pronome “ele(s)” perpassa, dentre outros aspectos, uma rede de relações entre o marcador de acessibilidade “ele(s)” e os demais referentes, sejam cotextuais sejam contextuais. Além disso, reforçamos o quão necessário é relacionar os conhecimentos contextuais sócio-históricos para

apreender uma perspectiva em torno do referente introduzido pelo pronome em estudo.

No quarto item, sublinhamos o texto e gênero na concepção sociocognitiva, do qual destacamos as características do gênero tirinha, foco de análise, para isso nos respaldamos em Bakhtin (2010), Koch (2003), Ramos (2007; 2022), dentre outros.

No terceiro capítulo, ressaltamos os processos referenciais em rede e suas diferentes funções no discurso, destacamos para isso os trabalhos de Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), Cavalcante et al. (2022) e outros.

Já no quarto capítulo salientamos um dos pontos-chaves de nossa pesquisa: as redes referenciais de Matos (2018). Este é um ponto-chave, visto que é por meio da relação entre os referentes verbais, imagéticos e contextuais que se pretende analisar a acessibilidade do pronome “ele(s)”. Entretanto, antes de abordarmos essa concepção, descrevemos um panorama evolucionar de cadeia referencial ou anafórica até a abordagem das redes referenciais, noção esta que atende aos parâmetros de análise da Linguística Textual, para isso resenhamos os trabalhos de Corblin (1995), Bonomi (1994), Roncarati (2010) e outros. Em seguida, pontuamos a interrelação entre as redes referenciais e a proeminência discursiva, visto serem noções que se aproximam até certo ponto, apesar de se situarem em linhas teóricas diferentes. Mas entendemos que a imbricação destas neste trabalho é um elo importante para fundamentarmos a explicação do fenômeno estudado nesta dissertação.

No quinto capítulo, sublinhamos as implicações cognitivas ao texto e a teoria da acessibilidade, sendo que é por meio dela que nos norteamos inicialmente, ou melhor, é por seu intermédio que discutimos o grau de acessibilidade do pronome “ele(s)” em nosso material de análise. O estudo da acessibilidade neste trabalho tem como fundamento inicial os postulados de Ariel (1996; 2001; 2006). Em seguida, como primeiro item deste capítulo, enfatizamos os fatores de acessibilidade. Posteriormente, em nosso segundo item, apresentamos a categoria de *givenness*. Seguidamente, no terceiro item, enfatizamos a tese de Costa (2007), da qual se propõe analisar a acessibilidade do encapsulamento intertextual por meio da abordagem sociocognitiva-discursiva e como quarto item enfatizamos a proeminência discursiva de Heusinger e Schumacher (2019), como uma concepção de acessibilidade mais desenvolvida/evoluída do que a apresentada por Ariel (1996).

Em seguida, no sexto capítulo, apresentamos a metodologia que norteou a análise dos dados. E em nosso último capítulo, apresentamos os resultados obtidos a partir da análise dos dados.

2 REFERENCIAÇÃO E SEUS REDIMENSIONAMENTOS

Neste capítulo, pontuamos as fases da referenciação, enfatizando em qual delas a presente pesquisa se enquadra. Além disso, ressaltamos os redimensionamentos da concepção de texto ao longo da Linguística Textual e por fim pontuamos as características sociocognitivas da concepção de texto e gênero, bem como as características do gênero tirinha.

2.1 OS REDIMENSIONAMENTOS DA CONCEPÇÃO DE TEXTO E CONTEXTO

O texto, objeto de estudo da Linguística de Texto (doravante LT), passou por diversas transformações desde seu surgimento na década de 1960 e continua a se adaptar para atender às novas abordagens analíticas. Inicialmente definido como “uma sucessão de unidades linguísticas constituída mediante uma concatenação pronominal ininterrupta” (Koch, 2018, p.19), essa concepção marcou a primeira fase da LT, conhecida como análise interfrástica. Posteriormente, a definição de texto progrediu, passando a ser considerado o “próprio lugar de interação” entre os interlocutores, conforme a perspectiva sociocognitiva-interacionista de Koch (2018). Essa descontinuação destaca como a definição de texto se desenvolveu em sintonia com as novas concepções originadas em diálogos interdisciplinares.

Tão central na LT, o contexto foi concebido na fase da análise interfrástica através dos elementos que compunham o cotexto (Koch, 2018). Com a inserção da Pragmática nos estudos de texto, o contexto transcende a simples situação comunicativa e passa a constituir o processo interacional, dado que “posteriormente, o entorno sócio-histórico-cultural, representado na memória discursiva social por meio de modelos cognitivos, ele passa a constituir agora a própria interação e seus sujeitos” (Koch, 2018, p. 43-44). Em outras palavras, o contexto se edifica no próprio dinamismo da interação entre os interlocutores, refletindo uma compreensão mais abrangente e complexa desse elemento fundamental na análise textual.

Diante desse panorama, a “Virada Cognitiva” e a abordagem “Pragmática”, mencionadas por Koch (2018), exerceram uma influência de peso nas concepções da LT. A perspectiva da Linguística Cognitiva Clássica, conforme explicado por Custódio-Filho (2011), deixou lacunas devido a sua abordagem rígida na definição de texto, ao considerar os processos mentais de forma estrita e lógica, conferindo-lhes a capacidade de produzir e compreender enunciados considerados adequados. Diante da propensão da Pragmática, que reconhece a importância da interação e afirma que o processo de ativação do conhecimento envolve aspectos

socioculturais, os estudos cognitivos ganharam uma nova abordagem conhecida como Sociocognitivismo. Nessa perspectiva, os sujeitos (agentes sociais) e o contexto sociocomunicativo, histórico e social emergem como elementos determinantes na construção de significados. Nesse viés, como bem afirma Custódio-Filho (2011):

O paradigma sociocognitivo estabelece para LT a necessidade de uma investigação que esteja atenta aos sistemas de conhecimento acionados, construídos quando da produção e interpretação, bem como ao contexto sócio-histórico envolvidos em cada situação de comunicação (Custódio-Filho, 2011, p. 60).

Em vista disso, a abordagem sociocognitiva na LT possibilitou analisar a produção e a interpretação do texto para além do que está escrito, do palpável. Desse modo, à luz das concepções de Beaugrande, Bakhtin, Cavalcante *et al.* (2019, p. 26), define o texto em tempos hodiernos “como um evento comunicativo” e como um “enunciado multimodal, completo, único e irrepetível, que se conclui como unidade de comunicação e que é reconhecível por sua unidade de coerência em contexto” (Cavalcante; Silva; Wanoll Silva, 2020, p. 36).

É relevante ressaltar a perspectiva de Muniz-Lima (2022), da qual destaca a importância dos sistemas semióticos imagéticos, sonoros e gestuais em sua relação com aspectos tecnológicos, influenciando os processos de coconstrução de sentidos. Ressalta-se que em gêneros textuais como a tirinha, a imbricação dos sistemas semióticos verbais e não-verbais tornam-se essenciais na elaboração do sentido do gênero, bem como na construção referencial, como verificaremos nas análises. Isto posto, a circulação de textos em ambientes midiáticos (como nas redes sociais, como Facebook e Instagram) proporcionam a interação dos interlocutores com o produtor textual por meio de ferramentas tecnolinguageiras, conforme argumenta Paveau (2021). Em outras palavras, a ação de curtir, comentar e compartilhar, por exemplo, oferece aos leitores a oportunidade de expressar posicionamentos, de gerar significados e até mesmo de se tornarem escritores digitais, isto é, desempenhando simultaneamente os papéis de escritores e leitores.

Diante das considerações apresentadas até o momento, observamos que o texto é concebido como um evento comunicativo. Conforme destacado por Cavalcante *et al.* (2019), ao ser enunciado em um contexto sócio-histórico específico e em uma enunciação simulada, o texto adquire significados distintos, uma vez que cada situação é única e irrepetível. Nesse contexto dinâmico, a produção de sentidos está intrinsecamente ligada às interações entre os interlocutores (Cavalcante, 2021) à medida em que o texto avança nessa relação interativa entre

os participantes do ato enunciativo.

Nesta seção, exploramos a evolução do conceito de texto, posto isto, nas próximas seções, discutiremos a referenciação e suas fases, algo que está diretamente relacionado com a concepção de texto ao longo da trajetória da LT. Iniciaremos com a primeira tendência, como se reporta Custódio-Filho (2011) em sua tese.

2.2 PRIMEIRA TENDÊNCIA DA REFERENCIAÇÃO: A IDENTIFICAÇÃO DOS REFERENTES PELAS NOMEAÇÕES REFERENCIAIS SOB O VIÉS FUNCIONAL

A referenciação é uma atividade discursiva (Koch, 2018), por isso segundo Cavalcante *et al.* (2022) só podemos analisar os referentes no âmbito textual, pois é lá que iremos observar como os atores sociais calculam o que e como vão falar, levando em consideração os valores sociais, crenças e o contexto do qual se encontram.

Nesse contexto, reconhecemos que o processo de identificação do referente suscitado pelo marcador “ele(s)” implica em um esforço cognitivo, ao qual se soma a relevância das experiências sociais, culturais e contextuais para a inferência do referente introduzido ou possivelmente retomado pelo pronome supracitado. Nesse sentido, a identificação dos referentes emerge como uma categoria crucial na análise da referenciação.

A terminologia “referenciação”, proposta por Mondada e Dubois (2003), sugere que as expressões referenciais atribuídas a uma entidade, pessoa ou objeto são construções desencadeadas no discurso. Segundo as autoras, os referentes são, portanto, objetos intrínsecos ao discurso. Essa abordagem reitera a ideia de Mondada e Dubois (2003) de que o:

Problema não é mais, então, de se perguntar como a informação é transmitida ou como estados do mundo são representados como adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo (Mondada; Dubois, 2003, p. 12)

Assim, a referenciação deixa de ser, como se requeria anteriormente, a mera representação da realidade; ao contrário, ela se configura primariamente como “uma relação entre o texto e a parte não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado” (Mondada; Dubois, 2003, p. 20). Torna-se importante ressaltar que o elemento não-linguístico mencionado pelas autoras se refere aos conhecimentos extralinguísticos, não devendo ser confundido com a perspectiva multimodal da qual foi abordada exclusivamente na segunda vertente da referenciação.

Dito isso, a referenciação reivindica um sujeito ativo e não um sujeito abstrato, ideal e

racional, como afirma Mondada e Dubois (2003), pois a referenciação é um processo dinâmico e cognitivo em se tratando de produção e compreensão dos referentes, ao exigir um sujeito “socio-cognitivo mediante uma relação indireta entre os discursos e o mundo” (Mondada; Dubois, 2003, p. 20).

O termo “objetos do discurso” corrobora a citação anterior, pois segundo Custódio-Filho (2011), referir não é apenas nomear a realidade, por isso as autoras consideram a “instabilidade constitutiva das categorias [...] que revelam não a realidade, mas sim, uma percepção do real”. Isto é, a maneira como os sujeitos captam o mundo a sua volta. Isso pode ser percebido por diferentes visões a depender das necessidades dos interlocutores, de suas intenções e do momento histórico. Isso quer dizer que os referentes sofrem esse processo de construção e reconstrução no discurso. Mondada e Dubois (2003) salientam que ao mesmo tempo que os referentes são instáveis eles podem ser estáveis, porque no processo de categorização os referentes são submetidos às convenções tácitas da comunidade linguística.

Nesse contexto, Custódio-Filho (2011) descreve em sua tese duas tendências dos estudos referenciais e os perceptíveis avanços da área, são elas: 1) a identificação dos referentes pelas nomeações referenciais sob o viés funcional; e, 2) as transformações dos referentes pelo viés sociocognitivo-discursivo. Nesta seção, nos deteremos apenas à primeira tendência, guardaremos a segunda para a próxima seção. Mas antes, vale frisar que, segundo o autor, as duas formas de analisar a referenciação não são antagônicas, e sim complementares uma à outra, logo, o que as diferem é o seu foco de análise, precisamente, no que diz respeito à participação ou não dos elementos não linguísticos na construção da referência.

Assim, a primeira tendência se propunha responder à seguinte indagação: “De que maneira os usos referenciais elucidam/confirmam os postulados assumidos pela referenciação?”. Esse primeiro movimento projetava-se a explicar como se elaboravam as cadeias coesivas para manter o referente na conjuntura textual. Desse modo, a ideia de cadeia se refere às formas de retomada, inclusive, pela construção de designações da mesma entidade. Esta noção evidentemente correferencial torna-se mais ampliada na segunda tendência da referenciação, a partir da noção de redes referenciais da qual partilhamos, proposta por Matos (2018). A partir dela, a construção referencial passa a ser considerada ante o entrelaçar de sentidos entre referentes em rede, no qual os referentes se interconectam entre si seja pelo cotexto seja pelo contexto, obtendo uma visão mais funcional e discursiva acerca da referência ao invés de uma mera correlação coesiva.

Segundo Custódio-Filho (2011), os trabalhos acerca da referência na primeira fase eram, sobretudo, de coesão referencial. Neles, enfatizavam-se os processos de “substituição (lexical

e pronominal), repetição e elipse” a partir dos trabalhos de Halliday e Hasan (1976). Houve uma preocupação de analisar a equivalência das expressões referenciais com seus antecedentes (anáforas) ou subseqüentes (catáforas). Nessa fase inicial da referenciação, é possível perceber uma ênfase na construção do referente por meio das expressões referenciais, embora a função de identificação pareça ser a mais óbvia, ela não é a única em jogo (Custódio-Filho, 2011).

Assim, segundo o autor, salientou-se que a construção referencial necessitava ser confirmada por alguma expressão referencial em algum momento do texto. Entretanto, essas expressões não poderiam ultrapassar os sintagmas nominais (algo que foi ampliado na segunda tendência), uma vez que a construção referencial pode ser desencadeada para além do material verbal no cotexto. A nosso ver, com a evolução da segunda tendência, observa-se uma abordagem de referenciação mais propícia aos princípios sociocognitivos-discursivos agora delineados pela LT, pois como observaremos em nossas análises, mesmo não visualizando o referente no cotexto, os demais referentes, sejam verbais, sejam imagéticos ajudam o leitor a coconstruir o referente que fora introduzido de forma vaga ou implícita.

Vale sublinhar que a acessibilidade do pronome “ele(s)” neste trabalho busca acentuar que toda essa construção referencial em torno da acessibilidade do referente ao pronome supracitado ultrapassa a noção simplória de identificar o referente do “ele(s)”. Ao contrário, buscamos analisar esse empreendimento sociocognitivo em rede que possibilita, funcionalmente, uma perspectiva de quem seja o referente identificado por esse pronome.

Nesse contexto, já na primeira tendência da referenciação, houve também uma preocupação de salientar as diversas funções da referenciação, haja vista que as escolhas por determinados referentes determinam a argumentatividade do produtor, o seu estilo, os efeitos humorísticos, dentre outros.

Custódio-Filho (2011), destaca que há dois tipos de trabalhos sobre referenciação nessa primeira fase, aqueles que se dedicam em trazer uma estratégia sobre referenciação mais específica e os trabalhos que indicaram classificações mais gerais das estratégias referenciais, como os de Koch (2003) e Cavalcante (2003; 2004). Entretanto, ainda faltava, segundo o autor, considerar que a referenciação não corresponde somente à identificação dos referentes no cotexto, mas que esses referentes sofrem modificações no discurso. Portanto, estudos como encapsulamento anafórico, rotulação metadiscursiva, dêixis e recategorização foram as estratégias mais enfatizadas nessa primeira fase.

Dentre essas, destacamos a recategorização para que possamos ressaltar a evolução do conceito no decorrer dos estudos referenciais. O termo recategorização foi proposto por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) para se referir a uma reapresentação dos objetos

discursivos incumbidos de informações novas, de acordo com o julgamento ou a intenção do autor. Esse processo, na primeira tendência da referenciação, é considerado como uma manifestação da correferencialidade intermediada por uma abordagem textual-discursiva. Ou seja, é um processo linear alicerçado por cadeias coesivas (Custódio-Filho, 2011). Além disso, é um processo de designação dos referentes de acordo com o propósito discursivo durante a formulação do discurso (Lima; Cavalcante, 2015).

Segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), as expressões referenciais não apontam somente o objeto ou a pessoa de quem se fala, isso quer dizer que a escolha por determinado(s) lexema(s) contribui(em) também para a modificação dessas expressões. Recorremos, assim, ao exemplo abaixo que foi evidenciado pelos autores para ilustrar tal proposição:

[Artigo sobre o julgamento de um motorista responsável por um acidente]

Ele admite conduzir bêbado, lembra-se mal e ri-se disso.

Bêbado, ele conduziu de Payerne para Broc e partiu uma montra de loja. Ontem, o tribunal de recursos impôs uma sentença firme a **este reincidente**. Não foi indicado anteriormente que o condutor era um infrator reincidente (Apothéloz; Reichler-Béguelin, grifos dos autores. 1995, p. 13).

Segundo os autores, a expressão “este reincidente” no exemplo dado por eles opera duas funções na correferencialidade, pois: (i) remete a algo já expresso na tessitura do texto; e, (ii) atua na transformação do referente (motorista), da qual a escolha por esses lexemas contribuem para reavaliar a nossa inferência sobre a pessoa que dirigia alcoolizada.

A abordagem de Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) amplia o conceito de recategorização ao considerar não apenas a função referencial, mas também outras funções, como as de natureza argumentativa e social. Contudo, destacam que a recategorização com função argumentativa se evidencia apenas em recategorizações explícitas, como exemplificado na citação anterior. Nas recategorizações implícitas, argumentatividades desse tipo não seriam percebidas, questão esta que só foi explorada nos estudos da segunda tendência da referenciação. Concordamos com Custódio-Filho (2011) ao afirmar que a referência é muito além do que um simples ato de identificação, para o autor:

o tratamento discursivo das expressões referenciais, permitiu que se repensassem no caráter multifuncional da referência, logo, a referência não responde apenas pela identificação de entidade, mas principalmente, pela transformação discursiva dessas entidades (Custódio-Filho, 2011, p. 137).

Por isso, mesmo que a preocupação funcional dos referentes se encontre como pauta na primeira tendência da referenciação, observa-se que a construção referencial, bem como sua

evolução discursiva, esteja condicionada diretamente à menção referencial ou às relações entre os referentes no cotexto, em que não é enfatizado que estes aspectos podem ser assistidos por instrumentos não necessariamente ligados à menção indireta referencial ou vaga. Outras questões também já são delineadas na primeira tendência, como a materialidade não-verbal e a não-linearidade, aspectos estes que serão abordados com mais ênfase nas próximas seções.

Isto posto, passemos, adiante, a discutir as evoluções da referenciação intermediadas pela segunda tendência dos estudos da área.

2.3 SEGUNDA TENDÊNCIA DA REFERENCIAÇÃO: AS (RE)CONSTRUÇÕES DOS REFERENTES PELO VIÉS SOCIOCOGNITIVO-DISCURSIVO

A segunda fase da referenciação se destina a responder a seguinte questão: “De que maneira vários elementos que participam da configuração textual [...] são acionados para a construção de referentes?” (Custódio-Filho, 2011, p. 139). Ressaltamos que, nessa perspectiva teórica, a construção referencial é mais ampla, pois não se limita ao que é evidenciado explicitamente na tessitura do texto. Por sua vez, observamos que essa construção referencial pode ser de cunho implícita, por isso, tal fator é um dos elementos abordados neste trabalho.

Evidenciamos que o questionamento acima dialoga com o propósito deste estudo, uma vez que visamos analisar como os referentes imagéticos, verbais e contextuais em rede constroem a acessibilidade na inferência de referentes que são introduzidos pelo pronome “ele(s)”. A partir disso, nos situamos diante da problemática de investigar quais fatores de acessibilidades em rede contribuem de forma mais efetiva com a acessibilidade ao referente do pronome “ele(s)”.

Custódio-Filho (2011) menciona em sua tese os trabalhos de Costa (2007), Lima (2007; 2009), Leite (2007a; 2007b) e Cavalcante (2012), com o objetivo de elaborar, mediante a discussão desses autores, uma síntese de quais avanços são perceptíveis nessa segunda tendência da referenciação. Para tanto, as trouxemos a seguir:

- I. construção de referência, no que diz respeito aos elementos do contexto, se efetiva a partir da integração de diferentes partes (tanto da natureza quanto na extensão) da materialidade verbal (Custódio-Filho, 2011, p. 152).

Esse aspecto é de extrema importância, dado que a noção de construção referencial é ampliada, logo não restrita a relação de antecedente/âncora e anáfora, o que se observa é a

integração de vários referentes para se coconstuir objetos discursivos. Essa interrelacionalidade entre os referentes é um ponto relevante no estudo da acessibilidade de referentes, como enfatizamos nas análises.

II. A retomada de referentes pode ocorrer entre (co)textos distintos (Custódio-Filho, 2011, p. 152).

Um exemplo deste aspecto é o trabalho de Costa (2007), que, ao analisar a acessibilidade dos referentes em mensagens eletrônicas dos membros da Comunidade Virtual da Linguagem (CVL), demonstra que o fenômeno encapsulamento intertextual (processo referencial que resume partes já ditas no texto) ocorre não se referindo apenas à mensagem atual, mas também a outros co(n)textos. A respeito disso, elucidamos com um exemplo a seguir dado pela autora:

From: "T"t@yahoo.com.br To: CVL@yahoogroups.com
Sent: Tuesday, May 18, 2004 5:49 PM Subject: [CVL] cotas para negros, índios
Olha, estou gostando do **debate**, pela primeira vez, vejo as pessoas assumirem suas opiniões sem nenhum medo de serem assumirem suas opiniões sem nenhum medo de serem censuradas, concordo com o colega d quando ela chama atenção para dois pontos importantes [...] (Costa, grifo do autor. 2007, p. 161).

A expressão “debate” destacada no texto funciona como um encapsulamento, pois o fato enfatizado pela autora é que essa expressão não resume somente o que se discute da mensagem anterior, mas também de outros co(n)textos que envolvem a discussão sobre cotas de negros e indígenas. Em termos de acessibilidade, a expressão “debate” é menos informativa, menos rígida e mais atenuada, o que configura um marcador de alta acessibilidade. Tais aspectos remetem à discussão de Ariel (1996), descrita posteriormente no capítulo 5 deste trabalho. Nesse sentido, segundo Costa (2007),

o referente o debate parece emergir de uma escala de informações [...] pela condição de pertencimento dos interlocutores à comunidade. Ao lado do conteúdo das mensagens, a forma de funcionamento da própria lista e o tópico parecem tornar saliente esse objeto-discursivo (Costa, 2007, p. 162).

Isso, segundo a autora, comprova que não importa o lugar de onde deriva as informações, mas o quão acessível é o referente para sua inferência pelo interlocutor.

III. O estabelecimento de referentes pode se dar sem supostamente menção referencial cotextual (Custódio-Filho, 2011, p. 152).

Ao contrário do que afirmavam Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) na primeira tendência da referenciação, no qual enfatizavam que a recategorização argumentativa se manifestava apenas de maneira explícita (ou seja, por meio de anáforas diretas), a segunda tendência, conforme Lima (2003; 2007; 2009) e Leite (2007a; 2007b), revela que a recategorização metafórica – similar à recategorização argumentativa por meio de formas metafóricas estudada por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) – pode ser realizada tanto por anáforas diretas quanto por anáforas indiretas. Essa constatação evidencia um redimensionamento do fenômeno desde sua primeira abordagem.

Diante disso, recorreremos ao exemplo de Lima (2003) para ilustrarmos que as recategorizações metafóricas podem ser manifestadas por referentes indiretos:

E tem aquela do sujeito que chega em casa e encontra a filha agarradinha como o namorado. Aliás, nem agarradinha. O pai então dá o maior estrilo:
 -Que pouca vergonha é essa?! E o rapaz, todo sem jeito:
 -Bem, o senhor sabe, eu estou apenas mostrando a minha afeição para a sua filha. E o pai da moça:
 -É! Tô vendo que sua **afeição** é grande! Mas bota ela pra dentro da calça! (Lima, grifo da autora. 2003, p. 124).

Neste caso, há uma recategorização metafórica que decorre apenas cognitivamente, isto é, de forma indireta na qual a palavra “afeição” é recategorizada significando o órgão genital masculino, que desencadeia um redimensionamento e o humor da piada. Além disso, observa-se a importância, segundo Custódio-Filho (2011) ao relatar as considerações de Leite (2007a; 2007b), de que as análises devem ir além de somente enfatizar os elos fechados, as correspondências entre âncora e anáfora indireta e o antecedente e anáfora direta. Isso se dá ante a interpretação do exemplo acima, pois se torna necessário considerar várias pistas linguísticas para a aferição do humor, como a integração de diferentes partes do texto, dentre elas os referentes é “grande” e “bota ela pra dentro da calça”. Esses referentes interrelacionados entre si e juntamente com a metáfora “afeição” contribuem para imaginarmos cognitivamente a imagem do órgão genital masculino. Esse exemplo dialoga com nossa análise do referente implícito introduzido pelo pronome “ele/s” nas tirinhas de Armandinho, pois embora o referente esteja introduzido vagamente, sua coconstrução é tecida cognitivamente com o auxílio dos demais referentes do cotexto.

Estes aspectos são um dos pontos evidenciados neste estudo, haja vista que admitimos

a hipótese básica de que outros nódulos da tessitura textual bem como elementos contextuais poderão acionar a acessibilidade, ou seja, a inferência acerca do referente introduzido ou retomado pelo pronome “ele(s)”.

Portanto, Lima e Cavalcante (2015) enfatizam, com base em Lima (2009), que a recategorização nem sempre será construída nessa relação de retomada dos itens lexicais, pois é observável que esse processo pode ser desencadeado em nível cognitivo, mas sempre sinalizado por pistas linguísticas. Logo, a recategorização pode ser desempenhada por diferentes níveis de explicitude, bem como por ferramentas implícitas. Nesse sentido, observa-se que nas tirinhas analisadas a coconstrução referencial é tecida cognitivamente por meio de recategorizações de baixo nível de explicitude e muitas vezes tecida por recategorizações implícitas, embora não necessariamente por uso de metáforas.

Nos estudos mais atuais sobre recategorização, observamos que a “transformação de referentes não incide pontos preciso, pois se dá em direções imprevisíveis e requer muitas idas e vindas de uma âncora para outra (como expressões referenciais, imagens, recursos tipográficos)” (Cavalcante e Brito, 2016, p. 127). Em outros termos, essa transformação dos referentes perpassa por diferentes aspectos semióticos para a (re)construção desse processo.

Logo, conforme Cavalcante e Brito (2016), os processos de retomada de referentes sejam eles direto ou indiretos serão condicionados ao caráter naturalmente recategorizador, que detém um duplo objetivo “manter os referentes na tessitura do texto e, ao mesmo tempo, fazê-los progredir” (Cavalcante; Brito, 2016, p. 129).

IV. A referência pode se construir a partir de todos os modos semióticos envolvidos em um texto (Custódio-Filho, 2011, p. 152).

Admitimos, assim como Custódio-Filho (2011), que a multimodalidade, isto é, a junção de diferentes semioses é parte integrante da materialidade do texto e, portanto, ocupa, no mesmo patamar dos referentes linguísticos, o papel de construtores referenciais. Um dos pontos ressaltados pelo autor é de não tratar a multimodalidade como um recurso complementar a materialidade verbal, pois tudo faz parte do cotexto, logo, a imbricação dos elementos verbais e não verbais na tessitura do texto, por exemplo, promovem a progressão textual e sua coerência. Destarte, os recursos visuais são meios de gerar a referenciação. Nesse sentido, evocamos o exemplo abaixo para discutirmos tais postulados:

Imagem 1 - Conquiste o sucesso



Fonte: @conquisteosuccesso.

Segundo Cavalcante *et al.* (2020), não só os elementos linguísticos constituem o *origo* nos textos e, em se tratando de textos multissemióticos, como o *post* em análise, o posicionamento do “eu” para interpelar o “tu” (sendo este uma introdução dêitica e referencial) pode abranger várias outras estratégias, inclusive o não-verbal. Na imagem 1, observa-se que o direcionamento do olhar do ator Dwayne Johnson (conhecido popularmente por The Rock) procura envolver o interlocutor na cena enunciativa. Ao lermos o texto que está próximo à boca do ator (**Estou olhando para o próximo milionário curtindo essa foto**) como se ele estivesse proferindo tais palavras, o leitor é convidado a se colocar no lugar do papel de segunda pessoa, ou seja, do próximo milionário, engajando-o na cena enunciativa.

Evidenciamos que a interconexão entre o referente imagético (The Rock) e o dêitico eu indiciado pelo verbo “estou” juntamente com a expressão “olhando para o próximo milionário curtindo essa foto” ressalta o projeto discursivo do produtor textual. Ou melhor, a escolha pela foto do ator Dwayne Johnson, um dos mais famosos atores de Hollywood, favorece o ocasionamento desse efeito argumentativo. Logo, a escolha do produtor textual do perfil @conquisteosuccesso pela figura emblemática do ator para compor este *post*, mostra como o autor o considera uma figura importante e que, por isso, pode influenciar os seus interlocutores a engajar com a sua publicação.

O exemplo da imagem 1 demonstra como a construção referencial é um processo complexo e ao mesmo tempo dinâmico, pois envolve a interação de vários fatores para a produção de sentidos, sejam eles verbais, imagéticos, tecnológicos e sociocognitivos, para além de uma mera correlação entre antecedentes e suas anáforas ou âncoras.

V. De acordo com Custódio-Filho (2011), a construção referencial transcende a mera linearidade dos enunciados.

Nesse contexto, a construção referencial vai além do reconhecimento direto dos referentes e suas correferenciações por meio de anáforas diretas. O processo de atribuição de sentido envolve uma dinâmica de idas e vindas, muitas vezes caracterizada pela não correferencialidade, especialmente em casos de anáforas indiretas. Matos (2018) complementa essa perspectiva ao destacar que todos os elementos que compõem a estrutura textual têm o potencial de ativar a não-linearidade do texto, contribuindo para uma compreensão mais profunda e abrangente.

Considerando a imagem 1, o interlocutor pode: a) se guiar para a construção de sentido partindo pela imagem e depois se direcionando ao texto; b) partir do texto e depois para a imagem; ou, c) retornar para o texto novamente ou para a imagem. O que queremos enfatizar é que não há um padrão linear para a referenciação, e sim uma dinamicidade entre os referentes, em que a ativação de sentido percorre as idas e vindas no texto e contexto.

Na seção vindoura, enfatizamos o gênero tirinha, destacando a importância da integração das semioses na constituição da coerência textual

2.4 TEXTO E GÊNERO NA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA

De acordo com Mikhail Bakhtin (2010) ao discutir as relações dos gêneros com a história, cultura e sociedade, o autor enfatiza que os sujeitos utilizam as formas linguísticas para atuarem em sociedade, isso, por sua vez, é desencadeado por meio dos gêneros, que são “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, [1997] 2010, p.262). Nessa perspectiva, segundo o autor, os sujeitos atuam por meio de enunciados em consonância com os aspectos ideológicos do meio em que vivem.

Dentre os gêneros que desempenham uma função de criticidade, uma das formas de atuarem em sociedade, é a tira/tirinha, que segundo Ramos (2007), apoiado nos estudos de Barbieri (1998), as tiras ou tirinhas advêm das histórias em quadrinhos, do qual é caracterizada pela imbricação da semiose verbal e não verbal. Nesse sentido, portanto, a tirinha é um exemplo de gênero multimodal, pois segundo Cunha (2021, p. 10), há uma “coexistência de duas ou mais semioses comunicativas”.

Corroborando com a citação anterior, Kress e Van Leeuwen (2006) afirmam que em

gêneros multimodais, como no caso da tirinha, por exemplo, as diferentes semioses devem ser analisadas interrelacionadas, pois cada uma gera sentido e juntos corroboram com a coerência textual.

Nesse sentido, a tirinha contém uma linguagem autônoma com aspectos próprios para evidenciar a narrativa, um deles é o balão, que constitui um recurso que mais particulariza estas histórias (Ramos, 2007). De acordo com o autor, a partir de Acevedo (1990), o balão apresenta dois elementos: o continente (rabicho, que indica qual personagem está falando) e o conteúdo (linguagem escrita ou imagética). O balão, em linhas gerais, representa a fala e o pensamento dos personagens, todavia, a depender da variação do contorno do balão são suscitados sentidos diferentes, como: o balão-pensamento, representado de forma ondulada e com apêndice produzindo bolhas; o balão-cochicho, caracterizado por linhas pontilhadas visando evidenciar o tom de voz baixo; ou o balão trêmulo com linhas tortas indicando medo ou voz tenebrosa dos personagens; e tantos outros. Não é nosso foco caracterizar todos os tipos de balões, e sim evidenciar que a depender do contexto narrativo e do formato da linha do balão, o efeito de sentido muda, tal aspecto se mostra imprescindível para o processo de compreensão dos quadrinhos.

Outro elemento característico do mundo dos quadrinhos é o tipo de letra, pois, segundo Ramos (2022), a letra adquire uma função figurativa a partir do seu formato, ou seja, se apresenta em negrito ou não, se aparece sublinhado ou sem espaço entre palavras, a letra incorpora sentidos diversos a depender do contexto da história. Além disso, as histórias em quadrinhos podem simbolizar vários traços da linguagem oral, como os turnos conversacionais, os assaltos de turnos, as repetições de sílabas, as palavras para representar um engasgo, a repetição de consoantes para caracterizar a gagueira, os marcadores conversacionais (“né”, “hã”, dentre outros), as onomatopeias etc.

Ramos (2022) alicerçado em Cirne (1970) argumenta que as onomatopeias, (expressão linguística que caracteriza algum som) nas tirinhas é mais do que um som, porque se torna um som visual que detalha a narrativa dos personagens. Além disso, o tamanho, seu prolongamento, formato e cor podem ajudar a transmitir o sentido pretendido de acordo com a situação.

Conforme Ramos (2022), a cena narrativa do mundo dos quadrinhos funciona como uma fotografia, aliás, tudo é encapsulado desde um instante em específico ou desde uma sequência de instantes (cenário, personagens, espaço e tempo) em um conjunto de linhas que forma um retângulo, um quadrado ou até mesmo uma esfera, no qual os desenhistas tentam representar a realidade. O quadrado ou vinheta, segundo o autor, é composto por linhas demarcadoras que detém dupla função “marcar graficamente a narrativa (que ocorre dentro da

vinheta) [...] [e] indicar o momento em que se passa aquele trecho da história” (Ramos, 2022, p. 98), assinalando, desse modo, o momento vivido pelos personagens. Por outro lado, podemos presenciar também a ausência de contorno do quadrinho. Um aspecto importante a ser ressaltado é que uma mesma ação narrativa pode ser dividida em várias vinhetas, podendo ser lidas em sequências, como as tirinhas do personagem “Armandinho”.

Nesse viés, para Ramos (2007), a ação da narrativa é conduzida pelos personagens. Isto, são eles que conduzem o leitor na trama até o sentido pretendido, através de suas expressões faciais (sobrancelha, boca), pelos movimentos corporais demarcados e pelos sinais gráficos. Outro ponto importante na linguagem dos quadrinhos é o tempo, logo, “quanto maior o número de vinhetas para descrever uma mesma ação, maior a sensação e o prolongamento do tempo” (Ramos, 2022, p. 128). Sem embargo, isso pode ser feito também pela própria imagem dos personagens, como a imagem envelhecida de uma pessoa.

Nesse contexto, Nicolau (2011, p. 16) discute que a tirinha é uma “narrativa isolada de um todo, apresentada em uma sequência de três ou quatro quadrinhos e tem sua contextualização com a vida cotidiana”. De acordo com o autor, a tirinha tem uma linguagem opinativa, haja vista que um de seus objetivos é manifestar um ponto de vista crítico em relação a um fato cotidiano, para isso o produtor da tirinha mobiliza diferentes recursos, sejam eles verbais ou não verbais.

Segundo Leal (2013, p. 14), a linguagem híbrida (linguagem verbal e imagética) que compõe as tirinhas utiliza recursos que se aproximam de outros domínios discursivos, como por exemplo, o cinematográfico. Observa-se que “a coerência entre as formas de linguagem demanda um trabalho cognitivo tanto por parte do autor quanto do leitor, cujo papel ativo no processo de interação requer preenchimento de lacunas” (Leal, 2013, p. 14). De acordo com a autora, a leitura de uma tirinha não se dá por um quadrinho após o outro e nem pelo que está verbalizado pelos personagens, mas, principalmente, pelo não dito recuperado cognitivamente pelo co(n)texto da tirinha.

Diante do exposto, ressaltamos que a linguagem empregada por Alexandre Beck nas tirinhas do personagem “Armandinho”, precisamente, o uso recorrente pelo pronome “ele(s)” para se referir a alguém de forma indireta, delineia uma linguagem própria para evidenciar ou se posicionar sobre temáticas sociais e políticas que, de certa forma, repercutiram nas grandes mídias.

Observa-se, por sua vez, que o produtor textual detém o livre arbítrio de escolher recursos tipográficos, personagens e cenário para evidenciar sua intencionalidade, ainda que, após a circulação do texto, os sentidos suscitados possam ser distintos dos propósitos do

enunciador. A partir disso, o personagem que dá nome à tirinha, Armandinho, por se tratar de uma criança, notabiliza esse efeito leve e crítico em narrar e se posicionar de modo argumentativo e crítico em relação a diferentes temáticas.

Consoante a Nicolau (2011), além dos jornais, meio preambular de circulação das tirinhas, elas têm encontrado outro veículo de circulação, as mídias digitais, como blogs e redes sociais, como Instagram, Facebook, dentre outros. As redes sociais apresentam uma agilidade na comunicação, característica compartilhada também nas tirinhas, o fato é que o gênero alcançou aceitação pelo público e popularidade, passando a circular nesses meios comunicativos cada vez mais utilizados para se informar, entreter e se expressar.

As tirinhas do personagem “Armandinho” de Alexandre Beck, por exemplo, surgiram, inicialmente, para serem ambientadas em jornal impresso, no entanto, quando Beck resolveu publicá-las no Facebook foi notável sua grande repercussão, verificável na quantidade de seguidores de sua página, que conta com mais de um milhão de seguidores. Atualmente, verifica-se que as tirinhas “Armandinho” circulam em diferentes redes sociais (Twitter, Instagram, dentre outros).

Como assevera Marcuschi (2008), todo texto se apresenta por meio de gêneros. Com as novas formas de interações advindas da Web 2.0, como as redes sociais (Facebook, Twitter, Instagram, dentre outras), presenciamos um agrupamento de diversos gêneros em uma mesma mídia, embora tal aspecto não seja novo, visto ser uma prática que também ocorre em jornais impressos. Por outro lado, esse fenômeno adquire uma nova roupagem em contexto digital. Nesse sentido, para Colares e Cavalcante (2020, p.01) essa prática é denominada de compósito de gêneros, um “conjunto de gêneros que dividem o mesmo ambiente digital em uma mesma mídia, com os mesmos suportes”.

No entanto, por mais que as tirinhas investigadas nesta dissertação estejam vinculadas a um ambiente digital, próprio das redes sociais como Facebook e Instagram, não é nosso foco analisar todo o compósito do qual a tirinha “Armandinho” está ambientada, todavia, não descartamos a possibilidade de trabalhos futuros em considerar os nódulos tecnodiscursivos como ferramentas a acessibilidade de referentes a partir de Paveau (2021).

No próximo capítulo, abordamos os processos referenciais em rede e suas funções que objetivam, dentre outros aspectos, a elaboração da coerência e coesão do texto e do discurso. Enfatizamos, por sua vez, que as redes referenciais é uma concepção que seguiu as novas ideias conquistadas com a evolução dos estudos na segunda tendência da referenciação.

3 PROCESSOS REFERENCIAIS EM REDE: DIFERENTES PAPÉIS NA (RE)LABORAÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, discutimos os processos referenciais mediante suas diferentes funções/sentidos a partir dos referentes em rede. Como afirma Marcuschi (2002), em nosso cotidiano parece ser tão trivial comunicarmos e ter a sensação de sermos compreendidos, mesmo sabendo que nem tudo está explícito no ato comunicativo, que não nos atentamos que essa naturalidade da comunicação guarda uma complexidade misteriosa que objetiva muitos trabalhos na área da linguagem. Desse modo, comunicar é se referir mediante sua visão acerca das coisas do mundo. Por isso, segundo o autor, “a referenciação é uma atividade criativa e não um simples ato de designação” (Marcuschi, 2002, p.31).

Nesse sentido, é válido mencionar a distinção do que seria um referente e uma expressão referencial. O referente “é uma representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida no texto” (Cavalcante; Custódio-Filho; Brito, 2014, p. 27), ou seja, são objetos discursivos estabelecidos textualmente. Por outro lado, a expressão referencial é a materialidade linguística no texto da representação do referente. Imaginemos a seguinte situação: em dado texto, o referente representado pode ser “a menina” e as expressões referenciais para constituir esse referente podem ser “A menina que brincava” ou “A irmã mais nova dos três filhos do irmão do seu tio”.


Assevera-se, a partir de Cavalcante *et al.* (2022), que “os três grandes processos referenciais, descritos por Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014): *Introdução referencial*, *anáfora* e *dêixis*, devem ser examinados sempre em rede” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 288). Noção esta defendida também por Matos (2018). Passemos agora a exemplificação de cada estratégia.

- a. **Introduções Referenciais** (doravante IR) - ocorre “quando um referente, ou objeto do discurso, ‘estreia’ no texto de alguma maneira” (Cavalcante, Custódio-Filho e Brito, 2014, p. 54), ou seja, as expressões referenciais manifestam-se na conjuntura textual sem um “gancho” precedente. Segundo Cavalcante *et al.* (2022, p. 290), essas entidades que estreiam no texto podem ser manifestadas “por elementos verbais, não-verbais integrados a conhecimentos individuais e coletivos”.

No entanto, as IR não detém apenas a função de instaurar um objeto novo no discurso, mas, como afirma Silva (2013), pode, a depender do gênero, garantir a orientação argumentativa

que será enfatizada ao longo da progressão textual. Isso, a nosso ver, ocorre a partir do referente que, funcionalmente, se comporta como introdução referencial, que ao se relacionar em rede com outras entidades, garante não só a progressão textual como a sua propensão argumentativa. Recorremos ao exemplo a seguir, discutido por Silva (2013), para analisarmos tais postulados.

Texto 1 - Louca\$ pelo Bra\$il

<h3>Louca\$ pelo Bra\$il</h3> <p>■ Pular o Carnaval no país virou mesmo um bom negócio para as celebridades internacionais e, como no contrato ainda não figura a cláusula de simpatia, o negócio é surgir, sorrir e sumir. Caso de Jennifer Lopez, que ficou dez minutos aquém das combinadas duas horas no camarote da Brahma, no Rio de Janeiro, pelo cachê de US\$ 2 milhões. Fechada em seu curralzinho VIP ao lado do namorado 18 anos mais jovem, o bailarino Casper Smart (que só perguntava pela hora do fim do desfile), ela avisou: "Nunca vou saber sambar como as brasileiras. Não tive bons professores quando decidi aprender a sambar. É um ritmo totalmente diferente da salsa, do merengue". "Beyoncé, olha pra mim, te amo!", gritou um folião que desfilava na Renascer de Jacarepaguá, ao avistar J-Lo. Ela perguntou pelo ator Rodrigo Santoro, de quem já foi apontada como affair ("Trocamos mensagens, e eu falei para ele vir aqui. Sabe se ele veio?"), contou que deixou os filhos com a avó em Los Angeles ("Sou uma mãe amorosa. Tento ser dura com eles, mas não sou muito boa nisso.") e fez um passeio de barco no dia seguinte, antes de zarpar de volta aos Estados Unidos.</p> <p>■ Com a conta engrossada pelo cachê de US\$ 1 milhão, a cantora Fergie, do grupo Black Eyed Peas, não tirou os óculos escuros na Sapucaí. "É que ela sofre de uma ftofobia aguda e, por isso, tem sensibilidade excessiva à claridade e à luz solar", disse uma assessora. O show de 45 minutos em que cantou em playback no camarote da Devassa teve altos e baixos: começou lotado e terminou com cerca de 30 pessoas assistindo à performance. É que o público preferiu ver o desfile da Mangueira. "Parem de tirar fotos de mim e curtam o som. Dancem", gritou ao microfone.</p> <p>■ Na Bahia, Sharon Stone estava mais para lady do que para a famosa descruzada de pernas que a celebizou no filme <i>Instinto selvagem</i>. Sem uma gota de suor, deu declarações protocolares sobre o camarote que a contratou por R\$ 500 mil. Cada vez que pintava uma briga na rua, uma assessora tratava de virá-la de costas para os trios. Em março, ela retornará ao Brasil para ser madrinha de uma noite de gala beneficente. Sem cachê, reza a lenda.</p> 	<h3>Louca\$ pelo Bra\$il</h3> <p>* Pular o Carnaval no país virou mesmo um bom negócio para as celebridades internacionais e, como no contrato ainda não figura a cláusula de simpatia, o negócio é surgir, sorrir e sumir. É o caso de Jennifer Lopez, que ficou dez minutos aquém das combinadas duas horas no camarote da Brahma, no Rio, pelo cachê de US\$ 2 milhões. Fechada em seu curralzinho vip ao lado do namorado 18 anos mais jovem, o bailarino Casper Smart (que só perguntava pela hora do fim do desfile), ela avisou: "Nunca vou saber sambar como as brasileiras, mas faço o básico. Não tive bons professores quando decidi aprender a sambar. É um ritmo totalmente diferente da salsa, do merengue".</p> <p>*Também com a conta engrossada pelo cachê de US\$ 500 mil, a cantora Fergie, do grupo Black Eyed Peas, não tirou os óculos escuros na Sapucaí. "É que ela sofre de uma ftofobia aguda e, por isso, tem sensibilidade excessiva à claridade e a luz solar. Antes de fazer shows e se expor às luzes dos refletores, ela sempre usa um colírio especial", esclareceu uma assessora.</p> <p>*Já na Bahia, Sharon Stone estava mais para lady do que para a famosa descruzada de pernas que a celebizou no filme <i>Instinto Selvagem</i>. Sem uma gota de suor, ela deu as declarações protocolares de que estava feliz por estar no camarote que a contratou por R\$ 500 mil. Cada vez que pintava uma briga na rua, uma assessora tratava de virá-la de costas para os trios. Em março, ela retorna ao Brasil para ser madrinha de uma noite de gala beneficente em São Paulo. Sem cobrar cachê, reza a lenda.</p>
--	--

Fonte: Silva (2013, p. 90).

Ao analisar as notas jornalísticas como a do exemplo acima, Silva (2013) salienta que logo no título da nota em questão apresenta-se a introdução referencial "Louca\$ pelo Bra\$il", que não só apresenta o referente, mas também conduz o entendimento do leitor sobre o assunto da nota.

De acordo com o autor, a recorrência pelo conhecimento cognitivo na memória discursiva do leitor no uso do recurso multimodal “\$” na introdução referencial “Louca\$ pelo Bra\$il”, faz com que o leitor não só interprete o sentido da palavra louca, mas também infira o sentido da troca proposital da letra “s” pelo símbolo “\$”. Por representar a unidade monetária em vários países, o uso deste símbolo pode levar o leitor à leitura de que as celebridades da foto se interessam por “pular” o carnaval brasileiro por dinheiro. Tal inferência é confirmada em rede ao longo da progressão textual pelas expressões: “o negócio é surgir, sorrir e sumir” ou “é o caso de Jennifer Lopez, que ficou dez minutos aquém das combinadas duas horas no camarote da Brahma, no Rio, pelo Cachê de U\$\$ 2 milhões”. Portanto, a nosso ver, tanto a rede cotextual como as contextuais contribuem para a coconstrução do sentido de que as celebridades não gostam do carnaval brasileiro, salvo se envolver dinheiro.

Nesse sentido, o pronome “ele(s)” pode, em algumas situações de uso, ocorrer como IR, em que a inferência do seu referente se manifesta implicitamente. Diante disso, postulamos que, em termos de acessibilidade, quando o pronome em estudo estrear no discurso e por não haver um antecedente explícito ao referente do “ele(s)” (“caso insólito” no dizer de Ariel), possivelmente, exija um maior conhecimento de informações compartilhadas para a inferência do referente. Logo, são as pistas co(n)textuais em redes no decorrer do texto que contribuirão para acessar o referente introduzido pelo pronome em estudo.

- b. Anáforas – de acordo com Cavalcante *et al.* (2022), detém a função de continuidade da referenciação de forma direta ou indireta. Segundo os autores, quando um referente dá continuidade no texto é inevitável sua transformação na progressão textual, seja por acréscimos, confirmações e correções (Custódio-Filho, 2011) ou por desconfirmações (Matos, 2018).

As anáforas são, de acordo com Cavalcante e Brito (2016), naturalmente recategorizadoras, ou seja, todos os processos de retomada, diretos ou indiretos, atuam na modificação discursiva do referente ao longo da progressão textual. Cavalcante *et al.* (2022) ao referenciar Cavalcante e Martins (2020), enfatizam que a recategorização se efetua após a introdução do referente, sendo possível remeter a outros referentes e até mesmo intertextuais diante de diversas pistas.

Os modos de continuidade do referente podem ocorrer por duas categorias: por anáforas diretas e pelas anáforas indiretas.

b.1 As anáforas diretas (doravante AD) ou correferencial – de acordo com Cavalcante *et al.* (2022, p. 291), “retoma um mesmo referente, o qual já foi introduzido no texto”. O exemplo abaixo, abordado por Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), explana os acréscimos que decorrem anaforicamente. Nos permitimos destacar também a funcionalidade desse processo em rede.

Texto 2: NATAL NA BARCA

*Não quero nem devo lembrar aqui por que me encontrava naquela barca. Só sei que em redor **era silêncio e treva**. E que me sentia bem naquela **solidão**. Na embarcação desconfortável, tosca, apenas quatro passageiros. Uma lanterna nos iluminava com sua luz vacilante: um velho, uma mulher com uma criança e eu.*

O velho, um bêbado esfarrapado, deitara-se de comprido no banco, dirigira palavras amenas a um vizinho invisível e agora dormia. A mulher estava sentada entre nós, apertando nos braços a criança enrolada em panos. Era uma mulher jovem e pálida. O longo manto escuro que lhe cobria a cabeça dava-lhe o aspecto de uma figura antiga.

Pensei em falar-lhe assim que entrei na barca. Mas já devíamos estar quase no fim da viagem e até aquele instante não me ocorrera dizer-lhe qualquer palavra. Nem combinava mesmo com uma barca tão despojada, tão sem artifícios, a ociosidade de um diálogo. Estávamos sós. E o que a embarcação ia fazendo no rio.

Debrucei-me na grade de maneira carcomida. Acendi um cigarro. Ali estávamos os quatro, silenciosos como mortos num antigo barco de mortos deslizando na escuridão. Contudo, estávamos vivos. E era Natal [...] (Cavalcante; Custódio-Filho; Brito, grifo dos autores, 2014, p. 291).

Ressaltamos o referente “barca” e as anáforas diretas a ela: “na embarcação desconfortável, tosca” e “uma barca tão despojada, tão sem artifícios”. Estas não só mantêm uma relação correferencial com a entidade discursiva “barca”, como recategorizam-na mediante a visão de que apresenta elementos desqualificantes e obscuros. Ressalta-se, por sua vez, que não só as anáforas correferenciais ao referente “barca” contribuem para acrescentar esse viés negativo, mas também outros referentes em rede no texto, como “(era) silêncio e treva” e “solidão”. Nessa perspectiva, ressaltamos a importante necessidade de expandir a compreensão sobre a construção referencial e sua acessibilidade, dado que os significados extrapolam a simples análise das relações entre anáfora e antecedente, demandando uma reflexão mais abrangente que considere a interconexão desses referentes e outros elementos em rede, os quais

colaboram de maneira significativa para o acesso ao referente e à elaboração de efeitos de sentidos.

Em termos de acessibilidade, pontuamos que as expressões referenciais que remetem a “barca” atuam por meio de repetições como “embarcação” e “barca”, como é perceptível nos seguintes trechos: “na **embarcação** desconfortável, tosca” e “**uma barca** tão despojada, tão sem artifícios”. O que queremos salientar é que as anáforas estão no mesmo *frame* do antecedente (logo, possuem uma maior unidade, segundo Ariel), ao ponto que marcaria um grau de acessibilidade mais alto, ou seja, o interlocutor acessaria sociocognitivamente, sem muitos esforços o referente “barca”.

Sublinhamos que quanto às anáforas diretas, como estamos diante de um referente/antecedente da anáfora explícito na tessitura do texto, em tese a acessibilidade do referente tende a ser mais alta, embora a acessibilidade dependa também da colaboração de outros fatores, como unidade, competitividade, dentre outros. Porém, lembramos que essa explicação é apenas uma maneira didática de explanarmos a acessibilidade, pois o que realmente implica é que a compreensão do referente, assim como suas recategorizações, se materializa através da interconexão não apenas entre o referente e a anáfora, mas, principalmente, de outros referentes que, ao se entrelaçarem, formam redes referenciais.

b.2 As anáforas indiretas (doravante AI) ou não correferenciais – em conformidade com Cavalcante *et al.* (2022, p. 293), “não retomam um mesmo referente, pois introduz um outro referente associado indiretamente a outro ou outros já introduzidos no texto”. Essas associações, segundo os autores, podem ser mediante pistas de diferentes naturezas como de ligações semânticas entre os referentes verbais ou por conhecimentos compartilhados.

Ressalta-se que o referente introduzido pelo pronome “ele(s)”, foco de investigação deste trabalho, é mais enfatizado na literatura como um elemento correferencial. No entanto, Marcuschi (2005) já enfatizava que o pronome mencionado além de ser empregado como elemento anafórico direto também pode se apresentar como anáfora indireta, da qual os leitores mobilizam tantos aspectos cotextuais ante suas âncoras, como aspectos contextuais para inferir o referente desse pronome, como os acasos analisados em nossas análises, uma vez que propomos pesquisar os elementos que detinham identificação vaga, sendo estes como sendo uma introdução referencial ou anáfora. Observaremos a seguir um exemplo dessa anáfora discutida pelo autor:

Texto 3: *Estamos há mais de duas horas pescando e nada, porque eles simplesmente não mordem a isca* (Marcuschi, 2005, p. 231).

Segundo o autor, o pronome “eles” não retoma referentes anteriores, mas ativa um novo referente em consonância com elementos prévios (âncoras) no discurso. O “eles” é uma anáfora indireta que remete aos peixes, logo, essa inferência é feita indiretamente (cognitivamente) por meio de pistas do cotexto, como as entidades discursivas “pescando” e “isca”.

Embora Marcuschi não tenha enfatizado em seu trabalho âncoras imagéticas, isto é, elementos visuais como construtores de referentes e nem a ideia de rede referencial para analisar o pronome “ele”, como objetiva esse trabalho, o autor já enfatizava o uso desse pronome como AI. Para ele, a AI é um elemento muito recorrente tanto nas conversas orais quanto na escrita textual como uma forma de manter implícito de quem se fala. A depender do contexto, a utilização desse funcionamento recebe motivações diferentes.

Vejamos o exemplo analisado por Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), em que o referente detém diferentes relações com outros referentes no cotexto que são elementares para efetivar inferencialmente o humor da piada:

Texto 4: - *Papai, por que você não coloca meu marido no lugar do seu sócio que acaba de falecer?*

- *Conversa com o pessoal da funerária. Por mim, tudo bem* (Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014, p. 72-73).

De acordo com os autores, a quebra de expectativa suscitada na piada permite construir cognitivamente e contextualmente que o pai da moça tem sentimentos de desprezo pelo genro. Compreendemos, que isso é desencadeado em rede, uma vez que se espera, pelo nosso conhecimento de mundo, que o pai da moça ajude seu genro, algo que, consequentemente, ajudaria também sua filha.

Entretanto, o que se observa é a fala do pai sugerindo a conversa com “o pessoal da funerária” para ocorrer a troca do falecido pelo genro. Os autores chamam atenção para a expressão “o pessoal da funerária” porque é a partir dela que ancoramos mentalmente o humor da piada. Com isso, enfatizamos que essa construção referencial de desprezo pelo genro ocorre indiretamente e, é diante das relações entre os referentes em rede (sejam cotextuais, sejam pela rede de conhecimentos compartilhados), que engendramos mentalmente o referente em

questão.

Quanto a acessibilidade das AI, acreditamos que, por não lidarmos com o referente explícito da anáfora na tessitura textual, o seu grau de acessibilidade tende a ser mais baixo, haja vista que necessitamos mobilizar um conjunto de relações entre os referentes, seja do co(n)texto, seja de gênero, de informações sobre o produtor textual ou de *givenness* enciclopédico, isto é, de averiguações históricas e sociais, de conhecimentos compartilhados pela comunidade discursiva, dentre outros, para acessar mentalmente sua inferência.

A partir disso, conforme Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014, p.73), evidencia-se que “a explicitação das expressões referenciais não é, pois, indispensável para a construção do referente, nem do ponto de vista”. Esse aspecto é o que se pretende destacar neste trabalho, haja vista que por mais que o pronome “ele(s)” introduza ou retome o referente, sua identidade discursiva não se encontra explícita no cotexto, pois a construção referencial é tecida cognitivamente e contextualmente. Postulamos ainda ser as redes referenciais e sua interrelação com os fatores de acessibilidade a base para a construção referencial do referente do pronome “ele(s)”.

Abordaremos, agora, o terceiro tipo de anáfora:

- c. anáforas encapsuladoras (doravante AE) – é, antes de tudo, uma anáfora correferencial, mas que pode desempenhar a função de anáfora indireta (Cavalcante; Custódio-filho; Brito, 2014). De acordo com Cavalcante e Brito (2016), a AE é naturalmente recategorizadora. Desse modo, as AEs retomam aspectos anteriores do cotexto e promovem um resumo do que fora abordado, bem como podem acrescentar outros sentidos.

A fim de observarmos como a AE funciona na prática, chamamos a atenção para o exemplo a seguir acerca do processo de encapsulamento, disponibilizado por Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014):

Texto 5: *O fanatismo é um par de lentes perigoso: provoca leituras tortas e atitudes crispadas. Certa vez escrevi que o tradutor de literatura deveria ser escritor, ou ter uma boa bagagem de leitura, além de sensibilidade literária. Precisaria ter o que chamamos de ‘ouvido treinado’, para sentir o texto até nas entrelinhas, sem o que ficaria muito difícil interpretar o autor estrangeiro. Minha afirmação desencadeou protesto naqueles leitores que pararam depois da primeira frase, bloqueando o resto. Para eles, eu tinha lançado uma sentença morta:*

só os escritores poderiam ser bons tradutores, ninguém mais. [...] (Cavalcante; Custódio-Filho e Brito, grifo dos autores, 2014, p. 281).

Consoante a Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), a expressão “uma sentença mortal” resume o que a produtora textual já havia afirmado, assim, a AE manifesta-se como anáfora direta, embora possa se comportar também como anáfora indireta. Neste caso, configurar-se-ia como uma estratégia metadiscursiva em se posicionar ao que afirmara anteriormente, reforçando a visão da autora de que aqueles que a criticaram não a entenderam ou não procuraram entender, uma vez que pararam de ler o texto após a primeira frase. Nesse ponto, estamos diante de uma recategorização, pois a AE confirma o posicionamento da autora que foi tecido no decorrer da progressão textual.

De acordo com Cavalcante *et al.* (2022) a função de encapsular pode, em muitos casos, enfatizar um sentido prospectivo. Melhor dizendo, anáforas encapsuladoras que introduzem referentes serão antecedentes de proposições seguintes. Para analisarmos como isso ocorre, recorreremos ao exemplo trazido por Cavalcante *et al.* (2022):

Texto 6- Informação Nutricional

Informação Nutricional		
Porção de 30g / 7 unidades		
Quantidade por porção		%VD(*)
Valor energético	134kcal = 563kJ	7%
Carboidratos, dos quais:	21g	7%
Açúcares	9,0g	**
Proteínas	2,3g	3%
Gorduras totais	4,3g	8%
Gorduras saturadas	1,9g	8%
Gorduras trans	0g	**
Fibras alimentares	0,7g	3%
Sódio	102mg	4%
CONTÉM GLÚTEN. CONTÉM LACTOSE.		

Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 298).

A expressão referencial “Informação Nutricional” é um referente inédito na tessitura do texto e, ao mesmo tempo que introduz um objeto discursivo, essa entidade antecipa e resume tudo o que consta sobre alimentos na tabela. Não podemos deixar de mencionar que essa interpretação ocorre por redes referenciais (cotextuais e/ou contextuais), dentro de porções de texto. Assim, o fato de inferirmos que a expressão “Informação Nutricional” estreia e encapsula as informações subsequentes se deve a sua relação com os demais referentes, como “gordura totais” e “fibras alimentares”. Esses referentes acionam links do conhecimento sociocognitivo sobre a catalogação de tais nutrientes e suas quantidades por porções contida nas informações

nutricionais de um determinado produto. De posse dessas informações, a pessoa que ingerirá tal produto pode, por sua vez, ter curiosidade em saber quais nutrientes estará ingerindo ou se há algum componente do qual é alérgico.

Em termos de acessibilidade, acreditamos que o processo de encapsulamento, nesse contexto de uso, contribui para a baixa acessibilidade, pois acreditamos que a inferência de que a expressão encapsuladora “Informação Nutricional” resume o que a precede decorre de uma construção implícita, ou seja, de uma construção cognitiva-pragmática.

Conforme Cavalcante *et al.* (2022), além dos processos referenciais que introduzem e retomam referentes, há uma outra categoria que engloba tanto os sentidos de introduzir como os de retomar, logo, estamos diante da função dêitica.

- d. A dêixis – ocorre “quando os objetos de discurso são introduzidos ou retomados no texto, pressupondo, necessariamente, o contexto enunciativo perspectivado pela *origo*” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 299), ou seja, pelo locutor.

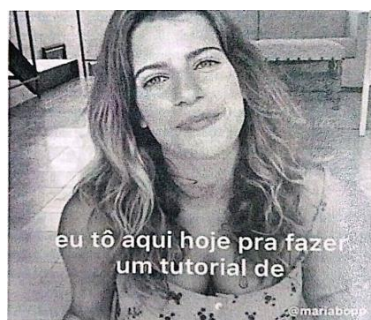
Com base em Martins (2019), podemos dizer que a dêixis é um processo híbrido, pois situa o locutor/enunciador e evidencia os objetos discursivos. É preciso levar em conta que a função dêitica não é dada somente pelas expressões dêiticas em si (eu, tu), mas é necessário observar também todas as pistas contextuais, inclusive, os diferentes sistemas semióticos.

Quando situamos nossas análises no contexto tecnodiscursivo, várias estratégias linguísticas e tecnológicas podem efetivar esse efeito *origo* dêítico e cativar um terceiro à cena enunciativa, como a imagem ou o olhar de algum personagem que constitua um *post*, por exemplo. Por isso, além das marcas linguísticas que caracterizam os dêíticos, observa-se, segundo Cavalcante *et al.* (2020), que as dêixis podem atuar sem a presença dessas marcas, por isso a importância de se analisar as dêixis em uso.

Nesse sentido, consoante Cavalcante *et al.* (2022), frisamos os dois traços característicos da função dêitica: 1) o primeiro se refere à *origo*, ou seja, ao ponto de origem do locutor e da sua subjetividade, que diz respeito à capacidade do locutor em prever os papéis sociais que ocupa, bem como os de seu interlocutor e os de terceiros. A subjetividade também está relacionada ao posicionamento do locutor e as suas tentativas de engajar os interlocutores na cena enunciativa; 2) o segundo traço refere-se à ostensão, uma vez que inúmeros recursos semióticos podem caracterizar os usos dêíticos em consonância com os aspectos da referência, como “a negociação dos sentidos, o apelo à memória compartilhada e os conhecimentos necessários à coconstrução da referência” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 305).

Situamos, a seguir, os tipos de dêiticos segundo os trabalhos de Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014) e de Cavalcante *et al.* (2022). O Texto 5 a seguir nos ajuda a compreender o tripé dêítico *ego-hic-nunc* (eu, aqui e agora). Contextualmente, os pronomes eu, aqui e agora situam quem fala, com quem se fala, onde se fala e em que tempo se fala, correspondendo às dêixis clássicas: dêixis pessoal, dêixis espacial e dêixis temporal.

Texto 7 - Blogueirinha do fim do mundo



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 306).

De acordo com Cavalcante *et al.* (2022) a partir das constatações de Martins (2019), a dêixis pessoal tem a finalidade de ocasionar um “posicionamento metadiscursivo”, ou melhor, o locutor, ao enunciar, assume um papel social e se adapta a cada “campo social”. Em vista disso, no exemplo em questão, por mais que saibamos que a imagem e a voz (representada pela legenda na imagem) seja de Maria Bopp, o seu “eu”, ou seja, o seu papel social nesse momento enunciativo do vídeo se configura como a “Blogueirinha do fim do mundo”. Nesse contexto, quando o locutor enuncia, necessariamente, ele instaura um tu (para quem se fala) com o objetivo de engajá-lo efetivamente na cena enunciativa. Na legenda da imagem, observa-se também as expressões “hoje” e “aqui” que determinam, respectivamente, o momento temporal da enunciação e o local em que o locutor se encontra.

A dêixis social se refere à maneira pela qual se engaja o “tu” na cena enunciativa. Logo, esse “eu” que enuncia assume, por meio de suas escolhas linguísticas, posicionamentos e papéis sociais que podem revelar também polidez, levando a explicitação (ou não) de faces dos interlocutores que participam da interação. Atentemos ao seguinte exemplo apresentando em Cavalcante *et al.* (2022).

Texto 8 - @QGdaAnitta



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 308).

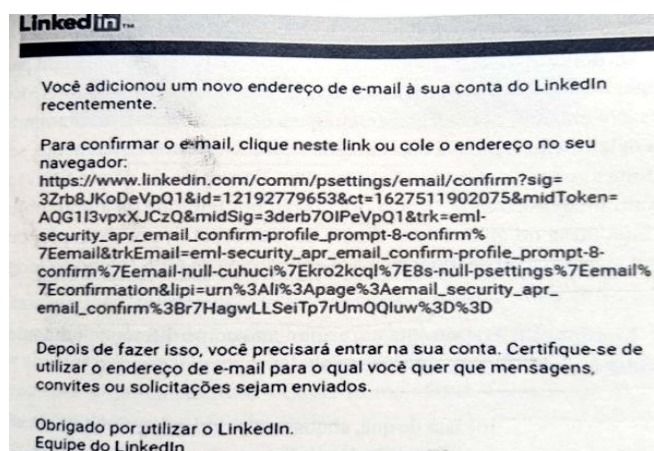
Conforme os autores, nessa postagem, observamos um enunciador que utiliza a rede social *Twitter*, identificado como @QGdaAnitta, o qual assume posicionamentos ideológicos e se direciona a um “tu”, que, neste caso, seriam os interlocutores denominados popularmente de “Anitters”. No entanto, pode ocorrer também a presença de terceiros, ou seja, daqueles a quem a postagem não é diretamente direcionada. Neste caso, a acessibilidade está entrelaçada com o conhecimento compartilhado entre os participantes dessa comunidade discursiva, o @QGdaAnitta, visto que o fato de não fazer parte dessa comunidade ou a falta de conhecimento a respeito da cantora Anitta desencadearia em uma baixa acessibilidade a quem se refere a expressão “Anitters”.

De acordo com a explicação de Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014, p.88), as dêixis sociais “são como que uma particularidade dos dêiticos pessoais”, mas se distinguem destes pois determinam os relacionamentos entre os participantes (isto é, se serão de caráter de mentor ou aprendiz) e as escolhas linguísticas que podem resultar em níveis discursivos mais polidos e íntimos ou até mesmo em impolidos. Em um contexto digital, muitas vezes, notamos *posts* que objetivam vender uma ideia, um livro, uma receita, para esse intento, visam, por meio de determinadas escolhas textuais, construir uma relação com seus interlocutores (seja ela de mentor/mentorando seja de resiliência, de especialista em vida *fitness*, dentre outros) a fim de engajá-los na cena enunciativa.

A dêixis textual diz respeito ao espaço do texto em que ocorre a manifestação de pronomes demonstrativos que direcionam um apontamento para evidenciar o enunciador textual. Nesse caso, como estamos diante de textos verbais, tanto o escritor como o leitor podem ser a *origo* e, a partir disso, constatar o “espaço” e o “tempo”, conforme percebemos no exemplo

a seguir:

Texto 9 - LinkedIn



Fonte: Cavalcante *et al.* (2022, p. 309).

No exemplo, tanto o escritor quanto o leitor/usuário podem ser o *origo* do texto, ou seja, a pessoa que fez o texto automático (LinkedIn) e o próprio usuário, pois por este ter realizado a ação de adicionar um novo endereço a sua conta dessa rede social, houve uma geração automática de mensagem. Refletindo esse exemplo em termos de acessibilidade, observamos que o fato de o usuário ter adicionado um novo e-mail a sua conta do LinkedIn gerou uma mensagem automática no seu próprio perfil sobre essa ação, isso demonstra como os gestos tecnolinguageiros assumem papéis relevantes na identificação do porquê daquele e-mail automático. Por isso, na inferência do motivo, é necessário que o usuário acesse sociocognitivamente ou recupere a sua ação tecnolinguageira anterior que gerou essa resposta no LinkedIn.

Por outro lado, a dêixis memorial é um tipo de dêitico que situa o espaço e o tempo do locutor. Ela é ativada pela memória compartilhada dos interlocutores. Para exemplificarmos, recorremos ao exemplo apresentado em Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014):

Texto 10: *Post*

E aquela hora que vc pensa em comer e descobre: Só terá comida se fizer.....ahaaaaahaaaaa. (Cavalcante; Custódio-Filho, 2014, p.96).

Nessa postagem do Facebook, o locutor suscita ao leitor que recorra à memória discursiva evocada no texto por meio da expressão “aquela”, que foi apresentada em rede com outros referentes como a “hora que vc pensa em comer e descobre” e “só terá se fizer”. Essa

memória compartilhada diz respeito ao momento em que se está com fome e a única pessoa que pode fazer sua comida é você mesmo. Quanto à acessibilidade, evidenciamos que, neste caso de uso da dêixis, a identificação da memória compartilhada exige que o leitor relacione em rede as pistas do cotexto e o seu conhecimento sociocognitivo acerca do assunto. Assim, a inferência da temática exige um esforço cognitivo necessário.

Os dêiticos fictivos também solicitam a memória compartilhada entre os interlocutores para situar a orientação espacial. Cavalcante *et al.* (2022) exemplificam esse dêitico por meio da demonstração de uma ligação telefônica em que os interlocutores precisam compartilhar de informações espaciais para a localização de um objeto em uma estante. Para refletir sobre essa dêixis em termos de acessibilidade, pontuamos a importância do conhecimento compartilhado entre os dois interlocutores sobre o espaço do qual estão falando, pois, sem esse conhecimento, a acessibilidade tende ser mais baixa no que tange à localização desse objeto.

Em relação aos dêiticos de modo, podem ser representados pelo uso de advérbios de modo, como “assim”, “dessa forma”, dentre outros, os quais direcionam modos empreendidos pelos participantes na cena enunciativa, como verificamos no exemplo a seguir:

Texto 11 - queria tá assim



Fonte: : Cavalcante *et al.* (2022, p. 311).

O advérbio “assim” em rede com os elementos imagéticos “dois macacos abraçados” alude o desejo tanto do locutor quanto de um possível interlocutor de estarem daquele modo representado no texto 11. Em termos de acessibilidade, neste cenário, evidenciamos que a acessibilidade se constrói em rede por meio de nódulos imagéticos (“imagem de dois macacos

se abraçando”) e de nódulos acerca de “conhecimentos sociocognitivos”, também ressaltamos a importância do elemento verbal (“**queria** tá **assim**”), ou melhor, de inferir que o desejo do interlocutor se assemelha em estar como os macacos estão, e não de ser os macacos, por exemplo. Esse direcionamento está entrelaçado principalmente com o emprego do advérbio “assim”.

No capítulo seguinte, pontuamos as redes referenciais de Matos (2018) como uma evolução da noção de cadeia enfatizada nos estudos da primeira tendência da referenciação. Com isso, objetivamos ressaltar a importância de considerar o entrelaçar dos referentes em rede para a coconstrução da acessibilidade de entidades discursivas.

4 DE CADEIA ÀS REDES REFERENCIAIS: A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DO REFERENTE NA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS

Neste capítulo, destacamos a trajetória evolutiva do conceito de cadeia referencial até a proposição das redes referenciais proposta por Matos (2018). Essa concepção atende aos requisitos de uma análise sociocognitiva-discursiva da atual desenvoltura da concepção de texto na LT.

Dito isso, sob uma perspectiva epistemológica estruturalista, na fase transfrástica da LT, o texto era concebido como uma sucessão de enunciados. Nessa abordagem, a referência era um dos elementos de coesão que integrava o texto por meio de vínculos coesivos. Nesse contexto, Halliday e Hasan (1976) são autores representativos desse período, precisamente, no que se refere às cadeias coesivas, as quais correspondem a ligações imediatas do cotexto. Logo, houve o entendimento de que um objeto discursivo, necessariamente, depende de outro. Isso, como já discutido em capítulos anteriores desta dissertação, se dá por meio de uma relação léxico-semântica, haja vista que o foco de investigação era analisar a explicitude das informações no texto. Atentemos para o exemplo abaixo:

Texto 12: *Short places Johnson over Jordan squarely in the tradition of expressionist drama. **He** says that Johnson is a "typical Briton", an "English everyman". He regards **the play** as an imaginative presentation of the mind of a man who has just died. But he adds. Priestley is more interested in Johnson living than in Johnson dead. In this the play is expressionist in its approach to theme. But it is also so in its use of unfamiliar devices-the use of masks, the rejection of the three or four act lay-out of the plot. And, formally, he points to the way in which Johnson moves quite freely in and out of chronological time (Halliday; Hasan, 1976, p. 15).*

Texto 12: *Short coloca Johnson sobre Jordan diretamente na tradição do drama expressionista. **Ele** diz que Johnson é um típico britânico, um homem comum inglês. **Ele** considera **a peça** uma apresentação imaginativa da mente de um homem que acaba de morrer. Mas ele acrescenta. Priestley está mais interessado em Johnson vivendo do que em Johnson morto. Nisso a peça é expressionista em sua abordagem do tema. Mas o mesmo ocorre também no uso de divisões não-formais – o uso de máscaras, a rejeição de três ou quatro atos da trama. E, formalmente, ele aponta para a forma como Johnson se move livremente dentro e fora do tempo cronológico (Halliday; Hasan, 1976, p.1).*

Observa-se que o texto apresenta menções organizadas em teias que estão ligadas ao mesmo referente. O referente “short” estabelece um elo com outros referentes ao longo da progressão textual, como “short” e “he”; “the play” com “the play” e “its”. Essa visão em cadeia da primeira fase almejava apenas demonstrar que havia um texto coeso, em que a estrutura do texto era primordial, sem se atentar que os referentes, no decorrer da progressão textual, modificam o objeto discursivo. Isso acontece porque a noção de recategorização era um tanto incipiente e ao mesmo tempo distante do que compreendemos ser a recategorização atualmente.

Além disso, não se observava a influência de outros elementos do co(n)texto para a construção do referente “short”, por exemplo. Porém, uma vez introduzido o referente, o foco de investigação era a manutenção desse objeto discursivo por meio de menções léxico-semânticas a ele no decorrer da progressão textual.

Matos (2018) observa que a diferença estabelecida pelos autores entre cadeia coesiva e referencial não se sustenta diante da perspectiva sociocognitiva-discursiva da concepção de texto atualmente, pois, para ele, há uma cadeia de sentido e outra referencial. Hoje, pontua-se que há tanto uma interligação semântica de cadeia quanto de natureza referencial dos objetos discursivos.

Outro estudioso acerca da noção de cadeia é Corblin (1995), que embora apresente uma abordagem pragmática-inferencial de cadeia, detém uma base estruturalista assim como Halliday e Hasan (Matos, 2018). O autor, a partir de uma reelaboração dos estudos de Chastain (1975) *apud* Corblin (1995), define uma classificação de cadeia de referência que, para Corblin, são heterogêneas e compostas, visto que combinam ligações anafóricas e referenciais. Estas podem apresentar ligações de identidade, de equirreferência (correspondente a AD, segundo Cavalcante *et al.* (2022)) e de associação (que equivale a AI, segundo Cavalcante *et al.* (2022)). Esta divisão de cadeia tem como parâmetro o critério de cálculo linguístico (vínculos anafóricos) ou comunicativo (vínculos referenciais), no que diz respeito à identidade dos índices/referentes. Dessa maneira, segundo o autor, as ligações anafóricas se referem às conexões entre expressão linguística e seu antecedente, assim, essa interpretação se dá por correlações linguísticas. Já as ligações referenciais se dão por inferências autorizadas a respeito do conhecimento da situação comunicativa. Para elucidar, vejamos os exemplos a seguir.

Texto13: *Um homem entrou. Ele sorriu.* (Corblin, 1995, p. 170)

Texto14: *A casa é bonita, mas uma janela está quebrada* (Corblin, 1995, p.173)

No exemplo 13, o autor examina uma instância de referência anafórica, argumentando

que a interpretação é dada pela relação linguística, uma vez que configura uma equirreferência entre “Ele” e “homem”. O autor destaca ainda que várias inferências são aplicadas entre o antecedente e a fonte.

No exemplo 14, é observada uma cadeia referencial em que a interpretação ocorre de maneira inferencial, pois a janela pode constituir um elemento que faz parte de uma casa. Contudo, Corblin (1995) salienta que essas ligações, tanto associativas quanto de equirreferência, podem ocorrer em ambas as formas de ligação (anafóricas e referenciais). No entanto, para Matos (2018), o critério de equirreferência e associação para distinguir as cadeias é considerado insuficiente e até mesmo incoerente, sob a condição de que todo o processo referencial é inferencial e, logo, cognitivo, ocorrendo por meio de expressões linguísticas.

Entretanto, Corblin (1995) não se dedica aos aspectos funcionais das cadeias seja na “relação à evolução negociada do referente, seja em relação à construção composicional de textos, imersos nos contextos de interatividade [...], mas trata das propriedades do sistema linguístico e de sua distribuição nas cadeias” (Matos, 2018, p. 57). Ressalta-se que tanto a noção de cadeia de Corblin (1995) quanto a de Halliday e Hasan (1976) enfatizam exclusivamente a relação entre anáfora e antecedente, levando-nos a concordar com Matos (2018) quando evidencia que esse tipo de análise fechada e formalista não é suficiente para compreender o fenômeno referencial numa perspectiva sociocognitiva-discursiva.

Já Bonomi (1994), outro autor que aborda a noção de cadeias, ao analisar a narrativa no livro *Rechercher*, traz reflexões importantes acerca das anáforas quanto ao papel de estabelecer um universo de relações entre as entidades do texto. Segundo Matos (2018), embora filiado a uma abordagem lógica-filosófica, o autor oferta uma noção de redes de espaços anafóricas que influencia a noção de redes da referida autora, tendo em vista que considera a intercessão de referentes sobre outros.

Para Bonomi (1994), as cadeias referenciais estão interligadas entre si, as quais são denominadas de “espaços anafóricos”. Por conseguinte, são as anáforas que possibilitam as relações que intercomunicam várias entidades do texto.

Vejamos o exemplo e, em seguida, observamos o modo como o autor interrelaciona os referentes para compor o que nomeia de espaços anafóricos.

Texto 15: *Numa tarde chuvosa de domingo de novembro, um homem descia a Terceira Avenida. Apenas alguns quarteirões mais ao norte dali, no décimo segundo andar de um prédio de tijolos azuis [...] uma mulher estava sentada a uma escrivaninha. “Rose chamava seu bairro de Oriente Médio [...]. Ela e Owen moravam na própria Segunda Avenida [...]”. “Há vinte*

anos, Rose era editora [...]”; “Eles tinham um filho, Philip [...]” (Bonomi, 1994, p. 61).

O autor mostra que a introdução das entidades “um homem” e “uma mulher” no início da narrativa expressa poucas informações sobre essas entidades, a não ser as ações que esses referentes faziam (o homem que descia a terceira avenida e a mulher que estava sentada na escrivaninha). No entanto, com o avanço da narrativa, essas entidades se interrelacionam por meio de relações anafóricas, como, por exemplo, “**Ela** e Owen moravam na segunda avenida”, “**Eles** tinham um filho, Philip”. O pronome “ela” (primeira frase) é usado para retomar o referente “Rose” já brevemente introduzido, fazendo com que, inferencialmente, acionemos que o “eles” (segunda frase) seja uma referência a Rose e Owen. Assim como Matos (2018), observamos que o fato de compreendermos que Rose e Owen são parceiros não se dá, primeiramente, por expressões anafóricas, mas, sim, por meio da expressão “Ela e Owen moravam na segunda avenida”, ou seja, essa relação de vínculo é inferencialmente construída e posteriormente confirmada com a introdução de um novo referente: “filho, Philip”.

Dessarte, Bonomi (1994) já demonstra preocupação quanto ao caráter implícito das relações entre os referentes, do qual ressalta que as anáforas podem ter antecedentes explícitos assim como implícitos. Segundo Matos (2018, p.63), o modelo analítico de Bonomi é relevante, dado que demonstra que “os modos de continuidade referencial não são estanques; ao contrário, fazem emergir um aglomerado de informações entrecruzadas em diferentes momentos de expansão no texto”. Essas informações contribuem tanto para a compreensão como para o reprocessamento dos referentes em rede. Tais aspectos são também ressaltados na noção de redes referenciais de Matos (2018), podendo desencadear os modos de recategorização, seja por acréscimo, seja por confirmação, seja por desconfirmação.

Já Roncarati (2010) evidencia as cadeias referenciais (doravante CR) pelo âmbito cognitivo-referencial, embora a noção de cadeia defendida pela autora permaneça circunscrita ao cotexto, assim como a dos autores aqui já resenhados. Isso ocorre, de acordo com a autora, porque as CR correspondem a noção de cadeia anafórica ou de cadeia coesiva. Roncarati propõe ainda que as cadeias tenham uma arquitetura fundamentada em uma rede de interrelações semântico-discursivas, um aspecto que, a nosso ver, reconfigura a concepção de CR quando comparada às outras noções de cadeias anteriormente abordadas.

Roncarati (2010) tem como um de seus propósitos aprimorar a metaconsciência textual por meio das cadeias, buscando, assim, desenvolver nossa capacidade de examinar o texto a fim de compreender a produção e a interpretação textual. Conforme destaca Matos (2018), outro aspecto crucial do estudo da autora é a sua dedicação em detalhar como se desenvolve o

percurso das cadeias. Nas palavras de Roncarati (2010), a metaconsciência textual implica em descobrir “por que meios um mesmo referente vai sendo retomado ou deslocado por outro referente, a depender dos assuntos ou tópicos sobre os quais estamos tratando” (Roncarati, 2010, p. 20).

Assim como a noção de redes referenciais, a visão de CR proposta por Roncarati (2010) é dinâmica e empírica, pois depende da criação ou recriação dos interlocutores no momento da produção e da interpretação textual, mesmo que, em princípio, estes não se atentem para a complexidade do funcionamento das cadeias e do trabalho que fazemos para acessar, instalar, reativar ou desativar referentes em nossa memória de trabalho ao longo do contato com o texto. Não obstante, a autora embora relacione a interrelação dos demais referentes para além do objeto discursivo que foi introduzido e as suas remissões a ele, a autora não estuda a fundo as relações em rede, pois a ênfase dada é na análise de cadeia de forma separada.

Nesse sentido, Roncarati (2010) propõe que as cadeias sejam classificadas em três variáveis, são elas: cadeia linear, cadeia multilinear (ou cadeia multirreferencial) e cadeia híbrida.

A cadeia linear se refere a continuidade correferencial de um referente por mecanismos de pronominalização, de repetição, de sinonímia ou de elipse, conforme exemplificada a seguir:

Texto 16: *Veja, eu fico pensando assim: um professor que se coloque na posição de quem sabe e que coloque os seus alunos na posição de quem não sabe, mas que assuma a posição de quem é, tem por responsabilidade de socializar o conhecimento. Então ele informa aos seus alunos, ele dá aulas expositivas muito boas, dentro do que se pode chamar de boa, uma aula expositiva, mas em nenhum momento deixa de ser ou de citar o questionamento. Entende o que eu quero dizer?* (Roncarati, 2010, p. 120, grifos da autora).

Conforme a autora, a retomada do referente “um professor” por meio de pronominalizações reativa o referente, contribuindo para mantê-lo ativo na memória de trabalho dos interlocutores. Observa-se que nessa análise a autora não considera que essas retomadas, mesmos por que sejam pronominalizações, modificam o referente “um professor”.

As cadeias multilineares (ou cadeia multirreferencial) se estabelecem quando um referente contribui para gerar outros referentes, possibilitando criar, assim, outras cadeias referenciais a partir de uma cadeia precedente. Para exemplificar tais postulados, recorreremos ao exemplo a seguir:

Texto 17: *Este senhor elegante é Ratan Tata, o empresário mais importante da Índia, líder de um grupo internacional de 98 empresas, com enorme apetite a aquisições. Em janeiro, Tata foi ao centro das atenções mundiais ao lançar o carro mais barato do mundo, o Nano, por apenas 2,5 mil. Veja as fotos do modelo, viste seu site e assista ao vídeo do lançamento. Ouça também ao podcast Por Trás da Copa com Gustavo Poloni, autor da reportagem, e o redator-chefe de Época NEGÓCIOS, Ivan Martins.* (Roncarati, 2010, p. 133, grifos da autora).

Consoante a autora, a cadeia “o carro mais barato do mundo” proporciona o surgimento de outras cadeias a ela associadas, como “as fotos do modelo”, “site”, “vídeo do lançamento” e o “podcast Por Trás da Copa”. Além disso, a cadeia “podcast Por Trás da Copa” desencadeia outras cadeias, entre elas “Gustavo Poloni, autor da reportagem” e “Época NEGÓCIOS, Ivan Martins”.

As cadeias híbridas estão relacionadas ao fato de “um referente poder se juntar ou se amalgamar com outros referentes, gerando uma interseção referencial, um tipo particular de inclusão” (Roncarati, 2010, p. 23). Vejamos o exemplo a seguir:

Texto 18: *O governador foi sábado no Morro da Urca assistir ao show do Paralamas do Sucesso acompanhado por uma misteriosa mulher. Durante a noite toda, o casal dançou juntinho. O trocou beijos e carinhos, as evitou a todo custo ser fotografado* (Roncarati, 2010, p. 153-154, grifos da autora).

Neste exemplo, é evidente uma integração entre os referentes “O governador” e “uma mulher misteriosa”, resultando na formação da cadeia “casal”. Essa integração é também enfatizada pelos referentes “juntinhos”, “beijos” e “carinhos”. Nota-se que a medida em que os referentes são retomados, são acrescentadas novas informações a eles, configurando, assim, uma recategorização. Contudo, Roncarati (2010) argumenta que a recategorização só ocorre quando há uma remissão por expressão nominal predicativa. Isto posto, o exemplo analisado se enquadra na classificação de referenciação proposta pela autora, denominada de *remissão por (re)categorização predicativa*.

Além das categorias de cadeias mencionadas, a autora estabelece que quando um referente é mencionado apenas uma vez, não ocorre a configuração de uma cadeia, conforme ilustrada no exemplo a seguir:

Texto 19: Eros e Psiquê

*Conta a lenda que
 dormia Uma princesa encantada
 A quem só despertaria
 Um Infante que viria
 De além do muro da estrada*

*Ele tinha que, tentado,
 Vencer o mal e o bem
 Antes que, já libertado
 Deixasse o caminho errado
 Por o que a princesa vem*

(Poema de Fernando Pessoa, 1974, p. 08 *apud* Roncarati, 2010, p. 175).

Para a autora, por haver menção única do referente “lenda” não se constata uma CR. Entretanto, concordamos com Matos (2018) quando afirma que o termo “lenda” não se define como um referente sem retomada, e sim como um referente encapsulador que sumariza toda a história de Eros e Psiquê. Por isso, não importa o fato de ser menção única, mas o efeito de sentido atribuído ao texto.

Agora, destacamos a concepção de redes referenciais apresentada por Matos (2018), ou seja, como os referentes (objetos do discurso) são engendrados e distribuídos em redes referenciais. Conforme afirmam Cavalcante e Brito (2021, p. 56), os referentes “são entidades que construímos e reconstruímos em nossa mente à medida que ocorre qualquer enunciação [. ..] não são realidades concretas do mundo, mas entidades que representamos, cada uma à sua maneira”. De acordo com as autoras, a forma como percebemos os referentes não é uniforme para todos, embora existam pontos de semelhança.

Nesse contexto, a tese das redes referenciais de Matos (2018) configura-se como uma nova abordagem diante das noções tradicionais de cadeias referenciais. Segundo a autora, a análise da referenciação mediante às redes tem a finalidade de “suprir a lacuna existente nos estudos sobre referência, uma vez que é necessário uma proposta alicerçada num construto resultante de fatores sociocognitivo-discursivos” (Matos, 2018, p. 169). Enfatizamos que para fins desta dissertação, interpretamos que a noção de rede esteja entrelaçada, de alguma forma, com a noção de proeminência discursiva, que embora não seja um conceito da LT, é um subsídio teórico que se assemelha até certo ponto com a definição de redes referenciais,

precisamente no que diz respeito a relacionalidade, dinamicidade e atratividade. Logo, reiteramos que a proeminência discursiva é um pressuposto teórico a mais para a explicação do fenômeno em análise.

Em vista disso, segundo a autora, as redes referenciais constituem-se em “entrelaçamentos de sentidos na construção dos referentes” (Matos, 2018, p. 169), que desempenham, funcionalmente, variadas relações entre si em consonância com os propósitos comunicativos dos produtores textuais e com a diversidade de textos.

Evidencia-se que a noção de redes referenciais supera a visão de CR ou cadeias anafóricas, enfatizadas nos estudos de referenciação que se delimitavam à construção coesiva no âmbito formal e no semântico para designar uma entidade discursiva, por isso a necessidade, segundo a autora, de mudança de nomenclatura de cadeias a redes e também de concepção. A justificativa está na ideia de redes que enfatiza uma visão mais ampla de relacionamentos entre os referentes para a constituição de sentidos vários, não circunscrita apenas na ideia de cadeias coesivas. Esta se constitui como uma visão isolada de referentes, sendo que as diferentes redes formadas no decorrer do texto poderão desencadear pistas textuais para acionar a inferência de referentes não explícitos no cotexto. Diante de tais observações, Matos (2018) postula a sua definição de redes referenciais, em que são:

Formados por nódulos referenciais, ativados pelo contexto, estabelecendo uma série de associações de várias naturezas, funcionando como links, ou modos de conexões entre os referentes, os quais são todos interligados na construção e manutenção da coerência (Matos, 2018, p. 169)

Por esse viés, pontuamos a importância de considerar os referentes interligados em rede para a construção da acessibilidade dos referentes, principalmente, de referentes implícitos (sem antecedente ou com âncora explícita). Por isso, postula-se que examinar a acessibilidade considerando apenas a relação isolada entre antecedente e anáfora, muitas vezes, é insuficiente, essencialmente, quando o referente é resultante de uma construção sociocognitiva a partir de pistas cotextuais, em que é necessário considerar vários fatores para a inferência dos referentes. Nesse sentido, pleiteamos a funcionalidade das redes para acessar referentes implícitos, ou melhor, as relações entre os referentes (do cotexto e do contexto) poderão acender links que proporcionarão a coconstrução referencial de referente não explícitos cotextualmente.

Dada uma das características inerentes à noção de redes, a construção das redes não se limita apenas à “construção das unidades lexicais que as designamos, mas também consiste em diversas pistas deixadas pelo produtor textual” (Matos, 2018, p. 169), em que, por vezes, pode-se até mesmo optar por não explicitar no cotexto a entidade discursiva. No entanto, por meio

das conexões entre os referentes, essa inferência, ainda que implícita, é gradualmente elaborada de forma cognitiva.

Ressaltamos também a relação entre os referentes para a elaboração de sentidos a depender do propósito comunicativo do locutor, pois Matos (2018) direciona as redes referenciais aos aspectos discursivos, ou seja, os referentes interconectados estão à serviço de um propósito discursivo, um querer dizer moldável a qualquer tipo textual. Logo, as redes proporcionam funções diversas, identificáveis ante as escolhas referenciais interligadas entre si pelo produtor textual.

Nesse contexto, como bem enfatiza Cavalcante *et al.* (2020) a partir de Matos (2018), “além das expressões referenciais, os elementos contextuais como um todo se imbricam para esses referentes revelarem o projeto de texto do locutor” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 140). Observa-se a partir disso a importância da “construção referencial quando o fenômeno é analisado por meio de uma ótica discursiva-funcional, e não apenas cotextual (o que se fazia nos primórdios dos estudos sobre coesão)” (Cavalcante *et al.*, 2020, p. 141).

Ademais, de acordo com Cavalcante *et al.* (2022), quando realizamos a inferência construímos objetos discursivos, por isso analisar os referentes por redes referenciais “implica observar as construções textuais sob o olhar do entorno interativo” (Cavalcante *et al.*, 2022, p. 273), haja vista que as entidades discursivas uma vez construídas são reformuladas e interconectadas mediante o viés intersubjetivo e simbólico de negociações frente ao cenário textual.

Recorremos, portanto, ao exemplo discutido por Matos e Nogueira (2022) para elucidarmos tais postulados discutidos anteriormente. Os autores analisam a recategorização em redes referenciais nos comentários do Instagram, sob o aspecto de relacionalidade, traçando um recorte adaptado da descrição tecnodiscursiva de Paveau (2021).

Imagem 2 - Charge do dia 7 de setembro, O jornal O Povo On-line



Fonte: Matos e Nogueira (2022).

Salientamos, primeiramente, que se evidencia uma relacionalidade entre os discursos da postagem em forma de charge e dos comentários. A relacionalidade é uma das características do tecnodiscurso, ou seja, de discursos oriundos do contexto digital, segundo Paveau (2021).

Segundo os autores, o referente “independência” apresenta-se interconectado em rede com o contexto discursivo de duas figuras públicas, primeiramente, a de Dom Pedro I proferindo a frase “Independência ou morte”, que se tornou ícone da conquista da independência do Brasil contra a coroa portuguesa. Em momentos posteriores, esse referente é recategorizado na figura política do ex-presidente do Brasil “Jair Bolsonaro” e evidenciado por elementos imagéticos, em que Bolsonaro permanece sobre o cavalo e é posicionado do lado oposto, pronunciando a expressão “Independência ou...”. A conclusão de sua frase é fornecida pelo cavalo ao declarar “Morte!”.

O contexto discursivo em questão altera a concepção de independência apresentada no primeiro quadrinho, pois, agora, a independência é recategorizada de maneira a contradizer o sentido inicial, conferindo, assim, um aspecto negativo por meio da recategorização por desconfirmiação de seus traços anteriores. Isso é corroborado também através das recategorizações presentes nos comentários, dentre elas o “Fora Bolsonaro”. Uma interpretação adicional é a predominância negativa da expressão “Independência” do primeiro quadrinho ao ser reformulada no segundo pela figura de Jair Bolsonaro e com base nos conhecimentos contextuais relacionados ao seu fazer político, no cenário brasileiro.

Nesse contexto, destacamos, segundo Cavalcante *et al.* (2022), que assim como o texto é notabilizado como evento comunicativo, único e irrepetível, as redes referenciais também se

constroem de maneira singular a cada vez que se manifestam no texto. Além disso, essa singularidade decorre também a partir de cada interlocutor, que constrói os objetos discursivos a sua maneira, pois cada interactante possui uma bagagem sociocultural. É por isso que demonstramos acima que não há só um sentido possível sobre o uso de “Independência”. Diríamos ainda que são possíveis outros, porque a depender do contexto sócio-histórico e do posicionamento ideológico do sujeito, outros sentidos podem ser expressos.

Outro aspecto destacado no exemplo acima é a dinâmica das redes referenciais em operar tanto por meio de elementos verbais quanto imagéticos. Isso esclarece que a interconexão entre esses referentes gera significados que, neste caso, evidenciam o projeto discursivo do produtor textual e sua perspectiva argumentativa sobre a data comemorativa de 7 de setembro em relação à independência do Brasil. Observa-se também a ativação de conhecimentos contextuais da política brasileira que possibilitam produzir sentidos negativos acerca da independência, levando em consideração as informações políticas do contexto da época em que Bolsonaro era presidente. Sentidos como esses são permitidos por causa de nódulos referenciais no cotexto como a figura imagética de “Bolsonaro”.

Um ponto destacado pelos autores e relevante para a compreensão das redes referenciais é a dimensão relacional entre os aspectos intratextuais (elementos presentes na tessitura do texto) e intertextuais (relações com outros discursos). Esse posicionamento reforça a ideia de que a construção referencial em rede ultrapassa a mera concatenação de elementos linguísticos e semânticos, enfatizando a interconexão com os conhecimentos culturais e sociocognitivos compartilhados na memória discursiva como aspecto fundamental. Em nossas análises, compreendemos que o conhecimento enciclopédico envolve relações intertextuais, sendo que isso é direcionado pelos nódulos em rede.

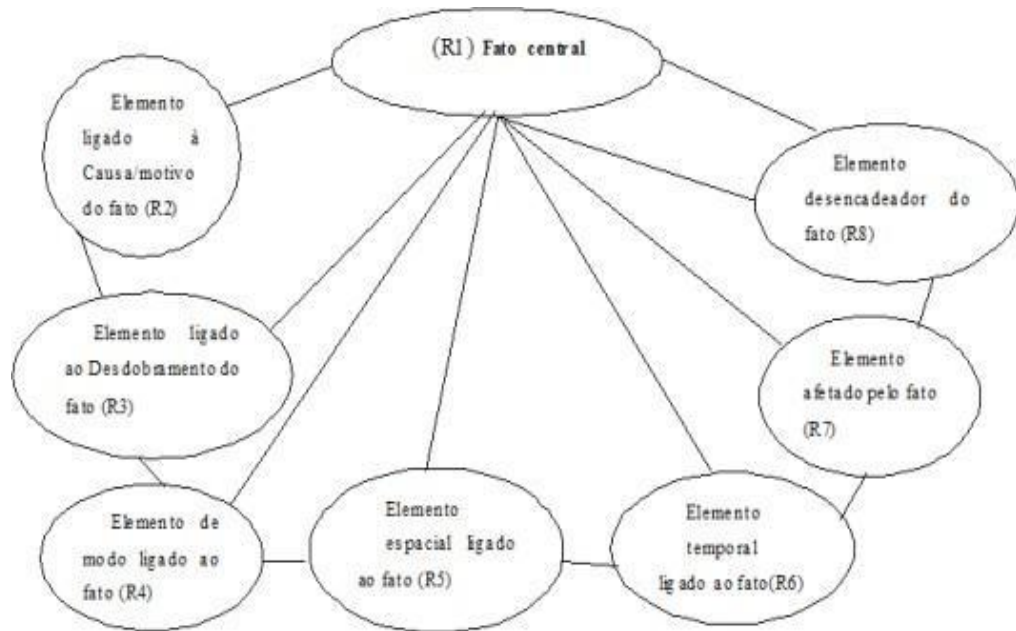
Agora, pontuamos a relacionalidade entre a noção de redes referenciais e a proeminência discursiva, uma vez que, observamos que as duas concepções teóricas se aproximam até certo ponto. Ademais, consideramos a noção de proeminência relevante ao estudo da acessibilidade, que neste trabalho, está entrelaçado com a noção de redes referenciais.

A proposta de Matos (2018) em sua tese é analisar a retórica composicional em notas jornalísticas e, a partir desse gênero, propõe rediscutir visões clássicas referentes a cadeias referenciais. É nesse contexto que a autora postula a noção de redes referenciais, como já discutido nessa dissertação. Essa noção passa a ser mais compatível com os estudos de referenciação atuais encontrados no âmbito sociocognitivo-discursivo.

A seguir evidenciamos um esquema de Matos (2018) adaptado a partir de Figueiredo (2003), em que pontua a estrutura básica de uma nota jornalística e como as redes referenciais

contribuem para arquitetar a composição da nota.

Esquema 1 - nota jornalística



Fonte: Matos (2018, p. 147).

Conforme observamos, a autora mostra nesse esquema tanto os elementos composicionais da nota quanto o fato, o espaço, o tempo, dentre outros. Além disso, há no esquema as redes marcadas com a letra R e seguidas de um numeral.

Não obstante, o que queremos ressaltar de fato é a preocupação de Matos (2018) em demonstrar que tudo parte de um elemento, que seria o mais proeminente (essa noção será mais bem detalhada na seção 5.3) e desencadeado a partir de sua relação com os demais elementos de mesmo tipo. No caso da nota, tudo parte do fato central e a partir dele observamos redes interconectadas ao elemento mais proeminente. Em nosso julgo, por mais que Matos (2018) não tenha se referido em sua tese a nomenclatura de proeminência ou que não tenha chegado a discutir essa noção, a autora dá indícios dessa categoria em sua análise. Para esclarecer esse postulado, recorreremos a um exemplo discutido pela autora:

Nota: Ex-ginasta comentará Olimpíada na TV paga

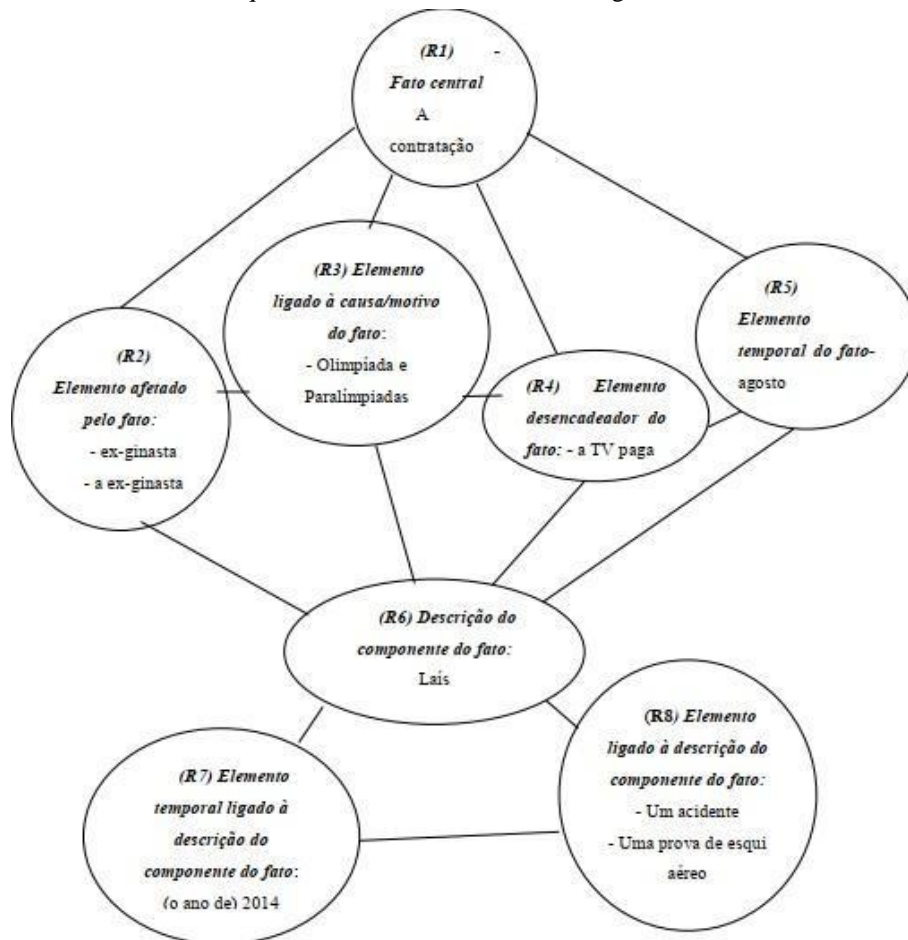


Laís comentará Olimpíada Por Thiago Prado

A SportTV acaba de fechar a contratação da ex-ginasta Laís Souza para comentar a Olimpíada e os jogos Paralímpicos em agosto. Laís tornou-se tetraplégica em 2014, após um grave acidente enquanto se preparava para uma prova de esqui aéreo (Matos, 2018, p. 178).

Após apresentar os movimentos retóricos composicionais da nota anterior e como as redes elucidam isso, Matos (2018) propõe um esquema representacional que nos ajuda a compreender como a noção de proeminência está presente na arquitetura das redes referenciais.

Esquema 2 - as redes referenciais no gênero noticioso



Fonte: Matos (2018, p. 184).

Em sua análise, a autora afirma, quando discute o movimento retórico de identificação da nota, que parte da relevância tópica surge do referente por ela escolhido como ponto de partida para elaborar as redes referenciais dessa nota. No item em que tratamos da noção de proeminência, Heusinger e Schumacher (2019), apontam a topicidade como uma das pistas de proeminência. Observando o esquema de Matos (2018), ressaltamos que a autora parte de um elemento proeminente: o referente “A contratação”. A inferência desse referente acontece a partir de sua dinamicidade de relação com outros referentes, que constitui o fato central da nota. Esse referente proeminente, funcionalmente, ancora em termos de operações composicionais os demais passos retóricos e seus respectivos referentes que ajudam a elucidar o projeto composicional da nota.

Mesmo que neste trabalho consideremos a proeminência como um dos fatores de acessibilidade, analisando-a com relação ao referente implícito introduzido ou retomado pelo marcador “ele(s)”, observamos a rede estrutural da tirinha intermediada pelo elemento mais proeminente da narrativa, que em alguns casos é próprio pronome “ele”, inferível por meio da relação dos referentes em rede. Pontuamos que, por motivos metodológicos, nesta dissertação não aprofundamos tal imbricação entre proeminência e redes referenciais, a não ser pelos fatores que extraímos de Heusinger e Schumacher (2019), sem embargo, julgamos este um dos assuntos a serem retomados em trabalhos futuros.

No próximo capítulo, discutiremos a teoria da acessibilidade proposta por Ariel (1996; 2001; 2006) e por Heusinger e Schumacher (2019). Propomos, por sua vez, que a acessibilidade de referentes esteja imbricada a noção de redes referenciais, discutida neste capítulo, pois acreditamos que a relação entre os referentes em rede poderá ser um subsídio a mais de explicação para compreendermos a acessibilidade de referentes, principalmente, de referentes implícitos.

5 AS IMPLICAÇÕES COGNITIVAS NO TEXTO E A NOÇÃO DE ACESSIBILIDADE

Destacamos que lidar com a referenciação é ocupar-se com o processamento textual, que, para Koch (2003), é um processo estratégico porque são realizados, nas palavras de Van Dikj (1988), passos interpretativos efetivados por parâmetros de cunho sociocognitivo. Por isso, é necessário ativar na memória modelos de situações similares que são designações cognitivas de “nossas experiências, mediatas ou imediatas, isto é, contém os acontecimentos, ações, pessoas, enfim, todos os elementos da situação a que o texto se refere” (Koch, 2003, p. 46).

De outro modo, o processamento textual, como assinala Koch (2011), necessita de conhecimentos de características textuais dos sujeitos, isto é, de seus objetivos, seu conhecimento de mundo (quer episódico quer enciclopédico), em outras palavras, o processamento textual (produção e compreensão) se dá por uma ação conjunta destes elementos.

Um aspecto importante no processamento textual é o conhecimento compartilhado, do qual se torna primordial não só para situar que tipo de informação pode estar explícita ou implícita no texto, a postura dos falantes na interação, o contexto, como também a escolha do gênero textual pelo produtor do texto, consideramos que o gênero tirinha, foco de análise, como já discutido nesta dissertação, necessita em grande parte do conhecimento compartilhado do leitor, do qual detém um papel ativo para preencher lacunas na acessibilidade. Resumidamente, “compreender textos depende sempre, então, de uma grande parcela de conhecimentos partilhados” (Koch, 2011, p. 292).

Observa-se que “a coerência entre as formas de linguagem demanda um trabalho cognitivo tanto por parte do autor quanto do leitor, cujo papel ativo no processo de interação requer preenchimento de lacunas”. Dessa forma, o processamento textual, bem como a referenciação, é um processo, sobretudo, cognitivo que está diretamente interligado aos tipos de memória, posto que, segundo Koch (2003), dentre as teorias que abordam a relação da cognição e o processamento textual, há o pressuposto de que a mente humana é um processador de informações, pois recebe, armazena, transforma e transmite conhecimentos.

Nesse viés, de acordo com a autora, os tipos de memória ajudam a explicar essa capacidade humana de armazenar informações, de ativá-las e de transmiti-las a depender do contexto de uso. Em uma visão filosófica, como ressalta Chaui (2000), a memória é a garantia de nossa própria identidade, além de uma forma de evocar o passado.

Recordemos, brevemente, as noções de memória, conforme a evolução dos estudos. Para Koch (2003), recordando os estudos clássicos da cognição e considerando o âmbito

textual, há: a) primeiramente, uma memória de curtíssimo tempo (a memória de percepção), onde estímulos visuais e auditivos são retidos por 250 milésimos de segundos; b) secundamente, uma memória de curto termo (MCT) com capacidade limitada, onde as informações são mantidas por um curto período; e, c) a memória de longo termo (MLT), da qual são armazenadas as informações permanentes.

A memória de longo termo subdivide-se em: memória declarativa, que, por seu turno, classifica-se em memória episódica e semântica; e memória implícita (procedural) ou memória não declarativa.

A memória declarativa descreve estados de coisas, pois nós humanos podemos declarar, descrever fatos ou eventos. Essa memória pode ser de cunho semântico, “que abrange o conhecimento em geral (categorial) sobre o mundo e as proposições acerca deste (Koch, 2003, p. 39), e episódica ou experiencial, que “contém as vivências pessoais, armazena episódios, isto é, eventos espaço-temporalmente situados, portanto, sensíveis às variações do contexto (Koch, 2003, p. 39). No entanto, as duas memórias estão em um *continuum* de relações, visto que podemos utilizar um conhecimento geral para desenvolver um específico e um conhecimento particular para ampliar um mais geral. Além disso, uma memória episódica pode com o tempo ser uma memória semântica.

No que diz respeito à memória não declarativa, está relacionada com as memórias de habilidades motoras ou sensoriais, o que chamamos de hábito.

No entanto, a perspectiva de Koch (2003) sobre os tipos de memória é simbólica, pois ela compreende as memórias como “caixas distintas”, observadas de maneira separada. Em estudos mais recentes, essa concepção de separação foi superada, conforme demonstrado na abordagem da memória social, que vai se situando mais proximamente do cenário de nossa compreensão da memória discursiva, no interior de uma perspectiva sociocognitiva.

Diante desse cenário, de acordo com Carmo, Karpinski e Bräscher (2017, p.73), a memória social, conforme defendida por Fentress e Wickham (2017), “é uma fonte de conhecimento que propicia elementos para uma reflexão do passado; modelo textual como materialização e registro da memória”, segundo os autores, esse tipo de memória emerge como uma fonte de conhecimento, na qual se consideram “os fatores socioculturais de um contexto onde o conhecimento é produzido” (Carmo, Karpinski e Bräscher, 2017, p. 02). Portanto, para interpretar uma memória, torna-se indispensável compreender o contexto que abriga “características sociocognitivas”. Vale ressaltar que a sociocognição incorpora o contexto com um elemento determinante para as ações sociais do indivíduo por meio da linguagem, além de desempenhar um papel crucial na categorização e representação desses processos na escrita.

Entretanto, numa perspectiva textual-discursiva, a qual esta pesquisa está vinculada, buscamos focalizar, para além da memória social, a memória discursiva sociocognitiva. Esse tipo de memória, segundo Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014, p. 153), é um “conjunto de representações que os interlocutores constroem de si mesmos, dos temas, de conhecimentos socioculturais compartilhados, de suas finalidades argumentativas quando interagem por meio do texto”. Por conseguinte, de acordo com os autores, todo texto pressupõe uma memória compartilhada desencadeada pelo discurso, seja pelas informações ditas ou implícitas do contexto enunciativo ou enciclopédico.

É importante mencionar que a mobilização desse conhecimento compartilhado ativado pela memória discursiva decorre de inferências, ou seja, para se inferir é necessário recorrer a algum processo mental, que é ativado pela memória discursiva. Logo, segundo Koch (2011, p. 39) as inferências são “estratégias cognitivas por meio das quais o ouvinte ou leitor, partindo da informação veiculada pelo texto e levando em conta o contexto (em sentido amplo), constrói novas representações mentais”. Consequentemente, a inferência é uma operação mental capaz de integrar as informações nas redes nas tirinhas, conforme enfatizado no decorrer do nosso capítulo de análise.

Assim como indicado por Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014, p. 153) às etapas sucessivas dessa representação na memória discursiva são amplamente atribuídas à negociação mediada pelos processos referenciais¹. Em outras palavras, a compreensão de elementos como introdução, anáfora ou dêitico, por exemplo, está, acima de tudo, associada às informações compartilhadas por meio de uma memória discursiva.

Nesse contexto, o ponto de partida de nossas análises é compreender quais conhecimentos é necessário para que o leitor possa acessar mentalmente (cognitivamente) um referente que fora introduzido de forma vaga. Nas tirinhas analisadas, observa-se o pronome “ele” como um “caso insólito”, isto é, introduzido sem um gancho precedente. Dessa forma, como não há um antecedente que o ancore explicitamente, a sua acessibilidade depende, em boa parte, dos conhecimentos compartilhados a partir da memória discursiva.

Em face do exposto, a teoria da acessibilidade de Ariel (1996) tem como concepção central a ideia de que as expressões referenciais no discurso – definidas como marcadores de acessibilidade – sinalizam ao interlocutor como recuperar da memória (conhecimentos de contexto enciclopédico, de contexto de situação de fala e de contexto linguísticos, além de informações elementares para a inferência de certos referentes). Neste trabalho conceituamos o

¹ Cf. capítulo 3, onde esse assunto se encontra resenhado.

termo “objetos discursivos” (referentes), de acordo com Cavalcante, Custódio-Filho e Brito (2014), como uma concepção mental de uma entidade discursiva estabelecida no texto, ou seja, são objetos discursivos assentados por meio de pista textuais.

À vista disso, mediante a abordagem sociocognitivo-discursiva, propusemos-nos a ampliar a análise da acessibilidade através das redes referenciais, adaptando a Teoria da Acessibilidade de Ariel (1996; 2001; 2006) em relação com a abordagem de Heusinger e Schumacher (2019), que será discutida adiante.

Ariel (1996) admite também que as expressões referenciais detêm cargas conceituais-semânticas que auxiliam no ato de inferência dos referentes. Nesse contexto, a teoria da acessibilidade busca no âmbito cognitivo e contextual-semântico possibilidades de acessar determinados referentes que se encontram no discurso. Acreditamos, por sua vez, que não só o aspecto cognitivo e semântico é suficiente para coconstruirmos a acessibilidade dos referentes, já que defendemos que o processo de ativação dos referentes é muito mais difuso, pois perpassa, sobretudo, aspectos socioculturais em que os sujeitos são evidenciados como agentes sociais. Além disso, consideramos que o contexto sociocomunicativo e prismas históricos-ideológicos são determinantes para a construção de sentidos.

Ariel (2001) vai de encontro a outros autores, do qual afirmam terem expressões linguísticas especializadas para recuperar o contexto linguístico, enciclopédico e de situação de fala. Logo, segundo Ariel (1996, p. 17) “o tipo de memória não pode então ser usado para caracterizar o uso linguístico”. Em outras palavras, esses tipos de memórias não podem ser atribuídas aos respectivos *givennes* de conhecimento, físico e linguístico, categoria esta que será melhor explanada na seção 5.1, o que ocorre é a existência de diferentes graus de acessibilidade mental para cada expressão de referência.

Embora concordemos com a autora quando afirma que não há especialização das expressões linguísticas em recuperar os tipos de memória, assumimos a concepção de que não só o marcador de acessibilidade é responsável por recuperar os tipos de memória ou a possibilidade de inferir a acessibilidade dos referentes, acreditamos que é a relação entre o marcador e os demais referentes em rede condicionados aos fatores de acessibilidade que desencadeiam a acessibilidade de tais entidades discursivas.

De acordo com Ariel (1996), há três critérios de grau de acessibilidade de um objeto discursivo integrados entre si, são eles: a informatividade, ou seja, o grau de conteúdo de uma expressão referencial; a rigidez, quando anáfora e antecedente estão no mesmo *frame*/unidade; e a atenuação, que representa a dimensão fonológica de uma expressão referencial.

Ariel (1996) estabelece que a escolha pelo produtor textual por formas referenciais

menos informativa, rígida e mais atenuada indica que a entidade mental é mais acessível ao interlocutor. Por outro lado, quando o produtor textual infere que determinada entidade mental é pouco acessível, este admitirá formas referenciais mais informativas, rígidas e menos atenuadas para que seu interlocutor possa recuperar o referente em questão.

A escala de acessibilidade da autora é disposta da seguinte forma: primeiramente, há as expressões referenciais de graus mais baixos, logo, mais informativas e rígidas e menos atenuadas, findando com as expressões referenciais mais altas em acessibilidade (ou seja, menos informativas, rígidas e mais atenuada).

Nome pleno + modificado> nome pleno> descrição definida longa> descrição definida curta> último nome> primeiro nome> demonstrativo distante + modificador> demonstrativo próximo + modificador> demonstrativo distante + SN> demonstrativo próximo + SN> demonstrativo distante - SN> demonstrativo próximo - SN> pronome tônico + gesto> pronome tônico> pronome clítico> flexões de pessoa verbal> zero (Ariel, 1996, p. 10).

Em consonância com a escala de acessibilidade acima, a escolha pelo produtor textual por uma forma referencial “Nome pleno + modificador” ou “nome pleno” indicaria, segundo a autora, que a entidade mental daquele referente estaria pouco acessível ao interlocutor, conseqüentemente, o uso por formas mais informativas, rígidas e menos atenuadas possibilitaria a melhor compreensão do seu interlocutor. Por esse lado, há a possibilidade de o produtor textual escolher o pronome pessoal, como, por exemplo, o pronome “ele”. Esse pronome é categorizado, segundo Ariel (1996), como uma forma referencial menos informativa, rígida e mais atenuada, logo, é uma expressão referencial de alto grau de acessibilidade. A preferência, então, por essa forma referencial indica que o interlocutor detém conhecimento do objeto discursivo sem muitos esforços cognitivos.

Conquanto, assim como Costa (2007), acreditamos que o fato de Ariel (1996) determinar os critérios de grau de acessibilidade como requisitos para determinar o nível de acessibilidade de uma expressão, esses não constituem aspectos suficientes para quantificar os marcadores em escala. Por via disso, admitimos neste trabalho que a referenciação é um processo dinâmico do mesmo modo que o processo de acessibilidade dos referentes que envolve vários fatores. Nesse sentido, focalizar e classificar a acessibilidade dos referentes somente pela forma linguística é no mínimo formalista e estático.

Neste trabalho advogamos que, dentre os critérios que possibilitam a coconstrução da acessibilidade dos referentes, é a relação das entidades discursivas em rede no cotexto que fornecem links para acessarmos outros nódulos referenciais estabelecidos contextualmente.

Outro fator que suscita discordância da escala de Ariel é o que afirma Costa (2007), quando enfatiza que “não há garantia de que qualquer contexto seja o mesmo em qualquer contexto de uso” (Costa, 2007, p. 134), embora a escala de acessibilidade tenha sucedido de dados empíricos. Partimos desse ponto em nosso trabalho ao observarmos que em alguns contextos de uso do pronome “ele” acontece o contrário do que Ariel (1996) frisa, quando postula o grau de acessibilidade alto desse pronome por ser menos informativo, rígido e mais atenuado.

No tópico a seguir, destacamos os fatores de acessibilidade de acordo com Ariel (1996;2001;2006), uma das categorias de análise desta dissertação.

5.1 FATORES DE ACESSIBILIDADE: CONSTRUÇÃO COGNITIVA DOS REFERENTES

Ariel (2001), analisando a relação entre o antecedente e a anáfora, ou seja, a noção de continuidade referencial, constata quatro fatores que interferem no grau de acessibilidade de um antecedente. É importante mencionar que não se restringem entre si, visto que se relacionam numa interação complexa. Vale ressaltar que a autora quando se propõe analisar a acessibilidade de referentes leva em conta a noção de cadeia referencial, portanto, o pressuposto de que o referente detém um antecedente explícito no discurso que depois será retomando por meio de um marcador referencial. Apesar de mencionar em sua teoria também o fato de acessibilidade de alguns referentes estarem relacionados a “gatilhos”, como os casos insólitos do pronome “ele”, que será explanado adiante, a autora não focaliza tal aspecto. Nesta dissertação, porém, o estudo da acessibilidade é diante ao método relacional, em que não buscamos um antecedente ao pronome “ele/s”, mas sim “gatilhos” em rede com o qual o pronome “ele/s” esteja próximo mediante as relações de ancoragem.

O primeiro fator concerne ao *nível de distância* entre o antecedente e a anáfora, na eventualidade de a distância poder acontecer tanto entre palavras quanto em parágrafos. O fato é que quanto maior a distância das menções de um mesmo objeto discursivo, menor será o grau de acessibilidade. Vejamos o exemplo abaixo sobre este aspecto:

Texto 20: Bolsonaro anunciou o golpe: não há mais espaço para omissão

Bolsonaro avisou ao mundo que não confia nas urnas. Grandes personalidades e entidades que fiquem caladas serão coniventes com o golpismo. Até a Fiesp deu um passo a frente.

[...] Mas não podemos subestimar o golpismo do presidente. Não é razoável imaginar que ele, tomado pela irracionalidade, dará os próximos passos com base na razão. Um homem desequilibrado, desesperado, isolado politicamente, sem mais nenhuma carta na manga, pode fazer qualquer coisa. É claro que Bolsonaro poderá tentar o golpe, mesmo que não haja condições objetivas para isso (Disponível em: <https://theintercept.com/2022/07/23/bolsonaro-golpe-nao-ha-espaco-omissao/> grifos meus).

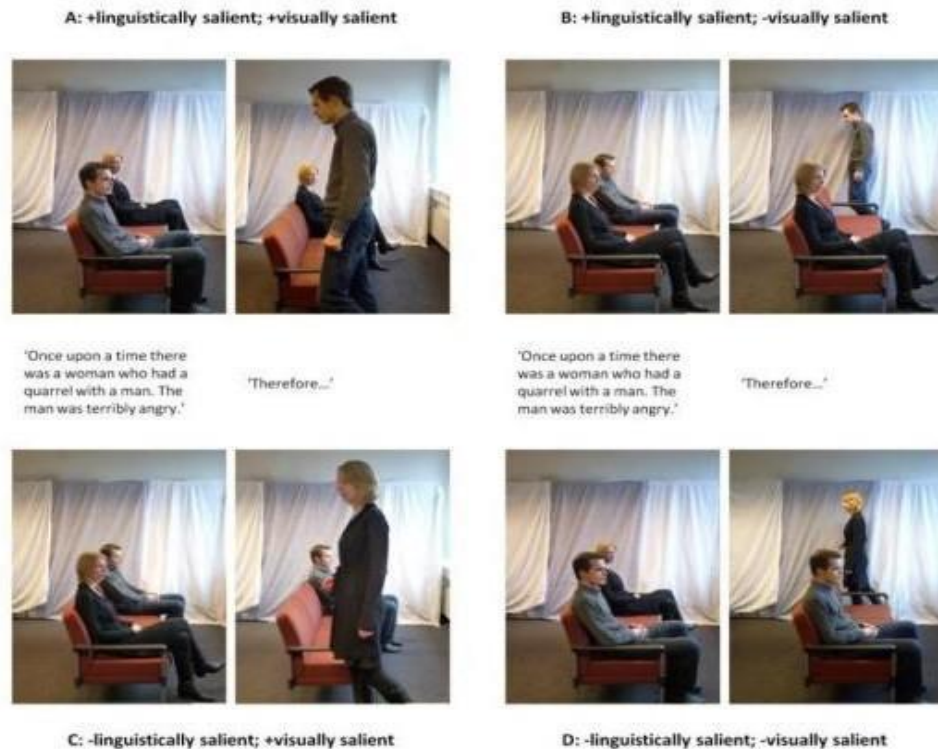
Observamos que o antecedente “presidente” e sua anáfora “ele” se encontram em frases próximas, motivando a mobilização (Ariel, 1996) pelo produtor textual de um marcador de alta acessibilidade categorizado pelo pronome pessoal “ele”, o qual é caracterizado por ser menos informativo, menos rígido e mais atenuado.

A nosso ver, o fato de o pronome “ele” ser utilizado como marcador de alta acessibilidade poderia ser explicado igualmente pelo fato de seu antecedente estar explícito no cotexto. Portanto, julgamos evidenciar que o marcador “ele” para ser categorizado ou não como uma expressão de alta ou baixa acessibilidade não poderia ser explicado por bases fonológicas, mas através de uma relação de ex(im)plicitude do seu antecedente no cotexto.

Decidimos retirar esse fator das categorias de análise por conta do gênero tirinha, dado a sua progressão textual relativamente menor e pelo fato da ocorrência contextual do pronome “ele/s” nas tirinhas de Armandinho, uma vez que não se observou nas tirinhas analisadas antecedentes ao pronome “ele/s” no cotexto.

O segundo fator de acessibilidade se refere ao *nível de competição* entre os antecedentes, em outros termos, o grau de acessibilidade pode se tornar mais baixo quando há várias entidades discursivas que podem ser inferidas como antecedentes anafóricos de uma determinada anáfora. Segundo Vogels, Krahmer e Maes (2019), a *competição* entre referentes em textos multissemióticos é analisada considerando a influência tanto de informações linguísticas quanto visuais na escolha de expressões referenciais. Vale destacar também que os autores enfatizam a importância do contexto discursivo na relação da acessibilidade de referentes, algo não tão focalizado por Ariel (1996). Dessa forma, a presença de um referente competidor visualmente apresentado influencia o uso de pronomes, independentemente da presença de um referente competidor linguisticamente situado no contexto, pois a interferência desse referente competidor no processo de recuperação da representação do referente alvo pode resultar em expressões mais específicas (com descrições mais longas) especialmente quando os referentes compartilham similaridades de gênero ou se encontrarem em situações visuais análogas. Vejamos o exemplo abaixo:

Texto 21:Saliência visual



“Once upon a time there was a woman who had a quarrel with a man. The man was terribly angry. therefore...” (Vogels, Krahmer e Maes, 2019, p.09).

No exemplo em questão, os dois personagens de gêneros diferentes estão juntos na cena visual, nesse experimento cognitivo, os participantes usaram expressões de referência mais explícitas e menos pronomes para o referente alvo (Era uma vez uma mulher que teve uma briga com um homem. O homem ficou terrivelmente zangado com isso). Isso ocorreu porque a ativação de uma característica semântica compartilhada (como ambos os personagens estarem sentados em um sofá) diminuiu a acessibilidade dos referentes, levando os participantes a serem mais específicos em suas expressões.

Embora o visual esteja saliente, quando os participantes foram se referir aos referentes (homem e mulher), na hora de se expressarem, os participantes tendem a pronominalizar menos os referentes, mas sim escolheram expressões mais descritivas para melhor explicar a cena em questão em que, segundo os autores, o uso dos pronomes aparenta ser mais dominado pela saliência do contexto linguístico.

Vogels, Krahmer e Maes (2019) se assemelham a Ariel (1996) quando enfatizam o fato de considerarem diferentes fatores multifacetados para analisar a acessibilidade, no entanto, Ariel tende a enfatizar mais o aspecto cognitivo, deixando os aspectos pragmático- interacionais com baixas influências na análise do estudo da acessibilidade.

Ademais, Vogels, Krahmer e Maes, (2019) discordam da visão linear de continuidade referencial e da estabilização de escala de acessibilidade, ou seja, de frisar a forma do marcador para determinar sua acessibilidade, algo que Ariel tende a enfatizar nos estudos da área.

Esse fator de competitividade condicionado as redes referenciais nas tirinhas analisadas é um dos que contribuem para uma maior acessibilidade do referente identificado como “ele/s”, visto que, diante a progressão textual, não se detecta outra entidade que pudesse competir com o referente em análise.

Em um âmbito sociocognitivo-discursivo Costa (2007, p. 124), demonstra-se através do exemplo abaixo que “os referentes ‘um leão’ e ‘um mosquito’ são retomados quase que exclusivamente por meio da repetição de nomes plenos com a mudança apenas do determinante”, em razão de que o fator competição estaria influenciado a escolha das formas supracitadas.

Texto 22: O leão e o mosquito

Um leão ficou com raiva de um mosquito que não parava de zumbir ao redor de sua cabeça, mas o mosquito não deu a mínima.

- Você está achando que vou ficar com medo de você só porque você pensa que é rei? – disse ele altivo, e em seguida voou para o leão e deu uma picada ardida no seu focinho.

Indignado, o leão deu uma patada no mosquito, mas a única coisa que conseguiu foi arranhar-se com as próprias garras. O mosquito continuou picando o leão, que começou a urrar como um louco. No fim, exausto, enfurecido e coberto de feridas provocadas por seus próprios dentes e garras, o leão se rendeu. O mosquito foi embora zumbindo para contar a todo mundo que tinha vencido o leão (Fábulas de Esopo - Companhia das Letrinhas) (Costa, 2007, p. 174, grifos da autora).

Conforme Costa (2007), a concomitância de gênero e número entre as expressões “o leão” e “o mosquito” não permitiria que fossem referidas pelo pronome “ele”, por exemplo, haja vista que desencadearia ambiguidade em virtude da competição entre os antecedentes. Nesse exemplo, a anáfora “ele” é utilizada somente para se reportar a fala do mosquito, pois é observável que não ocorrer ambiguidade em razão de o antecedente e anáfora estarem no mesmo *frame* e na mesma frase. Desse modo, concordamos com Ariel (1996) e Costa (2007), quando olhamos para o que está em jogo, isto é, o cuidado do produtor textual em resolver um possível caso de polissemia, do qual busca por meio de nomes plenos retomar cada referente anteriormente já dito no cotexto.

O terceiro fator refere-se ao *nível de saliência no discurso*, no qual um dos principais requisitos deste aspecto se refere a entidade ser tópica ou não tópica. Assim, “o autoconhecimento estereótipo da inferência necessária para gerar um status de informação contextual já [é] conhecido pelo interlocutor” (Ariel, 2001, p. 33). Além da topicidade, a autora determina os critérios de presença física reiterada do referente em análise do qual se fala, a relação entre o antecedente e a anáfora (ou seja, se o antecedente é recente no discurso) e a frequência com qual o antecedente da anáfora é frisado como requisito para designar a saliência de um objeto discursivo.

A topicidade é um dos critérios utilizado pela autora como um recurso que possibilita explicar o uso do pronome “ele”, caracterizado com um marcador de alta acessibilidade, mesmo que seu antecedente esteja em um parágrafo anterior. É fato que Ariel (1996) se detém mais na análise correfencial (antecedente e anáfora), e quando encontra este exemplo que foge um pouco dessa regularidade mais linear e correferencial, explica o fenômeno como um caso em que o produtor do texto indica ao interlocutor que o referente está presente no discurso, sendo este o tópico discursivo, embora não esteja mencionado explicitamente no cotexto. Isso possibilita, então, escolher um marcador de alta acessibilidade, como o “ele” para se referir ao referente, sem explicar diretamente a que se refere. Frisamos, por sua vez, que em nossas amostras, o pronome “ele/s” nas tirinhas de Armandinho tende a se apresentar como um caso insólito, como este analisado por Ariel, ou seja, a sua presença introduz o objeto discursivo sem antecedente, ou sem âncoras explícitas. No entanto, buscamos em nossas análises aprofundar mais as explicações a este fenômeno, analisando, portanto, quais os fatores de acessibilidade em rede que mais influenciam a acessibilidade do pronome “ele/s”.

Outro ponto a ser frisado é que quando enfatizamos a topicalidade como um critério para inferir qual o referente saliente das tirinhas de Armandinho, examinamos este critério não com base em seu antecedente, até porque, nas tirinhas analisadas, não constatamos antecedentes, o que procuramos fazer é ressaltar a topicalidade do elemento proeminente com o qual o pronome “ele/s” se relaciona em rede. Nesse aparato a topicalidade nas tirinhas de Armandinho se torna importante, uma vez que, embora o referente do pronome “ele” não seja o tópico discursivo, observa-se mediante as análises, que o referente em questão mantém relações diretas com o referente saliente da tirinha, dado que o referente do “ele” é o agente das ações topicais da narrativa, isso é flagrável por meio das relações de ancoragem em rede. Dito isso, vejamos o exemplo analisado pela autora:

RICKIE: You know like, Sabe como é,

(H) but he was making,

(H) mas ele estava fazendo

I don't know how you describe it, Eu não sei como se descreve isso,

you know how you can be like a nuisance to someone?

Sabe, quando você se sente como se fosse um incômodo para alguém?

REBECCA: [Mhm].

[ahã]

RICKIE: [or] ...you may smell or some[thi]ng [ou]... você percebe ou alguma coisa assim

REBECCA: [Yeah].

[Sim]

RICKIE: you know like that you [know, sabe, como que você [sabe

REBECCA [Yeah]

[sim]

RICKIE: [or] moving around [or] ou ir embora

you know like, sabe,

...as he wanted her to move

... como se ele quisesse que ela fosse embora (Ariel, 2001, p. 80, grifos da autora).

Observa-se, que mesmo ocorrendo vários turnos de fala após a sua primeira menção no discurso, o pronome “ele” é dito novamente. Os pronomes estão em uma categoria de alta acessibilidade, por isso, não são esperados em casos como esse, visto que o critério de distância impossibilitaria a utilização desse marcador. No entanto, como postula Ariel, a maioria dos casos em que o pronome “ele” é utilizado – mesmo havendo distância entre o antecedente e a anáfora – se constitui como tópico discursivo.

O quarto aspecto diz respeito ao *nível da unidade*, segundo a qual há níveis mais elevados de acessibilidade quando o antecedente se encontrar na mesma frase ou no parágrafo da anáfora. Ariel (1996) enfatiza que o fato de o antecedente participar ou não do mesmo *frame* ou do ponto de vista da anáfora interfere no grau de acessibilidade. Além disso, Costa (2007) acrescenta que se a informação a qual se faz referência fizer parte da “base cognitiva comum a uma determinada comunidade cultural” (Costa, 2007, p. 127), o grau de acessibilidade se torna mais alto. Contudo, se a informação não pertencer a uma base cognitiva comum de uma comunidade, o grau de acessibilidade tende a ser atenuado. Nesse intuito, a autora direciona o

estudo da acessibilidade para o âmbito sociocognitivista, onde não só o marcador é responsável pela inferência do referente, mas por todo o conhecimento sociocognitivo compartilhado pela comunidade cultural.

Por intermédio do exemplo 18, pode-se averiguar, com base em Ariel (1996), que o aspecto unidade ocorre entre o antecedente “presidente” e a anáfora “ele”. Dito de outro modo, pelo fato de o antecedente estar explícito e a anáfora se encontrarem no mesmo parágrafo, o grau de acessibilidade/inferência da anáfora é particularmente mais alto, o que justificaria a escolha pelo marcador “ele”.

O fator unidade é analisado em nossas amostras mediante ao critério dos quadrinhos e dos *frames*, essa escolha metodológica se deve, sobretudo, às características do gênero em análise. Compreende-se que pelo fato do referente identificado como “ele/s” não está no mesmo quadrinho de todos os demais nódulos é um fator de limitação a sua acessibilidade.

Outro fator a ser frisado e reportado por Costa (2007) é a base cognitiva comum a uma comunidade discursiva, que proporciona um grau de acessibilidade mais alto, isto é, o fato do conhecimento sociocognitivo de que Bolsonaro era na época presidente do Brasil propicia que essa entidade discursiva seja referida anaforicamente pelo vocábulo “presidente”. Sem esse conhecimento, a acessibilidade desse referente seria singularmente mais baixa.

Já no exemplo abaixo, por se tratar de uma tirinha, o leitor deve interconectar os elementos verbais e imagéticos para inferir o antecedente da anáfora “meu cliente”, vejamos:

Texto 24 - Meu advogado



Fonte: Ramos (2022, p. 65).

Ao nos depararmos com o todo da tirinha, bem como com o direcionamento do primeiro balão e com as linhas cinéticas que indicam a fala de alguém, observa-se que o primeiro balão de fala se refere à fala do juiz. Podemos inferir também por meio do nosso conhecimento compartilhado a respeito da categoria “julgamento de um réu”, do qual, geralmente, no início

do julgamento, o juiz detalha o nome do réu e a sua conduta que o fez chegar até o tribunal de justiça.

É na fala do juiz que há a introdução do objeto discursivo “Hugo Baracchin”, que será retomado posteriormente por meio da anáfora “meu cliente”. Assim, em termos de unidade – embora observemos uma unidade alta, visto que o antecedente está explícito e relativamente perto de sua anáfora, segundo a categoria de Ariel (1996) –, a inferência realizada pelo leitor não se restringe unicamente à proximidade ou à explicitude do seu antecedente, mas, a nosso ver, há um entrelaçar de elementos verbais (como, por exemplo, “bom eu[...]” dito pelo personagem da direita do primeiro balão) e de elementos imagéticos (como, por exemplo, a figura do advogado, fato deduzível pela vestimenta (paletó, maleta) e pelo discurso característico marcado na expressão “meu cliente”) que favorecem a interpretação da anáfora em questão.

O exemplo supracitado elucidada que tais fatores de acessibilidade de Ariel (1996) podem ser analisados de forma adaptada a um gênero do tipo tirinha, que imbrica elementos verbais e imagéticos (surge desse contexto a escolha do *corpus* desta dissertação), mesmo que gêneros como esse não tenha sido objeto de análise da autora, pois restringiu-se a tão somente textos verbais.

Após demonstrarmos como é postulada a acessibilidade por Ariel (1996; 2001; 2006), na próxima seção, destacamos a análise da autora quanto à noção de *givenness*, uma das categorias que também se relaciona à noção de acessibilidade, explorada em nossas análises.

5.2 GIVENESS: NOÇÃO TRIPARTITE

Ariel (1996; 2001) discute a noção de *givenness* do ponto de vista cognitivo, que diz respeito à forma linguística e ao nível mental de acessibilidade. A autora esclarece essa concepção quando aborda a importância do contexto, argumentando que não se pode estabelecer uma correspondência direta entre a forma linguística e o tipo de contexto (linguístico, de fala e sociocognitivo). Logo, o tipo de memória (enciclopédica, de fala e linguística) não situa o conhecimento dado pelo *givenness* em conhecimento de mundo, físico e linguístico. O que se observa, de acordo com a autora, são diferentes níveis de acessibilidade para cada marcador de acessibilidade a depender do contexto.

A noção de *givenness* abrange aquilo que é fornecido no contexto, englobando informações situadas no contexto de fala, no linguístico ou no enciclopédico. Em razão disso, a autora enfatiza a ausência de formas linguisticamente especializadas que se restrinjam

exclusivamente aos contextos mencionados. Para respaldar essa assertiva, a autora apresenta uma série de exemplos para demonstrar que uma mesma forma linguística pode se referir aos três contextos em questão. A chave desse fenômeno, segundo ela, reside na habilidade dos falantes em sinalizar ao interlocutor o grau de acessibilidade dos referentes, sem direcioná-los a recuperar a origem geográfica cognitiva do referente. Essa abordagem oferece uma perspectiva mais convincente sobre a dinâmica do *givenness* e a sua relação multifacetada com diferentes contextos.

A autora utiliza como um dos exemplos elucidativos o marcador “the party” (o partido). Abaixo, examinaremos a perspectiva da autora em relação a esse marcador nos contextos linguístico, enciclopédico e de fala:

Contexto linguístico

Members of the labor expressed their deep anger at the assassination of prime minister Rabin. **The party** will convene for a memorial session for Rabin today.
(Membros do trabalho expressaram sua profunda raiva pelo assassinato do primeiro-ministro Rabin. **O partido** se reunirá para uma sessão memorial para Rabin hoje)
(Ariel, 1996, p. 08).

O marcador “the party” tem sua acessibilidade ancorada cognitivamente às informações linguísticas dadas pelo contexto linguístico, em outros ditos, é o conhecimento dado pelo contexto que situa a ancoragem do marcador em questão.

Contexto de fala

The party will convene for a memorial session for Rabin today.
(**O partido** se reunirá para uma sessão memorial para Rabin hoje) (Ariel, 1996, p. 08).

A autora observa que, nesse caso, o marcador “the party” é inferido diante das informações do contexto de fala, que constitui um contexto de conversa entre os membros do partido para decidirem entre eles a ocorrência de uma reunião memorial com o partido.

Contexto enciclopédico

The party will convene for a memorial session for Rabin today. Party: Labor, Likud, Greens.
(O partido se reunirá para uma sessão memorial para Rabin hoje. Partido: Trabalhadores, Conservadores e Verdes) (Ariel, 1996, p. 08).

Apesar de esse exemplo ser o mesmo do utilizado no contexto de fala, a forma cognitiva em que se dá a recuperação do marcador “the party” é diferente, uma vez que no último exemplo o leitor recupera a inferência do marcador por meio de informações dadas pelo contexto enciclopédico.

Percebe-se, a partir disso, que todos os tipos de *givenness* podem se alinhar no mesmo

exemplo. Em nossa análise, observaremos qual contexto contribui mais para a acessibilidade do referente implícito identificado pelo pronome “ele(s)”; ou melhor, qual dos *givenness* possibilitam ao leitor mais informações acerca do referente implícito para, assim, coconstruir uma perspectiva do referente do marcador em questão.

No próximo item, pontuamos o estudo da acessibilidade diante a abordagem sociocognitiva discursiva, como se reporta Costa (2007) em sua tese.

5.3 ACESSIBILIDADE: ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA-DISCURSIVA DE COSTA (2007)

Dentre as teorias resenhadas por Costa (2007) que retratam a acessibilidade em sua tese, a autora compreende que a teoria de acessibilidade de Ariel (1996) é a mais adequada entre as propostas resenhadas para analisar o fenômeno de encapsulamento intertextual estudado pela autora em mensagens eletrônicas dos membros da Comunidade Virtual da Linguagem (CVL), devido à sua capacidade de integrar uma complexa interação entre diversos fatores, tanto textuais quanto extratextuais. Ao todo, Costa analisa 233 mensagens desse ambiente virtual.

Segundo a autora, o encapsulamento intertextual nas mensagens eletrônicas dos membros da CVL é um fenômeno onde uma expressão referencial em uma mensagem recente resume o discurso presente em mensagens anteriores. Neste contexto, as mensagens mais recentes na lista de discussão funcionam como réplicas às anteriores, e os participantes frequentemente utilizam argumentos de comentários anteriores como tópicos para seus próprios comentários. Esse processo resulta em expressões que sumarizam não apenas uma parte do texto atual (cotexto), mas sim uma mensagem anterior ou até mesmo todo o discurso que a precedeu.

Costa utiliza os fatores de acessibilidade de Ariel para analisar os casos de encapsulamento intertextual em mensagens na CVL de maneira detalhada. Ela aplica os fatores de Distância, Competição, Saliência e Unidade para entender como as mensagens mais recentes da CVL interagem com as anteriores, destacando que, geralmente, há um enfraquecimento na unidade quando a relação se dá em nível intertextual, o que leva ao uso de expressões marcadoras de baixa acessibilidade, como descrições mais longas e informativas, como perceptível no exemplo abaixo:

Texto 25: CVL

De: C. C.

Para: CVL@yahoogroups.com Data: 10/11/2002 22:51

*Assunto: *CVL* - E os cursos de graduação em língua estrangeira?*

*Caros amigos, ao ver toda **esta preocupação com a formação dos nossos futuros professores de língua portuguesa**, refleti um pouco sobre os cursos de 154 graduação em língua estrangeira. Gostaria de saber se há projetos ou estudos que falem da formação destes. Como os alunos estão recebendo diplomas, será que eles estão realmente capacitados para lecionar as quatro habilidades de uma língua estrangeira? Se não estão, como podemos fazer para tentar mudar esta situação?Agradeço pela atenção*

Fonte: Costa (2007, p. 152-153, grifos da autora).

De acordo com a autora, a expressão destacada **esta preocupação com a formação dos nossos futuros professores de língua portuguesa**, tendo como base os critérios de Ariel, apresenta um alto nível de informatividade e rigidez, pois descreve com detalhes o referente pretendido. Este detalhamento confere à forma referencial um baixo nível de atenuação, ou seja, a expressão é direta e específica em sua referência. A série de especificações adicionadas ao núcleo do sintagma e o uso do determinante "toda esta" fazem parte de uma estratégia argumentativa utilizada pelo remetente da mensagem para esclarecer melhor o que ele quer dizer.

A escolha do termo "preocupação", segundo a autora, possui um forte conteúdo avaliativo, parece ter levado o autor da mensagem a explicar explicitamente aos destinatários (referidos como "Caros amigos") sobre qual preocupação ele se refere. Costa (2007) sugere que se o remetente tivesse escolhido um termo mais neutro, como "discussão" ou "debate", as especificações talvez não fossem necessárias, pois esses termos poderiam ser mais facilmente inferidos do contexto da lista de discussão.

O uso do termo "preocupação" recategoriza, no nível cognitivo, o que seria mais naturalmente categorizado como "discussão" ou "debate". Isso indica que, embora não haja uma menção anterior específica, o remetente optou por uma abordagem mais direta e enfática para garantir a clareza da mensagem.

Ademais, Costa (2007) explica a utilização de pronomes para sumarizar (encapsular) mensagens anteriores na Comunidade Virtual da Linguagem (CVL) com base na escala de acessibilidade de Ariel. Segundo esta escala, as formas pronominais, que geralmente são pouco

informativas, indicam um alto grau de acessibilidade do referente à superfície textual. Normalmente, essas formas são usadas para retomar um referente que foi mencionado anteriormente por um sintagma nominal (SN) pleno, constituindo um caso de anáfora correferencial. No entanto, Costa observa um desvio deste padrão na CVL, como evidencia o exemplo abaixo:

Texto 26: CVL

From: "A. S." <as@terra.com.br> To: <CVL@yahoogroups.com>

Sent: Tuesday, May 18, 2004 11:01 AM

Subject: [CVL] Re: o assunto das cotas!!!!!!!!!!

Não se poderia dizê-lo melhor!

A. S.

Fonte: Costa (2007, p. 158, grifos da autora).

De acordo com a autora, o uso da forma pronominal “lo” encapsula um conjunto de informações veiculadas em uma mensagem anterior que teoricamente não faz parte do cotexto da mensagem atual, ou seja, está fora dos limites da mensagem corrente. Este exemplo desafia a teoria da acessibilidade de Ariel, pois a forma referencial, ao remeter a outra mensagem, deveria, pelos critérios de distância e unidade, ser considerada de baixa acessibilidade. No entanto, Ariel propõe que um critério pode se sobrepor a outro na determinação do grau de acessibilidade, o que pode explicar o uso da forma pronominal neste contexto.

Além disso, Costa acrescenta a importância do conhecimento compartilhado dos membros da comunidade CVL acerca do conteúdo das mensagens, desencadeando um aspecto sociocognitivo-discursivo ao fenômeno, uma vez que o conhecimento compartilhado acerca do assunto e o modo como os participantes interagem no ambiente virtual são “gatilhos” importantes para recuperar a inferência do referente encapsulador “lo”. Referente este que não recupera um antecedente, mas sim outros textos que foram discutidos na comunidade virtual, portanto, uma relação de intertextualidade. Isso é um dos parâmetros encontrados em nossas amostras, visto que, embora não fosse um dos objetivos de nosso trabalho relacionar a acessibilidade às relações intertextuais, esse aspecto demonstrou influência na acessibilidade do referente estudado.

Na seção vindoura, pontuamos a proeminência discursiva, uma noção redimensionada em relação a acessibilidade de Ariel (1996;2001; 2006).

5.4 A PROEMINÊNCIA DISCURSIVA: RELACIONALIDADE DOS REFERENTES

A *proeminência* é uma noção da Pragmática discursiva que vem sendo utilizada na literatura para dar conta de vários outros fenômenos como o de ativação referencial (Chafre, 1976), de acessibilidade (Ariel, 1990), de doação (Gundeal *et al.*, 1993) e de saliência (Falk, 2014). No entanto, segundo Heusinger e Schumacher (2019), não há uma caracterização precisa para essa noção, empreendimento este que os autores lançam mão a explicar. Destacamos também que essa visão de proeminência é constantemente aplicada à cognição e à Psicolinguística experimental, em contrapartida, neste trabalho, direcionaremos a proeminência ao domínio textual.

Nesse contexto, salientamos que a *proeminência* está interligada ao fator de acessibilidade identificado nos estudos pragmático-cognitivos de Ariel (1996) como *saliência*. A diferença está no fato de que aquela se torna uma noção teoricamente mais avançada e bastante decisiva, a nosso ver. Heusinger e Schumacher (2019), afirmam que Ariel detém uma visão estática de acessibilidade, visto que se prende muita a forma do marcador.

No entanto, quando se compara as abordagens de referenciação e de proeminência, observa-se que a *proeminência* detém uma visão substancialmente limitada ao âmbito estruturalista, uma vez que essa vertente, embora se defina como abordagem discursiva, não tem o texto como unidade de análise, tal qual ocorre na perspectiva da referenciação. Isso ocorre porque na LT a coconstrução de sentidos está condicionada ao contexto mais amplo.

A partir dos trabalhos de Himmelman e Primus (2015), Heusinger e Schumacher (2019, p.117) consideram a proeminência como “um princípio estruturador em todas as áreas da gramática das línguas naturais”, porém sendo também aplicada à dimensão discursiva, a qual aqui nos interessa. É com base nessa perspectiva que os autores propõem que a proeminência seja caracterizada em três critérios: relacional, dinâmico e atrator de operações linguísticas. Esses critérios estruturam a noção de proeminência para além dos conceitos de “acessibilidade” ou de “destaque”, pois se direcionam para um viés mais funcional e estrutural dos objetos discursivos mais proeminentes no discurso.

Frisa-se que os critérios “relacional” e “dinâmico” da qual se referem os autores faz parte também da perspectiva de análise aplicado ao texto, embora na LT a aplicação destes conceitos seja empregada de forma diferente dos autores, em domínios mais amplo, diríamos. Dessa forma, o que fazemos nesta dissertação é uma adaptação destes conceitos ao domínio do texto. Nesse contexto, consideramos a necessidade de considerar a atratividade do referente

pelas relações de ancoragem como um fator importante nas categorias de análise, adaptando-se muito bem ao exame das redes.

O primeiro critério, o relacional, é inspirado nos trabalhos de Himmelman e Primus (2015 *apud* Heusinger; Schumacher, 2019), e aponta a caracterização da proeminência como a entidade discursiva mais destacada no discurso. No entanto, “uma unidade de proeminência só pode ser proeminente em relação a unidades de tipo igual. Portanto, é uma noção **fortemente relacional**, em que o status de uma entidade é avaliado em relação aos membros do mesmo tipo” (Heusinger; Schumacher, 2019, p. 118). A partir disso, pode-se afirmar que uma entidade referencial é classificada como mais proeminente não por si mesma, mas por sua relação com outras entidades referenciais no discurso. Esta noção de descrição linguística foi inicialmente aplicada no cálculo de *proeminência*.

É importante salientar que a proeminência está intrinsecamente relacionada a princípios que regem as entidades em nível de descrição delas, ou seja, no nível fonológico, a sílaba tônica se destaca porque as outras são átonas; no nível do discurso, um determinado argumento é proeminente pois se caracteriza como proto-agente, dentre outros aspectos gramaticais que o destacam dos demais.

Em suma, diversas pistas interagem para guiar o cálculo da proeminência de uma entidade discursiva. Os autores destacam o exemplo da estrutura fonológica de uma entidade, em que a acentuação contribui para a sua proeminência, da mesma maneira que a posição dessa palavra na frase, o papel temático, a função gramatical e informações posicionais das entidades do discurso etc., categorias estas entendidas como “pistas de empréstimo de proeminência” pertencentes ao escopo de uma análise ainda substancialmente presa à esfera formal do discurso.

O segundo critério diz respeito à dinamicidade. Segundo os autores, a proeminência é dinâmica porque ela pode mudar com o avanço do discurso. Isto é, em um dado momento é possível estabelecer a proeminência de um objeto discursivo, porém, com a progressão textual, novos objetos são inseridos, logo, podem se destacar e se tornar a nova entidade mais proeminente do discurso.

Consoante aos autores, os pronomes demonstrativos sinalizam mudanças de proeminência, pois têm potencial prospectivo já que iniciam mudanças de tópicos ou aumentam a persistência do referente introduzido no discurso e os pronomes pessoas ajudam a manter o referente persistente na progressão textual, como mostra os autores por meio do exemplo abaixo:

Texto 27: The cello player wants to impress the critic. He is asleep at the switch. It was obvious how much effort he put into receiving the critic's attention. But in an orchestra with more than 50 members, this was not easy (Heusinger; Schumacher, 2019, p.119).

O violoncelista quer impressionar o crítico. Ele está dormindo no interruptor. Era óbvio quanto esforço ele fez para chamar a atenção do crítico. Mas numa orquestra com mais de 50 membros, isto não foi fácil. (Heusinger; Schumacher, 2019, p.119).

Segundo os autores, o uso pronominal pessoal “he (ele)” resulta na manutenção da atenção ao referente “violoncelista”. Em uma abordagem textual, compreende-se que não só a forma nominal “ele”, mas também as recategorizações que o referente “violoncelista” adquire na progressão textual consolidam sua persistência ativa no texto.

O terceiro critério concerne ao atrator de operações linguísticas, em que as entidades proeminentes desempenham funções no discurso, ou melhor, a entidade A, quando se comporta como proeminente do discurso pode atrair outras entidades. Em outras palavras, a entidade A, por exemplo, pode ser “âncora temporal para proposições inteiras” (Heusinger; Schumacher, 2019, p. 118). O terceiro critério é qualificado por Heusinger e Schumacher (2019) como o cerne da função proeminência, algo não realizado por outros autores. Recorremos ao exemplo trazido pelos autores para elucidar melhor as proposições aqui destacadas:

Texto 28: a. Many athletes met at the annual award ceremony in BadeneBaden.

- b. It was the first time for Ron, a member of the swimming team, to attend this get-together.*
- c. At the buffet, the swimmer talked for some time to a cyclist.*
- d. He/This swimmer/The athlete reminisced about the Olympics in Rio de Janeiro.*

Heusinger; Schumacher (2019, p.119).

- a. Muitos atletas se conheceram na cerimônia anual de premiação em BadeneBaden.*
- b. Foi a primeira vez que Ron, integrante da equipe de natação, compareceu a essa confraternização.*
- c. No bufê, o nadador conversou um pouco com um ciclista.*
- d. Ele/Esse nadador/O atleta lembrou as Olimpíadas do Rio de Janeiro*

Heusinger; Schumacher (2019, p.119).

A introdução do referente “Ron” por meio de um nome próprio e sua descrição

“integrante da equipe de natação”, segundo os autores, é um atrator de estruturas, pois diante da progressão textual, os demais referentes, como “o nadador”, “ele” tem sua inferência ancorada no referente “Ron”. Nesse aparato, Heusinger; Schumacher (2019, p.119), afirmam que “Entidades proeminentes dão assim origem a uma continuidade referencial, uma reminiscência da noção de continuidade tópica”, como observado no exemplo destacado.

A partir da definição desses critérios, Heusinger e Schumacher (2019) orienta-os a uma caracterização mais apropriada a pragmática discursiva. Assim, o critério relacional está diretamente relacionado com o parâmetro de seleção da entidade mais proeminente do discurso. Na literatura, esse aspecto está associado à noção de acessibilidade, isto é, a escolha por determinada entidade obedece ao quão acessível é ou não sua inferência no discurso pelo interlocutor. Esse estudo recebeu notoriedade com a análise de anáforas, especialmente por meio da investigação de pronomes pessoais átonos ou formas zero como entidades que, geralmente, são utilizadas para retomar objetos discursivos mais acessíveis no discurso. Nesse viés, segundo os autores, certas pistas de concessão de proeminência são responsáveis por destacar seus referentes, dentre eles estão: “a função gramatical (sujeito versus objeto), atualidade (tópico versus não tópico), papel temático (agente versus paciente) [...] (Heusinger; Schumacher, 2019, p. 119).

Além disso, os autores ressaltam que a base deste estudo é considerar a proeminência de uma entidade discursiva como um fator a ser depreendido a partir de sua relação com as demais entidades concorrentes de mesmo tipo.

Quanto ao segundo critério, a proeminência evolui com o desenrolar do discurso, pois até as entidades de baixo destaque, com a progressão textual, podem se tornar proeminentes em determinado tempo do discurso. Logo, quanto mais progressão textual, mais chances de romper com a cadeia referencial de uma determinada entidade e eleger outras entidades para serem destaques.

No terceiro critério, observa-se que entidades proeminentes “não estão apenas em foco, mas também ‘ativada’, ‘familiar’ [...]” (Heusinger; Schumacher, 2019, p.120). Por serem destacadas das demais entidades, elas têm mais chances de serem retomadas na progressão textual ou de aparecerem várias vezes no texto, algo não verificável em entidades não proeminentes.

Nesse contexto, destacamos que a noção de proeminência do qual se reportam Heusinger e Schumacher (2019) dialoga com a perspectiva das redes referenciais proposta por Matos (2018), porque são do tipo relacional e dinâmica. Há essa ocorrência em razão de os referentes estarem intrinsecamente relacionados entre si a serviço de diferentes sentidos, a

dependem do propósito comunicativo do produtor textual.

Observa-se também algumas diferenças, apesar de os autores se enquadrarem na área da Pragmática Discursiva, como já afirmado anteriormente. Para eles, a proeminência é intencionada como atratores de estrutura. Pontuamos também que as redes possam ter sua atratividade vinculada em termos de ancoragem textual; em outros termos, os referentes se entrelaçam entre si e constroem a inferência de referentes, em que uns podem funcionar como âncoras para outros (tal como no caso das anáforas indiretas, por exemplo). Acreditamos, assim, que a noção de acessibilidade poderá ser testada através do grau de proeminência do referente identificado pelo pronome “ele/s” arquitetada pelas redes referenciais, mediante seu grau de atratividade sobre outros referentes. Isto é algo que aproximamos da noção de ancoragem, tal como a entendemos tradicionalmente, na Linguística Textual, embora não possamos dizer até que ponto em que elas coincidam categoricamente com o alcance da noção de “ancoragem” dada por Heusinger e Schumacher.

Como se observou nas análises, em algumas das tirinhas analisadas, o referente identificado pelo pronome “ele/s” é o tópico discursivo da narrativa, portanto o referente sugerível de maior acessibilidade.

A partir dos estudos interlinguísticos de Givón (1983), os autores abordam as medidas quantitativas de continuidade referencial que interferem na proeminência das entidades, são elas: a distância referencial, ou seja, quanto menor a distância entre antecedente e anáfora, maior o grau de proeminência; a interferência potencial, que diz respeito à concorrência semântica dos referentes ao serem posteriormente retomados por uma anáfora, pois quanto menor a concorrência, maior a proeminência da entidade; a persistência referencial, que se refere a presença mais duradoura da entidade discursiva, fator este que ajuda a compor a proeminência. Esta última medida é, para os autores, o fator que atrai estruturas, em razão de a proeminência referencial “impacta[r] o desenvolvimento do discurso vindouro. Esse potencial estruturante do discurso e ou potencial prospectivo rende manutenção referencial para entidades de grande destaque” (Heusinger; Schumacher, 2019, p. 121). Melhor dizendo, entidades proeminentes funcionam como âncoras, sejam tópicas, sejam de cadeias referenciais ou temporais.

No capítulo seguinte sublinhamos a metodologia que subsidiou a análise dos dados.

6 METODOLOGIA E ANÁLISE DE DADOS

Nessa seção propusemos como se dá a caracterização da pesquisa, os seus procedimentos de coleta, bem como os passos metodológicos que subsidiaram as análises e, por fim, a análise de dados.

6.1 NATUREZA DA PESQUISA

A presente pesquisa se enquadra no escopo teórico da Linguística Textual e seguirá uma natureza aplicada, visto que, objetivamos, a partir dos conhecimentos gerados com a metodologia proposta, de relacionar os estudos em acessibilidade ao âmbito das redes referenciais, a qual aplicamos à análise de referentes implícitos, sem antecedentes ou âncoras explícitas.

Além disso, o trabalho segue uma abordagem qualitativa, interpretativa, **descritivo-**explicativa dos dados, uma vez que, intencionamos com este trabalho observar quais fatores de acessibilidade em rede ligados à proeminência e ao *givenness* detêm maiores contribuições para a acessibilidade do referente do pronome implicitado pelo pronome “ele/s”.

O trabalho em questão aborda o procedimento documental, que segundo Gil (2002, p.46), constitui-se “por materiais que não receberam tratamento analítico ou que podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.

6.2 DEFINIÇÃO DO *CORPUS*

Quanto à construção do *corpus*, delimitamos o universo amostral ao gênero tirinha, precisamente, a dez (10) tirinhas do personagem “Armandinho” do autor Alexandre Beck, que estão veiculadas (postadas) em diferentes redes sociais, como Facebook e Instagram.

Sublinhamos que as temáticas retratadas nas tirinhas em questão relacionam-se a assuntos de cunho político e social em contexto brasileiro. Destacamos que o período temporal de seleção do *corpus* compreendeu ao intervalo de tempo de 2019 a 2022, esse critério temporal se refere ao nosso acompanhamento assíduo em relação às postagens de Alexandre Beck.

Nosso critério de escolha do *corpus* que subsidiou a construção do trabalho se baseia na seleção das tirinhas que apresentem o pronome “ele/s” sem menção de antecedentes ou âncoras

explícitas, haja vista que, observamos ser uma recorrência na escrita de Beck, ao se posicionar a respeito de diferentes temáticas por meio do pronome supracitado. Tal aspecto é o que despertou nosso interesse em analisar quais procedimentos textuais/discursivos estavam envolvidos para a coconstrução a quem o “ele/s” se refere nas tirinhas de “Armandinho”.

Nessa escolha metodológica, também levamos em consideração o grau de proeminência discursiva dos referentes em cada tirinha, o que justifica a análise relacional entre os referentes em rede, segundo veremos no detalhamento dos procedimentos e na análise dos dados.

6.3 CATEGORIAS DE ANÁLISE

Situamos as seguintes categorias escolhidas para analisar a construção da rede referencial em tirinhas de Armandinho: a) as verbais (seja como processos referenciais de introdução ou de anáfora (in)direta ligados ao referente nomeado por “ele/s”; b) as imagéticas: os referentes relacionados ao pronome em estudo por meio de imagens.

Para analisar a contribuição dos fatores de acessibilidade ligados à proeminência, as categorias selecionadas com base em Ariel e Heusinger e Schumacker, são: 1) saliência (por meio da topicalidade e agentividade²), 2) competitividade, 3) unidade (ligada aos quadrinhos e ao frame), 4) nível de continuidade tópica (pelas relações de atratividade (ou ancoragem)³, 5) os tipos de *givenness* (tipos de conhecimento compartilhado sobre o cotexto, sobre a situação de fala (ainda que ficcional nas tirinhas) e sobre o conhecimento enciclopédico)

6.4 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Salientamos que o presente trabalho busca destacar os caminhos autorizados possíveis a ser seguido para a inferência do referente identificado como “ele/s”, nesse sentido, não buscamos afirmar que o processo de acessibilidade se resume a identificar o referente do pronome, o que procuramos é apresentar diante das várias possibilidades, perspectivas sociocognitivas a inferência implícita ao pronome supracitado.

Para alcançarmos os objetivos propostos em analisar a acessibilidade em rede do pronome “ele/s”, propomos os seguintes procedimentos metodológicos.

² O fator de agente é retratado nesta dissertação não como uma mera marca sintática (sujeito e paciente), mas sim em termos textual-discursivos, ou seja, analisaremos se o “ele/s” é um agente da ação discursiva ou se este é beneficiado de uma ação, levando em consideração o sentido global da tirinha.

³ Chamamos atenção às relações de ancoragem indiretas, pois acreditamos, assim como Matos (2018), que o conceito de anáfora indireta não abarca todos os casos de ancoragem entre os referentes em rede, dessa forma, o sentido de anáfora indireta, nesta pesquisa, é adotado de forma mais ampla, como adotada em Matos (2018).

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PASSOS METODOLÓGICOS
Configurar a rede referencial da tirinha	Identificamos todos os núdulos verbais e imagéticos que formam a rede referencial dos textos, incluindo o referente implícito, representado pelo pronome pessoal “ele/s”.
Observar que fatores de acessibilidade podem atuar na construção do referente identificado pelo pronome ‘ele/s’, na rede referencial das tirinhas do personagem Armandinho.	<p>Analizamos a acessibilidade do “ele/s” mediante o critério relacional, através de distintas pistas. Observamos certos fatores de acessibilidade relacionados à proeminência discursiva do referente:</p> <p>a) (seu nível de saliência (por meio da topicalidade e agentividade, as quais analisamos em nível discursivo); b) seu nível de competitividade com outros referentes em rede, c) seu grau de unidade diante do critério dos quadrinhos e do frame; d) seu nível de continuidade tópica (pelas suas relações de atratividade ou ancoragem em rede), e) bem como aos tipos de givenness relativos ao conhecimento compartilhado sobre o cotexto, sobre a situação de fala e sobre o conhecimento enciclopédico).</p>
Atestar quais fatores são de maiores contribuições para a acessibilidade do referente implícito “ele (s)” construído na rede referencial das tirinhas.	<p>Verificamos como o referente implicitado “ele/s” atua em rede com os demais núdulos referenciais, em termos de acessibilidade ligada à proeminência, para a construção da acessibilidade do referente.</p> <p>Assim, discutimos como a ação conjunta dos fatores em rede contribui para a coconstrução da acessibilidade do referente na tirinha.</p>

A seguir, apresentamos as análises e os resultados obtidos a partir da relação do referente implícito identificado pelo pronome “ele/s” e os demais referentes em rede para a coconstrução da acessibilidade do referente em questão.

Primeiramente, enfatizamos a construção da rede referencial das tirinhas pelo viés relacional da noção de redes, em seguida, mostramos como os fatores de acessibilidade influenciam ou não na coconstrução da acessibilidade do referente implícito “ele/s” pelo leitor. Vejamos, agora, a primeira tirinha analisada:

I. Rede referencial da tirinha

A tirinha a seguir evidencia, por meio da sequência dialogal dos personagens Armandinho e seu pai, a respeito das arquiteturas hostis. Vejamos:

Texto 29

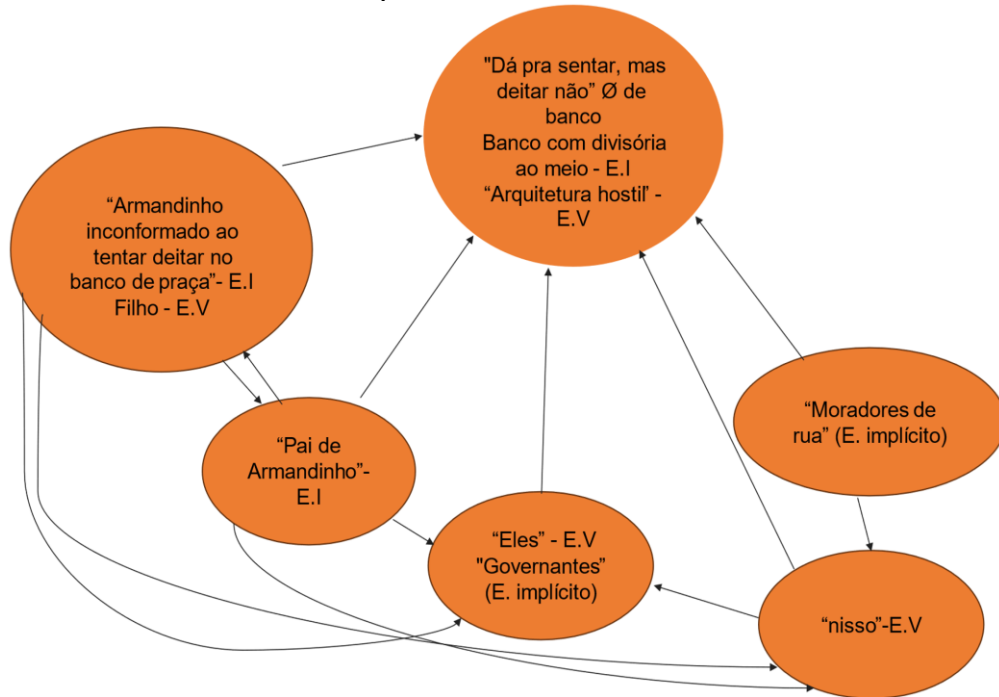


Fonte: @tirinhadearmandinho. Data de publicação: 14/12/2022

Como mostra a propensão argumentativa da tirinha, Armandinho e seu pai desaprovam as arquiteturas urbanas denominadas “arquitetura hostil”, essa concepção é reforçada pela escolha das expressões verbais (“dá pra sentar”; “mas deitar, não”; ((eles) “pensaram” nisso?) tal como pela expressão facial de Armandinho de inconformado (no segundo quadrinho), manifestada quando este tenta deitar no banco de praça, porém não obtém sucesso por conta de

uma divisória ao meio. Nesse contexto, pelo critério relacional da noção das redes referenciais⁴, estabelece-se as seguintes relações explícitas e implícitas entre os referentes verbais, imagéticos com o marcador “eles”, em outras palavras, constata-se pela orientação argumentativa, de acordo com a progressão textual de Beck, as seguintes relações de ancoragem ou atratividade dos elementos introduzidos:

Esquema 3: rede referencial 1



Fonte: autoria própria

Diante das redes referenciais que constitui a tirinha, compreende-se que o referente “banco” é introduzido elipticamente por meio dos elementos não referenciais “Dá pra sentar”, “mas deitar, não” e, posteriormente, esse referente é recategorizado por meio das anáforas diretas do “Banco de praça com divisória ao meio” e da anáfora direta “Arquitetura hostil”, mas como defendemos uma análise em rede intermediada pela não- linearidade, observa-se que essa recategorização do nó “banco” está interligada aos outros nós de outras redes, como por meio do elemento imagético do “Armandinho inconformado ao tentar deitar no banco

⁴ A constituição das redes referenciais das tirinhas em estudo leva em consideração tanto os elementos verbais, e imagéticos em sua relacionalidade com o marcado “ele/s”, por isso, por razões metodológicas e de economia linguística, decidimos descrever os elementos que compõem a rede por meio das seguintes siglas: E.V (para os elementos referenciais verbais que constituem as redes), E.I (para os elementos referenciais imagéticos que constituem as redes) e E.Implicito (para os elementos evocados mentalmente, mas sem menção direta). As setas saem em direção ao elemento em que se ancoram os nós na progressão textual, segundo nossa análise do contexto de fala dos personagens, sob o critério enunciativo das relações de ancoragem.

de praça”, tais recategorizações desencadeiam a reprovação da estrutura dos bancos de praça pelos personagens. Diante disso, observa-se que estes elementos interligados em rede conduzem argumentativamente a inferir que estas construções impedem as pessoas de deitarem, por exemplo. Isso é confirmado quando Armandinho indaga seu pai, se quem fez ou mandou fazer (eles-referente implícito) tais arquiteturas não pensaram neste aspecto, quando obtém a resposta de que sim, “pensaram “filho””.

Nesse contexto, na medida em que ocorre a progressão referencial, pode-se inferir que o leitor da tirinha lida não apenas com um referente implícito, mas dois, ou seja, quem seria as pessoas afetadas ou mais afetadas por essas construções hostis, bem como quem seriam as pessoas que autorizaram fazer tais arquiteturas urbanas. No entanto, como nosso foco de investigação é coconstruir a acessibilidade do referente implícito já inserido no cotexto, o “eles”, deteremos mais neste referente, embora, a coconstrução de um esteja interligada ao outro, visto que tudo está em rede.

Diante disso, quem seria o referente a quem os personagens acusam de serem os responsáveis pela arquitetura hostil? Logo, quem seria o “eles”? Nesse aparato, examina-se que o referente implícito “eles” introduz um novo objeto discursivo ao texto no segundo quadrinho, logo não se constata a presença de antecedentes, o que se observa com base na rede referencial em questão, é sua relacionalidade indireta com os demais nódulos das outras redes.

Dentre essas relações, destaca-se a propensão argumentativa intermediada pela fala dos personagens (Armandinho e seu pai)⁵, bem como dos elementos imagéticos, do qual proporciona inferir, que essas construções de banco de praça denominadas “Arquitetura hostil” foram construídas pelos referentes implícitos nomeados na tirinha como “eles”, logo essa relação entre o pronome “eles” e os nódulos das demais redes, a priori, possibilita coconstruir interativamente, a depender do leitor e a partir da memória discursiva, que tais construções são autorizadas por pessoas que lidam com o poder executivo, por conseguinte, os governantes, pois são estes que autorizam ou não o modo como as obras urbanas, inclusive a construção de praças, devem ser feitas.

Isso é confirmado e enfatizado quando o personagem Armandinho pergunta: “eles não pensaram nisso?”, ou seja, se os governantes não pensaram no fato de que muitas pessoas como a exemplo dos moradores de rua utilizam os bancos de praça como sua cama, dado que é o utensílio mais próximo de cama do qual tem acesso. Nesse sentido, a anáfora encapsuladora

⁵ Armandinho é o “menino de camisa branca, com short e cabelo azul, tentando deitar em banco de praça com divisória” e seu pai é um homem “perceptível pela calça azul e sapato azul escuro, bem como sua altura, sendo maior que Armandinho e pelo fato desse personagem dirigir-se a Armandinho por meio do referente “filho”.

“isso” não remete apenas, considerando a relação não-linear dos nódulos, a expressão “Dá pra sentar”, “mas deitar, não”, mas toda a ideia discursiva-argumentativa da tirinha, ou melhor, o fato dos referentes do “eles” não se atentaram ou não quiseram se atentar a perspectiva que as construções de arquiteturas com divisórias implicaria a impossibilidade de moradores de rua, por exemplo, de deitarem e descansarem. O que ocorre, segundo a propensão argumentativa de Beck, é uma ação planejada almejando basicamente a inviabilidade de moradores de rua deitarem em bancos de praça, tal aspecto é confirmado a partir da fala do pai de Armandinho ao responder seu filho de que sim, o referente do “eles” (os “governantes”) pensaram em todos estes aspectos.

Situaremos, agora, como a integração de sentidos entre os referentes e dos elementos não referenciais possibilitam a acessibilidade do referente implícito em estudo a partir dos fatores de acessibilidade.

I. Fatores de acessibilidade ligadas à proeminência

Tanto a noção de redes como a de proeminência detêm o princípio de relacionalidade como eixo fundamental, por isso, para determinar o elemento mais proeminente de um discurso, segundo Heusinger e Schumacher (2019), é necessário relacioná-lo a entidades de mesmo tipo. Nesse sentido, como o nosso foco é aplicar a proeminência discursiva ao âmbito do texto, precisamente, a referenciação, então, analisou-se relacionalmente referente com referente da tirinha para, assim, determinar pelo critério relacional e mediante a pistas de concessão de destaque (topicalidade e de agentividade) o objeto discursivo mais saliente (proeminente), no entanto, não se descarta a possibilidade de elementos textuais, mesmo não-referenciais, em sua atuação em conjunto com os referentes, determinar a proeminência do referente. Isso será exemplificado no decorrer da análise.

Nesse sentido, pelo critério relacional e diante dos fatores de acessibilidade, determinaremos o objeto discursivo proeminente da tirinha e quais fatores contribuem mais diretamente para com a acessibilidade do referente implícito “eles”.

1) Fator ligado a saliência pelo critério de topicalidade e agentividade.

Por meio do aspecto relacional dos referentes em redes, compreende-se pelo critério da topicalidade que o referente “banco” é o mais saliente (proeminente) da tirinha, portanto o referente de maior acessibilidade, dado que os demais nódulos das redes acrescentam direta ou

indiretamente (recategorizam) informações acerca desse referente, como o fato de ser uma “arquitetura hostil”, mediante também o referente imagético do “banco com uma divisória ao meio”; o fato de Armandinho tentar deitar no banco e não conseguir, compreende-se, ademais, que o pai de Armandinho ao afirmar que “eles pensaram nisso” (quanto ao o porquê os bancos foram construídos daquela forma) desencadeia uma persistência tópica do referente “banco”, proporcionando a sua permanência ativa na memória dos interlocutores ao longo da tirinha.

Como demonstra o esquema da rede, todos os referentes adicionam novas informações acerca do referente proeminente “banco”. Diante desse contexto relacional, infere-se, portanto, que o referente implícito “eles”, do qual se busca coconstruir sua acessibilidade, é menos acessível que o referente “banco” na tirinha em questão, dado que não ocupa o papel de referente proeminente, embora detenha relação direta com o referente saliente da tirinha, isso é confirmado por meio da relação de agentividade, uma vez que, são os governantes (o “eles”) o agente e, portanto, os responsáveis por autorizarem a construção das arquiteturas hostis. Dessa forma, observa-se que o fato do referente implícito “eles” ser o agente discursivo da ação de construir as arquiteturas hostis direciona sua acessibilidade a ser mais alta, isso é explicado por meio das relações de atratividade, uma vez que “eles” são diretamente relacionados ou atraídos ao elemento proeminente da tirinha “banco”, ou seja, o fato de existir uma arquitetura hostil é ocasionado pela ação de alguém, neste caso “o eles” (os governantes).

2) Fator referente à competitividade

Com relação a rede referencial da tirinha, observa-se que não há outro referente com menção direta que pudesse competir com o referente implícito “eles”. Nessa conjuntura, o fator de não competitividade possibilita ao referente “eles” uma alta acessibilidade.

3) Fator referente à unidade

Leva-se em consideração o parâmetro da unidade dos quadrinhos (ou seja, o enquadre que separa a narrativa de um quadrinho de outro) e os *frames* que pertencem a história narrada em forma de diálogo. Diante disso, constata-se que o referente implícito “eles” está integrado aos demais nódulos das redes, no entanto, não se encontra junto a todos os referentes da rede referencial da tirinha no mesmo quadrinho, dado este um fator de limitação a sua acessibilidade. Frisa-se que o referente implícito “eles” se encontra no mesmo *frame* dos demais referentes, mas a questão é que não há como avaliar essa questão sem uma relação com um antecedente,

conforme proposto pela noção de acessibilidade.

- 4) Fator relacionado ao nível de continuidade tópica pela relação de atratividade (ou ancoragem) em rede

O referente “banco” por ser o mais saliente (proeminente), atrai e ancora os demais referentes, inclusive o referente implícito “eles”, isso é perceptível pelo movimento de ancoragem dos nódulos em rede exemplificadas pelas setas, no esquema 3, que por sua vez, direcionam-se direta ou indiretamente ao referente elíptico “banco”, portanto, pode-se afirmar que o referente saliente em questão mantém relações com os outros referentes em rede. No entanto, o que nos interessa é esclarecer que, por mais que o referente implícito “eles” se manifeste como uma introdução referencial na tirinha, é flagrável, diante a progressão textual da tirinha, que o referente “banco” vai tecendo implicitamente as ancoragens ou as atratividades do referente implícito “eles”, isso é explicável e confirmável quando se observa as recategorizações do referente “banco”, principalmente, por meio do referente “Arquitetura Hostil”. Essas relações de ancoragem em rede, possibilita inferir que existe um agente que autoriza a construção de bancos de praça (concluímos ser banco de praça devido ao seu formato diante dos elementos imagéticos) e, geralmente, quem faz/autoriza tais arquiteturas são os governantes, sejam eles municipais, estaduais ou federais. Por isso, o fator de atratividade em rede tende a possibilitar uma acessibilidade mais alta ao referente em questão, mesmo que essa acessibilidade seja tecida implicitamente, exigindo do leitor o conhecimento de informações compartilhadas, como veremos adiante no item do *givenness* enciclopédico, para preencher as lacunas do texto.

Ademais, diante do esquema da rede referencial da tirinha em questão, ratificamos que o método relacional com o qual abordamos as análises, visa inferir relacionalmente “gatilhos” em rede que permitem coconstruir a acessibilidade do referente “ele/s”, portanto, não buscamos vislumbrar um antecedente ao marcador “eles”, até porque o marcador em questão introduz um novo objeto discursivo sem gancho precedente, por isso a análise aqui visada é buscar “gatilhos”, nesse caso o referente “banco” e suas recategorizações em rede são os gatilhos no cotexto, com o qual o pronome “eles” se relaciona, do qual tece implicitamente a acessibilidade em rede do referente em questão. Enfatizamos, portanto, que tudo isso é desencadeado por meio das relações analisadas por meio das redes referenciais.

- 5) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto linguístico (cotexto)

O marcador “ele/s” é prototipicamente utilizado como um marcador de retomada, com antecedente ou âncoras explícitas no cotexto; no entanto, verifica-se no *givenness* dado pelo contexto linguístico ou cotextual da tirinha em questão, que o marcador “eles” é quem introduz o referente implícito no cotexto, portanto sem a presença de antecedentes.

Dessarte, somente com as informações do cotexto linguístico não é possível coconstruir uma perspectiva a quem o “eles” se refere na tirinha, uma vez que não determinamos um antecedente que ancorasse o marcador “eles”, visto que é o próprio marcador que introduz o objeto discursivo a qual se busca construir a acessibilidade, dado também que sua forma linguística não traz muitas informações sobre o referente, a não ser o fato de ser um referente de terceira pessoa do plural, garantido, considerando no nível cotextual, sua baixa acessibilidade.

6) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto de fala

Examinando o *givenness* dado pelo contexto da situação de fala dos personagens, por intermédio das características do gênero tirinha, pode-se afirmar, de acordo com Cavalcante et al. (2022, p. 232), quando discutem a sequência dialogal de Adam (2019), em uma tirinha de Armandinho, como a abordada em análise, por mais que haja troca de turnos entre os personagens na tirinha, tal aspecto não configura como um texto poligerido, ou seja, produzido por mais de um locutor. O que é perceptível, segundo os autores, é uma “forma poligerida (de dialogo)” verificável nas ações entre personagens, e uma enunciação monogerida, no qual se dá entre locutor/narrador principal e leitor a quem se dirige. Portanto, de acordo com os autores, há uma enunciação poligerida dos personagens dentro de uma enunciação monogerida.

A partir disso, o *givenness* dado pelo contexto poligerido da fala dos personagens criado por Alexandre Beck permite subentender que os personagens conhecem ou identificam o referente a quem designam como “eles”, por haver uma espécie de simulação de um contexto anterior de fala. Em vista disso, quando os personagens evidenciam o marcador “eles” na continuidade do contexto de fala, fazem isso como um referente de retomada ao seu referente que já teria sido expresso no contexto supracitado. Por conseguinte, verifica-se que o processo de ancoragem se dá de forma indireta, posto o fato do referente “eles” já ter sido evidenciado anteriormente. Além disso os demais referentes em rede (sejam verbais: “filho” e “arquitetura hostil”, sejam imagético: “Armandinho inconformado ao tentar deitar no banco de praça”), assim como os elementos não referenciais (“dá pra sentar, deitar não”, “pensaram nisso”)

atestam o conhecimento dos personagens sobre o referente. Ademais, os referentes imagéticos: “banco de praça com divisória”, “Armandinho”, “pai de Armandinho”, revelam a ambiência da situação de fala na tirinha. Tal contexto contribuem para que neste plano enunciativo poligerido o referente implícito “eles” esteja mais acessível entre os personagens.

7) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto enciclopédico

Já no plano mononegrido, ou seja, a enunciação evidenciada pelo produtor textual para com o seu leitor, compreende-se que este lida com um recorte enunciativo da tirinha. Logo, as informações que se tem acesso se referem ao que é evidenciado na materialidade do texto, sem acesso, portanto, às possíveis informações já “compartilhadas entre os personagens”.

Nesse contexto, considerando o *givenness* enciclopédico, que diz respeito à compreensão do leitor através de conhecimentos de mundo compartilhados, o referente implícito “eles”, apresentado ao leitor como introdução referencial, mantém relação de ancoragem indireta ou de atratividade com os demais referentes no co(n)texto, graças aos links que permitem inferir, a partir de uma memória discursiva, certas informações do contexto enciclopédico, as quais destacaremos a seguir. Vale ressaltar que esses conhecimentos enciclopédicos/compartilhados dizem respeito a conhecimentos, tais como o contexto de produção da tirinha, que envolve o período de publicação das tirinhas por Alexandre Beck, como um dado relevante ao entendimento delas nas redes sociais, por exemplo.

Dito isso, observa-se que a relacionalidade entre o referente implícito “eles” e os demais nódulos das redes acionam, para alguns leitores, a partir da memória discursiva, o conhecimento de que muitas pessoas (principalmente moradores de rua) utilizam os bancos de praça para dormir, uma vez que a rua é sua moradia e, quando encontramos arquiteturas urbanas desse formato, inviabiliza estes de terem esse espaço para descansarem. Para outros leitores, o referente “arquitetura hostil” que fora verbalizada na tirinha pelo pai de Armandinho, aciona conhecimentos contextuais em referência ao projeto de lei conhecida como lei Padre Júlio Lancelotti, em alusão aos seus trabalhos sociais, que envolvem principalmente moradores de rua.

Uma conduta do religioso que repercutiu foi sua ação de quebrar com marretadas as denominadas arquiteturas hostis em viadutos de São Paulo, essas construções hostis impossibilitava os moradores de rua de se estabelecerem e fazerem daquele lugar um espaço de descanso. Tal atitude do sacerdote motivou outras pessoas a fazerem o mesmo em outras cidades.

Esse projeto de lei visa proibir governantes a autorizar a construção dessas arquiteturas que impedem pessoas em situação de rua de se acomodarem, morarem, dentre outros, portanto, nessa perspectiva, os referentes implicitados pelo marcador “eles”, na tirinha em questão, poderá ser “os governantes”, uma vez que são estes os responsáveis pela arquitetura urbana das praças, por exemplo. Isso é reforçado pelos elementos não referenciais e a forma argumentativa em que Beck articula e entrelaça esses elementos, como o fato de Armandinho expressar que nesses bancos dá para “sentar”, mas “deitar não”.

Ressalta-se também a importância de se fazer parte da comunidade discursiva “tirinhas de Armandinho”, a nosso ver, os leitores que acompanham as postagens de Beck em suas redes sociais, detêm o conhecimento compartilhado acerca das motivações que fazem o autor publicar (geralmente, Beck se posiciona quando um assunto repercute nacionalmente ou internacionalmente), logo, o fato de alguns leitores acompanharem os noticiários, determina, também, muitas vezes, a acessibilidade do referente identificado pelo pronome “ele/s”. Em consonância com o exemplo em questão, dias antes da publicação de Beck em suas redes sociais, tornava-se notícia nos mais diversos jornais o veto do então Presidente da República, Jair Bolsonaro, acerca da lei Padre Júlio Lancelotti. A partir disso, o referente identificado como “eles” na tirinha refere-se tanto aos governantes municipais, estaduais como ao próprio presidente da República.

Nesse aparato, frisamos que a coconstrução do referente implícito “eles”, muitas vezes, está em outros textos, portanto uma relação intertextual, como exemplificado nesta tirinha, quando a relação de ancoragem ou de atratividade em rede aciona links para recuperarmos o texto que se refere a lei Padre Júlio Lancelotti e a notícia do veto do ex-presidente Bolsonaro.

8) Nível de acessibilidade do referente “eles”

Diante da relacionalidade dos referentes em rede, quando submetidos aos fatores de acessibilidade, compreende-se que o referente implícito “eles”, na tirinha em questão, é de baixa acessibilidade ao leitor, embora seja um marcador textual apontado, segundo Ariel (1996), como de alta acessibilidade, em termos gerais.

Entende-se, portanto, que a sua ocorrência como um referente vago e implícito no texto proporciona ao leitor uma coconstrução de sentido complexo, ou melhor, já que não se observa um antecedente que o ancore. O leitor necessita, pois, de um fluxo mental, de um nóculo a outro da rede referencial, mais complexo para coconstruir uma perspectiva do “ele”, o que queremos dizer é que as inferências na construção de links entre os nóculos necessita de conhecimentos

compartilhados para além do que está materializado no texto.

Desse modo, a forma textual de posicionamento de Beck em utilizar o pronome “eles” para assumir posição contrária aos governantes que autorizam as arquiteturas hostis é compreendida diante ao conhecimento, sobretudo, temporal dos acontecimentos noticiados, logo, para aqueles que acompanham ou acompanharam os noticiários a respeito do veto de Bolsonaro a respeito da lei Padre Júlio Lancelotti. No entanto, sabemos que outros sentidos poderão ser coconstruídos por meio da intertextualidade, a depender do leitor.

Por isso, o que se observa é que as informações do contexto de produção e como Beck se posiciona por meio de tirinhas, a nosso ver, são considerações importantes para vislumbrar a quem Beck se refere ao utilizar o pronome “eles”.

Desse modo, isso corrobora com nossa hipótese do cenário de baixa acessibilidade do referente “ele” nesse caso. Em suma, observamos que o referente em questão não é amparado por nenhum destes fatores de acessibilidade ligados à proeminência: nem pela saliência por topicalidade (embora esteja relacionado ao tópico em certa medida), nem pela unidade total (pois se encontra separado de outros quadrinhos da tirinha), nem pela atratividade no texto, já que não é a maior âncora do texto, nem por meio do *givenness* ligado ao cotexto, nem do *givenness* ligado ao contexto participativo de fala, ainda que ficcional.

Por outro lado, os fatores de acessibilidade selecionados que mais contribuem para a identificação do referente implícito “eles” na tirinha em questão são apenas o fator de **agentividade**, do qual torna-se mais acessível o referente que é o agente da ação narrada; **a não competitividade**, uma vez que não se observa outro referente que pudesse competir com o referente em análise e o ***givenness* enciclopédico**, em que ressaltamos a importância do conhecimento compartilhado, a partir de uma memória discursiva, a respeito dos fatos políticos, no contexto intertextual, que veicula o posicionamento ideológico do produtor textual de Alexandre Beck.

A seguir, evidenciamos a segunda tirinha de Armandinho.

I Rede referencial da tirinha

No texto em questão, Armandinho acompanhado de seu amigo sapo fala ao telefone com alguém (não identificado) a respeito de alguém que, segundo os personagens, pode ser o culpado pelos 600 mil corpos. Vejamos:

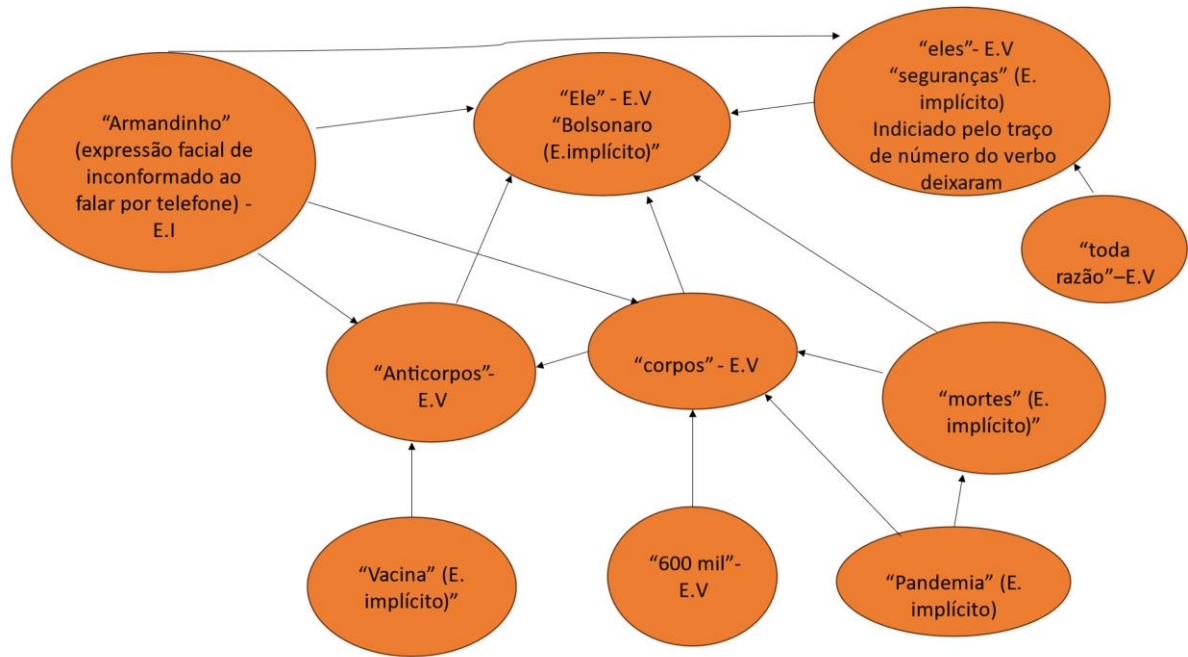


Fonte: <https://pt-br.facebook.com/tirasarmandinho/> Data de publicação: 10/08/2021

Como perceptível na tirinha, há dois referentes implícitos, no entanto, iremos nos deter no segundo referente implícito situado no segundo quadrinho, embora a coconstrução do primeiro esteja em relação com o referente implícito do segundo quadrinho. Nesse contexto, primeiramente, tem-se o referente identificado como “eles” indiciado pelo traço de número do verbo deixaram no primeiro quadrinho e, posteriormente, há a introdução do referente identificado como “ele” no segundo quadrinho, sendo retomado pela mesma forma nominal (ele) no terceiro e último quadrinho da tirinha. Nesse sentido, como recuperar ou coconstruir o referente introduzido por esses marcadores em questão?

Nesse contexto, ao observarmos o direcionamento argumentativo do diálogo de Armandinho ao telefone e seu interlocutor não identificado, depreende-se que o referente implícito nomeado como “eles” indiciado pelo traço de número do verbo deixaram está indiretamente relacionado, na progressão do discurso, com o referente implícito identificado como “ele” no segundo quadrinho, dado que, segundo a sequência dialogal entre os personagens, algumas pessoas (o eles) não deixaram o referente identificado como “ele” entrar em algo, em virtude de sua “trapaça” em dizer que havia anticorpos.

Neste contexto, em relação ao critério relacional da concepção de redes referenciais, a seguir são delineadas as conexões explícitas e implícitas entre os referentes verbais e imagéticos associados ao referente implícito “ele” na tirinha em análise.



Fonte: autoria própria

Compreende-se que o referente implícito “eles” (seguranças) do primeiro quadrinho é apresentado como um processo de introdução referencial indiciado pelo traço de número do verbo “deixaram”, que por sua vez mantém relações com os demais nódulos das outras redes, dado que é justamente o “eles” (os seguranças) que impedem o referente implícito “ele” de entrar em algo, do qual Armandinho julga como uma atitude correta, confirmada por meio da expressão textual em rede “com toda razão”, isso será melhor explanado no *givenness* enciclopédico.

Com a progressão textual, posteriormente, percebe-se a introdução referencial de um novo referente implícito, o “ele”, foco de análise, esse objeto discursivo não detém antecedentes e sim relações indiretas com os demais nódulos em rede. Diante a orientação argumentativa de Beck, infere-se, por meio do diálogo dos personagens, que o referente implícito “ele” é acusado pelo autor de ter mentido que havia “anticorpos” e por ser o responsável pelos “corpos”, precisamente, “600 mil”, isso é confirmado diante ao “jogo” enunciativo com o verbo “ter”, embora um elemento não referencial, é um elemento textual que orienta argumentativamente esse projeto de dizer. Portanto, os referentes em questão: “anticorpos”, “corpos”, “600 mil”, assim como os elementos imagéticos “Armandinho e seu amigo sapo” (expressão facial de inconformado ao falar por telefone) e “Armandinho e seu amigo sapo” (Expressão facial de Armandinho de cólera) em rede desencadeiam inferências, a partir da memória discursiva, do período pandêmico da Covid-19, posto que o grande dilema da época se referia em como adquirir anticorpos ao vírus que chegou a matar milhões de pessoa no mundo. Além disso,

muito se evidenciava nos jornais a grande quantidade corpos/vítimas da Covid-19 e a vacina como uma/ou a única até então capaz de diminuir o grau de infecção causado pelo vírus.

Nesse aparato, muitos governantes entraram na “corrida” em busca de uma vacina, que em contexto brasileiro, ganhou proporções contraditórias do restante do mundo, pois o então Presidente da República, Jair Bolsonaro, excitava, seja pelas suas redes sociais ou em TV aberta, dúvidas quanto a eficácia da vacina.

Muitos opositores do governo Bolsonaro, inclusive Beck, chegaram a acusá-lo pelo grande número de mortes da Covid-19 no Brasil. Algo que poderia ser diferente se não houvesse um governo que desencorajasse a população a vacinar e que chegou a recusar, até mesmo, ofertas de vacina. Nesse sentido, o referente implícito a quem Beck por meio do diálogo entre os personagens se refere como “ele” no segundo quadrinho da tirinha poderá ser Bolsonaro, tal aspecto será melhor contextualizado quando estivermos explanando o *givenness* enciclopédico.

Nesse contexto, utilizando o critério relacional e considerando os fatores de acessibilidade, identificamos o elemento discursivo destacado na tirinha e os fatores que mais diretamente influenciam a acessibilidade do referente implícito “ele”.

II Fatores de acessibilidade ligados à proeminência

Em seguida, evidenciamos como os fatores de acessibilidade determinam a acessibilidade do referente “ele”, quando submetidos a ótica das redes referenciais. Vejamos:

1) Fator de saliência pelo critério de topicalidade e agentividade

Por meio da relacionalidade dos referentes em rede, compreende-se pelo critério da topicalidade que o referente implícito “ele” é o mais saliente (proeminente) da tirinha, portanto o referente sugerível como de maior acessibilidade. A sua topicalidade e, consequentemente, sua saliência é comprovável diante dos demais nódulos em rede, ou seja, os referentes “anticorpos”, “corpos” “600 mil”, assim como os elementos imagéticos, focalizam o “ele” na mente dos interlocutores, determinando esse referente como ativo no texto. Ademais, chama atenção o modo como Beck dispõe esses referentes na progressão textual, contribuindo, por sua vez, para o dizer argumentativo de Beck de que o referente “ele” (implicitamente Bolsonaro) é acusado pelo número de mortes na época da pandemia.

Em outras palavras, pode-se afirmar que os demais referentes em rede acrescentam informações ao referente implícito, logo o recategorizam. Isso é flagrável pela propensão

argumentativa em que Beck movimenta os referentes em torno da ação do “ele”, promovendo sua agentividade; também através de elementos não referenciais, como por exemplo o verbo *ter*. Esse elemento textual direciona o sentido de que o “ele” é mentiroso, quando afirma que tem “anticorpos”, mas na verdade, segundo Beck, o referente implícito “ele” tem é “corpos”, precisamente, “600 mil”. Além desses nódulos os elementos imagéticos também consolidam o fato do “ele” permanecer em foco durante a narrativa, como quando se tem “Armandinho e seu amigo sapo com a expressão facial de inconformado ao falar por telefone ou quando no último quadrinho ao demonstrar cólera ao relatar o número exorbitante de mortes. Logo, nota-se que o referente implícito “ele” é o agente das ações no discurso, dado que é esse referente que afirma ter “anticorpos”, conquanto não tenha, fator este que condiciona também uma maior acessibilidade.

2) Fator referente à competitividade

Por meio da rede referencial da tirinha, observa-se que não há outro referente com menção direta que pudesse competir com o referente implícito “ele”. Nessa conjuntura, o fator de não competitividade possibilita ao referente “ele” uma alta acessibilidade.

3) Fator referente à unidade

Considerando a unidade dos quadrinhos e os *frames* que compõem a narrativa expressa por meio dos diálogos como referência, estabelece-se que o referente implícito “ele” detém relações com os demais nódulos das redes que compõem a tirinha, mesmo que considerando a marcação vaga do elemento implícito “Bolsonaro” pelo marcador “ele”, compreende-se que este não se encontra no mesmo quadrinho dos demais nódulos. Observa-se também que o “ele” se encontra no mesmo *frame* dos demais referentes, dado que o referente implícito “ele”, sendo o mais proeminente, é tachado por mentiroso pelo fato de ter falado que teria “anticorpos”, mas de fato, o referente implícito tem é uma culpa, uma vez que, Beck o acusa como culpado pelo grande número de mortes de Covid-19, “600 mil”. Aqui se nota que há uma mudança de *frame* não provocada por um antecedente de “ele”, mas o próprio referente é que desencadeia a noção de “vacinação” e “doença” para um *frame* de “morte” e “matança”.

Em outros termos, Bolsonaro, ocupando o cargo de Presidente da República, deveria, pelo menos é o que se espera de um presidente, propor medidas de enfrentamento ao vírus, mas diante a propensão argumentativa de Beck, Bolsonaro contraria os deveres de presidente, uma

vez que mentiu que havia anticorpos e pode, diante suas atitudes ocupando o seu cargo, ser o culpado pelo grande número de mortes/vítimas do Covid-19 no Brasil.

4) Fator relacionado ao nível de atratividade pela relação de ancoragem em rede

O referente implícito “ele” é o elemento proeminente (saliente) da tirinha e se apresenta como um processo de introdução referencial, portanto, sem antecedentes. Daí a importância de analisar a sua relacionalidade com os demais referentes das redes que compõe a tirinha, pois por meio da sua vaga introdução pelo marcador “ele”, é nas relações de ancoragem com os demais nódulos que o leitor poderá coconstruir sua acessibilidade. Dito isso, compreende-se que, dado sua proeminência, é o próprio “ele” que atrai, logo, ancora os demais referente em rede, diante ao seu contexto implícito como mostra o esquema 4.

Essa ancoragem implícita mostra que a relacionalidade em rede do referente “ele” com os demais nódulos tece, por meio da memória discursiva, a inferência dos referentes contextuais, ou seja, é diante a relacionalidade do “ele” com os referentes “anticorpos”, “corpos”, “600 mil” que se coconstroi todo o cenário da pandemia da Covid-19 no Brasil, com seus impactos sociais, econômicos e políticos. E aciona, para alguns leitores, principalmente os opositores ao ex-Presidente da República, Jair Bolsonaro, a acusação destes a respeito da negligência do presidente frente ao cenário pandêmico.

Ressalta-se, assim, que diante a relação de ancoragem em rede, o referente em questão, o “ele”, mentiu que teria “anticorpos”, e por meio da orientação argumentativa de Beck, o “ele” é acusado pelo número de “corpos” (“600 mil”) e é também o “ele” o motivador da cólera de Armandinho, ou seja, diante disso, observa-se que o referente implícito “ele” mantém relações de ancoragem com todos os elementos em rede, permanecendo-se ativo na memória dos interlocutores, e que juntos coconstroem interativamente a acessibilidade do referente em questão. Nesse aparato, o fator de relação de ancoragem em rede proporciona uma acessibilidade mais alta ao referente em questão.

5) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto linguístico (cotexto)

O referente “ele/s” ou ainda, “ela/s” é comumente usado como um marcador de retomada, referenciando explicitamente antecedentes ou âncoras no cotexto. No entanto, na tirinha em questão, observa-se, com base no contexto linguístico ou cotextual fornecido, que o referente “ele” está elíptico na forma verbal “não deixaram \emptyset entrar”, como forma de

apresentação da entidade discursiva Bolsonaro; portanto, sem a presença de antecedentes ou âncoras claras. Assim, apenas com as informações presentes no cotexto linguístico, não é possível determinar a quem se refere o referente "ele" na tirinha, pois não foi estabelecido um termo direto que o ancorasse. Vale ressaltar que a forma linguística do termo não fornece muitas informações sobre o referente, além do fato de ser uma terceira pessoa do plural, o que, considerando o contexto, resulta em uma baixa acessibilidade para identificar o referente.

6) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto de fala

Examinando o *givenness* dado pelo contexto da situação de fala dos personagens, observa-se, de acordo com Cavalcante et al. (2022), que em tirinhas como a de Beck, há uma enunciação poligerida da fala personagens dentro de uma enunciação monogerida, aquela situada entre o produtor textual e o leitor, do qual para cada enunciação há informações contextuais diferentes. Diante disso, as informações inferidas a partir da enunciação poligerida, observa-se que os personagens conhecem ou identificam o referente a qual se referem como “ele” e “eles”. Diante ao contexto de que esse recorte da fala dos personagens que compõem a tirinha é uma continuação de um diálogo já iniciado anteriormente, logo, o referente “ele” assim como o “eles” do primeiro quadrinho se comportam como referentes de retomada, uma vez que, os seus referentes já teriam sido evidenciados no contexto de fala.

Nesse sentido, pelo processo de ancoragem indireta em rede, observa-se a comprovação de que os personagens conhecem os referentes em questão, quando, por meio da orientação argumentativa da fala dos personagens, Armandinho orienta que o referente implícito “ele” é mentiroso, tendo afirmado que havia “anticorpos”, e por isso, dá razão aos seguranças (eles) terem o barrado, visto que o que ele tem de fato é uma culpa pelo número de vítimas/“corpos”, precisamente, “600 mil”, além disso é o conhecimento de quem seja o referente e o que ele fez que desencadeia o posicionamento expresso de Armandinho, como sua “expressão facial de inconformado ao falar por telefone” ou de “cólera”.

7) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto enciclopédico

Já no plano monogerido, ou seja, a enunciação evidenciada pelo produtor textual para com o seu leitor, entende-se que o leitor não compartilha das mesmas informações dos personagens. À vista disso, no processo de compreensão da tirinha, o interlocutor lida com dois referentes implícitos, sendo que cada um se designa como um processo de introdução

referencial, ou seja, sem antecedentes, o que se observa diante a rede referencial da tirinha é uma relacionalidade indireta dos referentes implícitos e os demais referentes em rede que permitem inferir informações do contexto enciclopédico, a partir de uma memória discursiva.

Nessa conjuntura, diante da relacionalidade do referente implícito “ele” do segundo quadrinho, nosso foco de investigação, com os demais referentes em rede, infere-se, a partir da memória discursiva, informações acerca do período pandêmico desencadeado pelo vírus Covid-19, comprovável com a mobilização dos referentes “anticorpos”, “mortes”, “600 mil” e os demais elementos imagéticos. Época em que muito se discutiu sobre a vacinação, a única ferramenta até então que poderia ser eficaz à produção de anticorpos contra o vírus.

Além disso, outras informações contextuais são acionadas, a depender do leitor, como o medo de parte de alguns da população em se vacinar, no qual argumentavam que a vacina foi produzida em tempo recorde e poderia ocasionar sintomas colaterais. Para outros e, principalmente, para aqueles que são opositores ao governo Bolsonaro, então presidente da república, esse imaginário sobre a ineficácia das vacinas foi incentivado pelo próprio presidente, que chegou a afirmar que quem se vacinasse poderia virar jacaré. A expressão facial de Armandinho, portanto, desaprova a atitude do referente do “ele” em afirmar que tem “anticorpos”.

Dada a relação do referente implícito “ele” do segundo quadrinho e o também referente implícito “eles”, que também se apresenta como introdução referencial, pode-se inferir que Bolsonaro foi impedido de entrar em algo, o qual Beck julga argumentativamente como sendo a atitude certa, mediante a expressão textual em rede de Armandinho “com toda razão”, no entanto, o lugar e a quem se refere o referente do marcador “eles” depende muito da memória discursiva, decorrente, principalmente, do contexto enciclopédico de como ocorre o contexto de produção da tirinha de autoria de Alexandre Beck.

Logo, para aqueles que acompanham as postagens de Beck nas redes sociais, seja no Instagram ou no Facebook, por exemplo, observa, que a tirinha de Armandinho é seu ato de responsividade a respeito de um fato. O fato da tirinha em questão é no tocante a Bolsonaro que fora barrado por “seguranças” de entrar no estádio de futebol para assistir ao jogo entre Santos e Grêmio, por não ter comprovado que foi vacinado contra a Covid-19. A partir disso, verifica-se que o referente implicitado na forma do “eles” indiciado pelo número do verbo “deixaram” no primeiro quadrinho refere-se justamente aos seguranças do estádio, responsáveis, portanto, de barrar Bolsonaro, referente a qual Beck se refere na tirinha por meio do marcado “ele”.

Novamente, observa-se que nesta tirinha a coconstrução interativa da acessibilidade do “ele” pelo leitor também vislumbra outros textos, ou seja, o conhecimento compartilhado do

fato que ocorrera com Bolsonaro, que foi noticiado nos mais diferentes telejornais. Dessa forma, os leitores ativos das tirinhas de Armandinho compartilham da informação de que Beck se posiciona ideologicamente por meio de tirinhas, tirinhas estas que, muitas vezes, retratam a realidade política e social brasileira.

8) Nível de acessibilidade do referente “ele”

Ao analisarmos os fatores de acessibilidade em rede na tirinha em questão, deparamo-nos ainda com o cenário de baixa acessibilidade do referente nomeado pelo pronome “ele”; porém identificamos um indício maior de acessibilidade, uma vez comparando ao exemplo (25). Isto porque nos chamou a atenção o fato de o referente Bolsonaro, nomeado pronominalmente, figurar como o elemento mais proeminente (saliente) nesta tirinha, em comparação à análise da tirinha anterior, em que se tem o elemento “banco” como o mais saliente, e não o “eles”. Como se pode ver, o esquema 4 possui outra configuração um pouco diferente do esquema 3. Nesta o processo de ancoragem em rede direciona o referente do “ele” a ser o elemento mais proeminente (saliente) da tirinha, logo o de maior acessibilidade dentre os demais.

Desse modo, compreende-se que há vários fatores em rede que condicionam a acessibilidade do referente implícito em análise: a **saliência por topicidade e agentividade**, visto que o referente em estudo se comporta como a entidade mais proeminente da tirinha, constituindo o assunto da tirinha, sugerindo uma alta acessibilidade. Ao mesmo tempo em que se induz a uma acessibilidade mais alta por ser Bolsonaro o agente que realiza a maioria das ações do discurso narrado; a **(não) competitividade**, frisa-se que não há outro referente que pudesse competir com o referente do pronome; a **unidade**, pois se marca uma presença maior da entidade em todos os quadrinhos; o **nível de atratividade pela ancoragem**, destacamos a importância das relações de ancoragem em rede, pois as inferências são obtidas diante dessas relações hierárquicas de todos os nós com “ele”; o **givenness enciclopédico**, do qual ressaltamos que é por meio das informações obtidas do contexto enciclopédico, inferível a partir de uma memória discursiva, como os conhecimentos compartilhados acerca do contexto de produção da tirinha, o conhecimento ideológico do produtor textual, dentre outros, que o leitor poderá coconstruir a quem o “ele” se refere na tirinha.

Apesar de tudo isso, observa-se que sua identificabilidade, na verdade, é tecida nas entrelinhas, uma vez que não há uma âncora ou antecedente explícito a ele. Como explicado no processo de ancoragem em rede, a sua coconstrução é construída, principalmente, por meio da relacionalidade dos referentes em rede, estes por sua vez acionam conhecimentos

enciclopédicos, a depender do leitor, que ajudam vislumbrar um prisma de quem seja o “ele” na tirinha.

Dessa forma, compreende-se que o processo de coconstrução de quem seja os referentes implícitos da tirinha em questão percorre uma rede complexa de fluxos mentais, exemplificado no esquema 4, dado que, a interrelação de um nóculo com outro aciona conhecimentos, a partir de uma memória discursiva, a respeito de informações do contexto pandêmico, por exemplo.

Dito isso, frisamos que aqui há pistas relevantes para a identificabilidade do referente Bolsonaro, manifestado por pronome pessoal de terceira pessoa; mas, em nosso entender, ainda assim, pode ser considerado em um nível de acessibilidade não alto, em virtude da necessidade de ser compreendido por algumas informações significativas, que podem ou não serem de conhecimento dos leitores, e que extrapolam, como vimos, a extensão do próprio texto e se estendem ao conhecimento de outros textos, portanto, a uma relação intertextual.

A seguir, evidencia-se a terceira tirinha analisada:

Texto 31

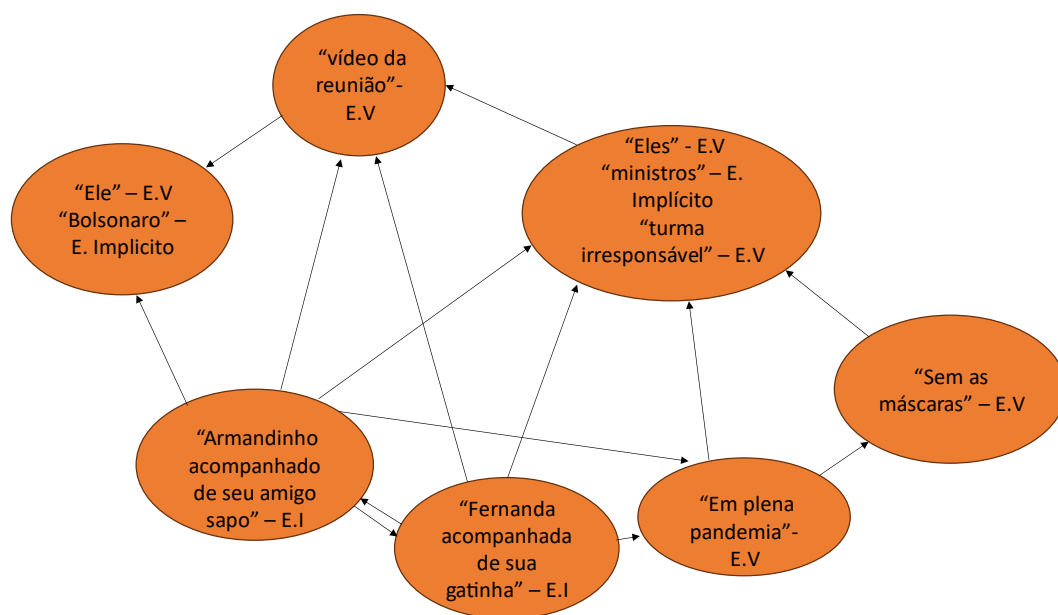


Fonte: <https://pt-br.facebook.com/tirasarmandinho/> 22/05/2020

Na tirinha em questão, notabiliza-se os personagens Armandinho acompanhado de seu sapo e a personagem Fernanda acompanhada de sua gatinha. Observa-se que os dois personagens conversam pelo telefone sem fio a respeito de um vídeo de uma reunião que foi divulgado, do qual o referente implícito “ele” não queria que fosse a público.

Nesse cenário, destacamos abaixo as relacionais implícitas e explícitas entre os elementos verbais e imagéticos por meio da rede referencial, com foco analítico sobre “ele”:

Esquema 5: rede referencial 3



Fonte: autoria própria

Considerando a rede em análise, o referente implícito “ele” do primeiro quadrinho, foco de análise, se apresenta como uma introdução referencial, embora mantenha relações discursivas indiretas com os demais nódulos das redes, uma vez que é o “ele” que não queria que fosse divulgado o “vídeo da reunião”, a qual Fernanda explica o porquê de tal posicionamento, quando enfatiza que o “eles”, também um referente implícito que se evidencia como uma anáfora indireta do “vídeo da reunião”, aparecem sem máscaras. Armandinho, por sua vez, ressalta que essa turma que aparece no vídeo é irresponsável, em virtude de o contexto notabilizar uma “pandemia”. Logo, a figura de Bolsonaro como agente único é recategorizada, passando a compor um novo referente em conjunto com seus ministros na reunião.

Nesse aparato, o entrelaçar dos referentes em rede, “Vídeo da reunião”, “ele”, “eles”, (sem) “as máscaras”, “turma irresponsável”, (Em plena) “pandemia” e os elementos imagéticos em questão, permitem inferir, a partir da memória discursiva a respeito de um vídeo muito polêmico, em que o Ex-Presidente da república, Jair Bolsonaro, encontra-se em reunião com diferentes ministros, do qual aparecem sem máscaras, ação imprópria ao contexto pandêmico, uma vez que uma das medidas de contenção ao vírus era o uso de máscara. A propensão argumentativa também permite inferir outro sentido ao termo “máscara” nessa reunião, principalmente, pelo fato de Ricardo Sales, ex-ministro do meio ambiente, propor passar a boiada nas leis ambientais, já que, segundo ele, o foco jornalístico estava no contexto da

pandemia da Covid-19, tal fala do ministro mostra que as máscaras dos ministros evidenciam o que realmente pensam acerca do cenário brasileiro.

A seguir, evidencia-se quais fatores em rede detêm maiores influência na acessibilidade do referente implícito em análise:

II Fatores de acessibilidade ligadas à proeminência

Em seguida, destacamos como os fatores de acessibilidade coconstroem a acessibilidade do referente “ele”, quando submetidos ao prisma das redes referenciais. Vejamos:

1) Fator ligado a saliência pelo critério de topicalidade e agentividade.

Pelo critério da topicalidade discursiva inferível por meio da rede referencial da tirinha em análise, compreende-se que o objeto discursivo mais saliente, logo, o mais acessível, é o referente “vídeo da reunião”, pois os demais referentes em rede o mantêm ativo na memória dos interlocutores, dado que os demais nódulos estão indiretamente relacionados ao referente em questão, dentre eles, os agentes da reunião estão de maneira bastante próxima. Assim, verifica-se por meio do esquema da rede, que o referente implícito “eles” vai sendo focalizado também durante a progressão textual, comprovável por meio dos nódulos “(sem) máscaras”, “turma irresponsável” e “em plena pandemia”, ou seja, o “eles- presidente e ministros” são caracterizados por Beck, por meio de seus personagens, como irresponsáveis por estarem sem “máscaras”, em plena pandemia. Ressaltamos, por sua vez, que essa análise, aqui empreendida, leva em consideração, sobretudo, o desenrolar discursivo da progressão textual. É esse aparato que fundamenta o sentido da tirinha com a existência de um vídeo que não poderia ser divulgado, a julgar pelo referente implícito “ele”, que implicitamente, agrega-se ao “eles”, no “vídeo da reunião”.

Diante disso, observamos o referente “vídeo da reunião” no centro da discursividade da tirinha, como mostra o esquema 5, uma vez que todos os referentes mantêm referência com o objeto proeminente e, claro, entre si, em outras palavras, é a existência do “vídeo da reunião” (e seu conteúdo) que ancora o porquê do referente implícito “ele” do primeiro quadrinho ser contra sua divulgação; é também por meio da existência desse vídeo (e das ações ou omissões das pessoas que participaram dele) que, possivelmente, diante a orientação argumentativa de Beck, poderíamos observar as verdadeiras facetas das pessoas envolvidas, uma vez que todas estavam sem “as máscaras”, resultando, assim, no julgamento de Armandinho e Fernanda ao

afirmarem que essa turma que participou dessa reunião que se encontra gravada nesse “vídeo” é “irresponsável”.

Logo, tratando-se, então, de um papelão, já que em contexto de “pandemia” se esperaria outras atitudes, atitudes estas que envolve propor medidas ao enfrentamento do vírus e não de se aproveitar da situação de calamidade para propor mudanças nas leis ambientais.

Mediante a rede da tirinha em questão, apreende-se, portanto, que o referente “vídeo da reunião” é o tópico discursivo da tirinha, dado que todos os referentes direta ou indiretamente se dirigem a ele, de forma a acrescentar-lhe mais informações. Até mesmo o referente implícito “ele” e o referente “eles” do primeiro e do segundo quadrinho, respectivamente, na medida em que é justamente o referente “ele” que não concorda com a divulgação do vídeo e é o “eles” que apresentam condutas não condizentes com o contexto de pandemia. Logo, o referente Bolsonaro (“ele”) se vincula fortemente ao “vídeo da reunião”, em virtude do fator prototípico de agentividade, determinado pelo referente implícito “eles” (ao qual Bolsonaro se integra na reunião com os ministros) como um ponto-chave da relação discursiva com o referente saliente. De outro modo, é o referente implícito “ele” que é o agente da ação de não querer que o “vídeo da reunião” fosse divulgado; porém o foco maior se dá mais sobre as ações realizadas em conjunto com os ministros, no vídeo da reunião.

2) Fator de acessibilidade referente à competitividade

Não se constata, em relação ao contexto discursivo da tirinha, outro referente que pudesse competir com o referente implícito “ele”, já que o “eles” está no plural, indicando que se não se trata de apenas uma pessoa. Tal fator (de não competitividade) determina uma circunstância de maior acessibilidade ao pronome em questão.

3) Fator referente à unidade

Levando em conta a unidade dos quadrinhos e os *frames* que compõem a narrativa, evidencia-se que, embora o referente implícito “ele” estabeleça relações discursivas com os demais nódulos das redes. Entretanto, o referente implícito “ele”, como agente único das ações discursivas, aparece apenas no primeiro quadrinho, de modo que passa a integrar novas relações de referencialidade em conjunto com “eles” nos quadrinhos posteriores, tornando este aspecto um ponto de modificação da sua unidade, em alguma medida, a nosso ver. Quanto ao *frame*, compreende-se que o referente em questão se encontra no mesmo *frame* dos demais referentes,

porém nenhum deles é seu antecedente, o que compromete a análise deste fator sob este parâmetro.

4) Fator relacionado ao nível de continuidade tópica pela relação de ancoragem em rede

No fator ancoragem em rede, observa-se na tirinha em questão, que o referente proeminente “vídeo da reunião” ancora, portanto, atrai, os demais referentes discursivamente, inclusive o que está manifestado pelo pronome “ele”. Assim, mesmo que o “ele” apareça inicialmente como introdução referencial, sem ancoragem “no vídeo da reunião”, adiante ele se integra ao mesmo, fazendo parte do conjunto referencial ancorado no mesmo evento.

Por outro lado, também se percebe a presença marcante da agentividade do “eles”, que também ancora diversos referentes em torno de si. Assim, o “vídeo da reunião” é o assunto central da tirinha e é nessa conjuntura de ancoragem que agem os referentes em implicitude, de modo bastante unidos ao tópico textual.

5) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto linguístico

O referente "ele" é comumente usado como um marcador de retomada, referenciando explicitamente antecedentes ou âncoras no cotexto. No entanto, na tirinha em questão, observa-se, com base no contexto linguístico ou cotextual fornecido, que o referente "ele" é quem introduz o referente de forma implícita, sem a presença de antecedentes ou âncoras claras.

Assim, apenas com as informações presentes no cotexto linguístico, não é possível determinar a quem se refere o referente "ele" na tirinha, pois não foi estabelecido um antecedente direto que o ancorasse. Vale ressaltar que a forma linguística do termo não fornece muitas informações sobre o referente, além do fato de ser uma terceira pessoa do plural, o que, considerando o cotexto, resulta em uma baixa acessibilidade para identificar o referente.

6) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto de fala

Ao analisar o nível de relevância conferido pelo contexto da interação verbal entre os personagens, conforme discutido por Cavalcante et al. (2022), nota-se, especialmente nas tirinhas de Beck, uma expressão linguística poligerida dos discursos dos personagens inserida em uma enunciação monogerida, aquela que se estabelece entre o produtor textual e o leitor,

apresentando diferentes informações contextuais para cada enunciação. Dessa forma, a partir da enunciação poligerida, é possível inferir que os personagens não apenas reconhecem, mas também identificam o referente ao qual se referem como "ele" (no primeiro quadrinho) e "eles" (no segundo quadrinho).

Nesse contexto, considerando que esse trecho do diálogo dos personagens constitui uma continuação de uma interação anterior, fica evidente que os referentes "ele" e "eles" atuam como elementos de retomada, uma vez que seus referentes já foram destacados no contexto do diálogo anterior. Isso é comprovável quando mobilizamos a relacionalidade dos referentes em rede, logo, os nódulos “ele” e sua intensão de que o “Vídeo da reunião” não fosse divulgado, bem como a orientação argumentativa determinado pelo ponto de vista de Beck, por meio dos personagens, em afirmar o “eles” é uma turma irresponsável por aparecerem (sem) “máscara” em “plena pandemia”, garantem que os personagens conhecem os referentes a qual designam como “ele” e “eles”.

7) Fator ligado ao *givenness* dado pelo contexto enciclopédico

Na enunciação monogerida, particularmente em uma tirinha, a relação entre o produtor do texto e o leitor é crucial. É evidente que o leitor não está imerso nas mesmas informações dos personagens. Nesse sentido, ao interpretar a tirinha em questão, o leitor se depara com dois referentes implícitos, o primeiro, “ele” (Bolsonaro), como um processo de introdução referencial sem antecedente e o segundo, “eles”, como uma anáfora indireta, tendo sua ancoragem indireta no referente “vídeo da reunião”. De uma forma geral, observa-se uma relação indireta entre esses referentes implícitos e os demais em rede da tirinha, que, por sua vez, permitem a inferência de informações do contexto enciclopédico, utilizando-se da memória discursiva como suporte.

Nesse aparato, o entrelaçar dos referentes em rede com o referente implícito “ele” (do primeiro quadrinho), permite inferir, a partir da memória discursiva, que o referente do “ele” não queria a divulgação de um “vídeo”. Para quem é seguidor de Beck compartilha o conhecimento de que o autor se posiciona, por meio de tirinhas, seu ponto de vista sobre um assunto que, de certa forma, tenha repercutido em contexto nacional ou internacional. Nesse sentido, os leitores/seguidores das páginas de Armandinho nas redes sociais, devem ser seguidores “antenados” com os noticiários.

Nesse contexto, no mesmo dia da publicação da tirinha, tornava-se público um vídeo de uma reunião com os ministros do governo Bolsonaro, então presidente do Brasil, em que um

dos ministros, Ricardo Sales, então ministro do meio ambiente, relatava ser o momento propício para “passar a boiadas nas leis ambientais”, já que a imprensa toda estava “distraída” com a cobertura da pandemia do Covid-19. Tais informações contextuais obtidas a partir da memória discursiva é confirmável a partir da mobilização dos nódulos em rede e da propensão argumentativa dos personagens “Armandinho” e “Fernanda”, do qual enfatizam que o motivo pelo qual o referente do “ele-Bolsonaro” não concordar com a divulgação do vídeo, relacionava-se ao fato de o “eles” (“presidente e ministros”, aparecerem (sem) “as máscaras”), do qual Armandinho julgou se tratar de uma “turma irresponsável”, pois estávamos em um contexto de “pandemia”. Os leitores que compartilha do conhecimento do conteúdo do vídeo, observou que realmente a maioria dos ministros que participaram da reunião estavam sem máscaras, em um contexto de alto índice de proliferação do vírus.

No entanto, observa-se que a orientação argumentativa de Beck, por meio dos personagens, induz a inferência de outro sentido a expressão “máscara”, compreendendo-se também o sentido de que, na reunião do vídeo, os ministros elucidam quem realmente são/ou mostram os verdadeiros pontos de vista em relação ao cenário político brasileiro. Ressalta-se que essas coconstruções são inferidas, a partir da memória discursiva, a respeito do contexto de produção da tirinha, que possibilita inferir outros textos.

Nesse contexto, mais uma vez estamos diante do cenário em que o leitor, muitas vezes, deve compartilhar conhecimentos de outros textos (intertextualidade) para coconstruir a acessibilidade do referente “ele”. Neste caso, observa-se que o conhecimento dos textos verbalizados no vídeo em questão bem como aos textos que se referem ao contexto pandêmico brasileiro são decisivos para o entendimento global da tirinha.

8) Nível de acessibilidade do referente “ele”

Vemos que o referente “ele”, foco de investigação, não revela uma acessibilidade tão alta, mas possui relevantes pistas de proeminência que podem reforçá-la. Podemos perceber que o referente “vídeo da reunião” é o mais proeminente/saliente, por ocupar o contexto de **tópico discursivo** da tirinha, não obstante, com uma grande força de **agentividade** do “eles”, no qual o “ele” se inclui.

Em relação à **(não) competição**, é ressaltado que não há outro referente que possa rivalizar com o pronome em questão. Interpretamos que haja uma **unidade parcial**, dado que o “ele” desemboca em outra relação de referencialidade com o “eles”, na sequência das tirinhas, com a **grande ressalva de não haver nenhum antecedente de “ele” em termos tradicionais**,

o que limita nossa compreensão deste fator, conforme proposto teoricamente. Vemos que em relação ao nível de **ancoragem**, destaca-se hierarquicamente a relevância do “vídeo da reunião”; todavia, salientamos as significativas conexões também ancoradas por “eles”, que se sobressaem mais do que o “ele” como agente isoladamente. Quanto aos tipos de *givenness*, assim como na análise das duas tirinhas anteriores, verificamos a relevância do ***givenness* dado pelo contexto enciclopédico**, pois é através das inferências obtidas a partir dessas conexões que uma perspectiva sobre a referência do "ele" na tirinha pode ser construída; quanto ao *givenness* enciclopédico, é crucial destacar que é através das informações inferíveis a partir da memória discursiva, como os conhecimentos compartilhados intertextuais sobre o contexto de produção da tirinha e a ideologia do produtor textual, entre outros, que o leitor pode inferir a quem se refere o pronome "ele" na tirinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas que envolvem a acessibilidade de referentes, desde a de cunho mais formalista como a de Ariel (1996) até as de cunho sociocognitivo-discursiva como a de Costa (2007), demonstramos, em contrapartida, a partir das análises, uma visão de construção de acessibilidade de referentes pelo viés relacional das redes referenciais atrelado aos fatores de acessibilidade.

À vista disso, nosso objetivo foi propor uma análise que contemplasse uma interface entre a noção de redes referenciais e os fatores de acessibilidade, já enfatizados na literatura. Dessa forma, visou-se a configurar as redes de referentes, analisando como os fatores de acessibilidade em rede contribuem para com a acessibilidade do referente implícito identificado pelo marcador “ele/s” em tirinhas de Armandinho.

Nesse aparato, confirmamos o que já afirmara Costa (2007), quando afirma que a identificação de referentes - no caso deste trabalho, o referente implícito “ele/s” - perpassa uma rede de inferências, do qual são mobilizadas pelas relações de ancoragem dos referentes em rede e, de até mesmo, de elementos multissemióticos e dos não referenciais, mas se tornam elementos textuais que contribuem significativamente com os referentes para a coconstrução do referente implícito “ele/s”. Destacamos também a influência dos fatores de acessibilidade, quando submetido ao viés das redes referenciais, nesse contexto, atestamos que alguns fatores condicionam mais a acessibilidade do referente em questão que outros.

Dessa forma, diante os dados analisados, compreende-se que o pronome “ele/s”, nas tirinhas analisadas, constitui o tópico discursivo da tirinha (referente saliente/proeminente) ou se encontra muito próximo ao tópico discursivo da tirinha, um dos fatores dessa proximidade com o tópico é o critério de agentividade, uma vez que em algumas tirinhas o referente implícito “ele/s” é o agente discursivo da narrativa, o que possibilita uma maior acessibilidade, no entanto, em outras observa-se que essa agentividade é compartilhada com outros referentes, mesmo que o referente “ele/s” esteja também relacionado a ação discursiva.

Embora em algumas tirinha o referente “ele/s” seja o tópico discursivo do texto, logo sua acessibilidade é sugerida como alta, no entanto, a coconstrução é tecida nas entrelinhas mediante as pistas em rede. Logo, é diante a análise relacional entre os nódulos que se infere uma perspectiva a quem o “ele/s” se refere.

Ademais, compreende-se que fator de não competitividade condiciona uma acessibilidade maior ao referente introduzido pelo pronome “ele/s”, isto é, a narrativa da tirinha não determina outro referente que pudesse competir com o referente em análise, isso em tese,

garante uma maior acessibilidade.

Frisamos o fator de nível de ancoragem, pois, a nosso ver, é o fator mais importante quando submetido ao viés relacional das redes referenciais, o que queremos dizer é que são as relações de ancoragem entre os referentes das redes que possibilita inferir informações contextuais elementares, a partir de uma memória discursiva, para se coconstruir interativamente a acessibilidade do referente estudado. Além disso, evidencia-se que são as relações de ancoragem que desencadeiam a atratividades dos referentes, tornando-os mais proeminentes, logo, mais acessíveis.

Além disso, compreendemos que o tópico discursivo/referente mais proeminente ancora atraindo os demais objetos discursivos, inclusive, o referente implícito, contribuindo para a sua acessibilidade, por outro lado, observa-se que mesmo o referente implícito não sendo o tópico discursivo, ele também ancora referentes. Dito isso, ressaltamos a relevância de uma análise discursiva em rede, a nosso ver, todas as porções do texto estão interligadas, as quais contribuem, neste caso, para a acessibilidade do referente implícito “ele/s”.

Outro aspecto relevantes é o fator de *givenness* enciclopédico que é determinante para a acessibilidade do referente implícito “ele/s”, ou seja, o conhecimento compartilhado, a partir de uma memória discursiva, acerca do contexto de produção, do contexto intertextual do qual o referente implícito dialoga, do posicionamento ideológico do produtor textual, Alexandre Beck, do modo como Beck costuma publicar suas tirinhas, são conhecimentos que possibilitam uma maior acessibilidade ao referente estudado.

Diante do exposto até aqui, destacamos alguns pontos que consideramos cruciais em nossa análise da acessibilidade do referente implícito “ele/s”:

- i. Determinar a acessibilidade de referentes somente pela forma do marcador é insuficiente, dado que Ariel, de certa forma, diante a sua escala de acessibilidade, condiciona, por exemplo o “ele” a ser um marcador de alta acessibilidade, visto ser menos informativo, mais atenuado e menos rígido, mas por meio da nossa análise relacional das redes referenciais e o contexto do qual o pronome “ele/s” é inserido nas tirinhas de Armandinho, observa-se que o pronome em questão é de baixa acessibilidade ao leitor, mesmo que sua forma “condicione”, nos dizers de Ariel, uma alta acessibilidade.

Por outro lado, seria injusto desconsiderarmos a ressalva de Ariel, quando esta aponta a ocorrência de casos chamados “insólitos” com o uso pronominal, semelhantes aos aqui analisados. Entretanto, vemos que a autora não detém sua atenção sobre tais contextos de ocorrência, muito mais ligados à intencionalidade do produtor do texto do

que propriamente à forma das expressões, característica essa que a própria autora reconhece. Para nós, importa a análise de tais fatos, uma vez que investigamos os textos na condição de eventos situacionais, e não de formas padronizadas no texto.

- ii. Assim como Matos (2018), assinalamos que os elementos embora não referenciais, como verbos, advérbios, são nódulos que contribuem para com os elementos referenciais na construção de referentes, principalmente, a acessibilidade de referentes implícitos;
- iii. O modo argumentativo do qual os referentes estão entrelaçados em rede é um aparato importante na construção da acessibilidade de referentes implícitos.

Em decorrência das discussões alcançadas nesta dissertação, destacamos algumas demandas de pesquisas futuras, que não puderam ser desenvolvidas neste trabalho, mas que poderão ser pauta discursiva a outros estudos:

- i. Uma das possibilidades de estudo que merecem mais discussões é a relacionalidade entre proeminência discursiva e redes referenciais, visto que observamos serem noções que dialogam até certo ponto, principalmente, quanto aos critérios de relacionalidade e dinamicidade. Embora, o foco deste trabalho foi analisar a proeminência como um dos fatores de acessibilidade do referente implícito em questão, observamos que o fator de proeminência é um ponto relevante para determinar as relações de ancoragem referencial, além disso, destacamos que a imbricação dessas noções favorece estudos que explorem a funcionalidade argumentativa da proeminência em rede para a constituição amoldável dos gêneros;
- ii. Ademais, constatamos por meio de nossas análises que o processo de ancoragem parece não ser tão linear como costumam ser frisados na literatura, e, a nosso ver, a concepção das redes referenciais favorece para enfatizar essa não-linearidade do processo de ancoragem.
- iii. Constata-se também a relevância de trabalhos futuros explorarem o ‘contexto tecnodiscurso’, visto que trabalhos que analisem *corpus* midiático, como o caso deste trabalho, estão inseridos em um contexto que apresentam ferramentas tecnodiscursivas específicas, como curtir, comentar, compartilhar, data da postagem, que poderão ser nódulos importantes a serem considerados para o estudo da construção dos referentes, sejam eles implícitos ou não. Algo que nosso trabalho não pode, por razões metodológicas, examinar, visto que se tornava uma análise que se desviava dos objetivos propostos.

De um modo geral, consideramos o estudo da acessibilidade por meio dos fatores de

acessibilidade ao serem condicionados a noção de redes referenciais o meio mais profícuo para um trabalho de base teórica textual, sociocognitiva-discursiva, principalmente, para se analisar a acessibilidade de referentes implícitos sem antecedentes e âncora explícitas, visto que, o entrelaçar dos referentes em rede, sejam do cotexto ou do contexto, direcionam o leitor a coconstruir a acessibilidade de referentes.

REFERÊNCIAS

ARIEL, Mira. Accessibility Theory. *In*: BROWN, K. **Encyclopedia of Language e Linguistics**. 2. ed. Elsevier, 2006.

ARIEL, Mira. Accessibility theory: an overview. *In*: SANDERS, Ted; SCHILPEROORD, Joost; SPOOREN, Wilbert. **Text representation: linguistics and psycholinguistics aspects**. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins, 2001, p. 29-89.

ARIEL, Mira. Linguistic marking of physical givens. *In*: **Second Colloquium on Deixis. Anais [...]**. Nancy, 1996. Disponível em: <http://www.loria.fr/~romary/Deixis/PapersDeixis>. Acesso em: 10 ago. 2022.

APOTHÉLOZ, Deniz.; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construcción de la référence et stratégies de désignation. Tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. *In*: BERRENDONNER, Alain; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. (Org.). **Du syntagme nominal aux objects-de-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995, p. 227-271.

BAKHTIN, Mikhail (1979). **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BONOMI, Andrea. **Lo spirito dela narrazione**. Milão: Bompiani, 1994.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual: conceitos e aplicações**. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Modalidades argumentativas. Videoconferência apresentada por ocasião do **I Seminário de Apresentação e Integração do Programa de Pós-Graduação em Linguística**. Fortaleza: PPGLIN/UFC, 2021 [on-line].

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva. Estratégias de referenciação em textos multissemióticos. **SEDA - Revista de Letras da Rural**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 12, p. 55-71, 14 jan. 2021.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* **Linguística Textual e Argumentação**. São Paulo: Pontes, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; SILVA, Tainan Santana; WANOLL SILVA, Yanechê. Dimensões analíticas da Linguística Textual. *In*: LIMA, Álisson Hudson Veras; SOARES, Maria Elias; CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Linguística geral: os conceitos que todos precisam conhecer**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães *et al.* O texto e suas propriedades: definindo perspectivas para análise. **(Con)Textos Linguísticos**, Espírito Santo, v. 13, n. 25, 2019. Disponível em: <<http://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/27884/18764>>. Acesso em: 8 setembro de 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Maria Angélica Paiva. O caráter naturalmente

recategorizador das anáforas. *In*: AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de; GONÇALVES-SEGUNDO, Paulo Roberto. **Estudos do discurso: caminhos e tendências**. São Paulo: Editora Paulistana, 2016.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; CUSTÓDIO-FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angélica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino**. São Paulo: Cortez, 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Angélica Paiva; OLIVEIRA, Rafael Lima de. A relevância do texto e da interação no contexto digital. Rio Grande do Sul: **Calidoscópio**, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/cld.2021.193.03>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.

COLARES, Joeliza Maria Sousa; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Compósito de gêneros. *In*: **XXXIX Encontro de Iniciação Científica. Anais [...]**. Fortaleza, 2020.

COSTA, Maria Helenice. **Acessibilidade de referentes**: um convite à reflexão. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CHAUI, Marilena. A memória. *In*: CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000, p. 158-164.

CORBLIN, Francis. **Les formes de reprise dans le discours: anaphores et chaines de référence**. Rennes: Presses de l'Université de Rennes, 1995.

CUSTÓDIO-FILHO, Valdinar. **Múltiplos fatores, distintas interações**: esmiuçando o caráter heterogêneo da referenciação. Tese (Doutorado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CUNHA, Andreia Honório da. Gramática do design visual e **tiras**: multimodalidade e produção de sentidos. Ponta Grossa: Atena, 2021.

DO CARMO, Juliana Rabelo; KARPINSKI, Cezar; BRÄSCHER, Marisa. A relação entre a memória social e sociocognição: busca do contexto social na Organização do Conhecimento. **Em Questão**. Porto Alegre, v. 24, n. 1, p. 65–85, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/71083>. Acesso em: 22 jan. 2024.

FERRARI, Lilian. **Introdução à Linguística Cognitiva**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
HALLIDAY, Michael; HASAN, Ruqayia. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

HEUSINGER, Klaus von; SCHUMACHER, Petra B. **Discourse prominence**: definition and application. Alemanha: Elsevier, 2019, p. 117-127.

KOCH, Ingedore Villaça. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. *In*: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Christina. **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

KRESS, Gunther; VAM LEEUWEN, Theo. **Reading images: the grammar of visual design**. 2 ed. New York, 2006.

LEAL, Abniza Pontes de Barros. Mecanismos dêiticos e estratégias de leitura do gênero tira. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, v. 7, n. 9, p. 06-26, 2013.

LIMA, Silvana Maria Calixto de; CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Revisitando os parâmetros do processo de recategorização. **ReVLE**, v. 13, n. 25, p. 295-315, 2015.

LIMA, Silvana Maria Calixto de. **(Re)categorização metafórica e humor**: trabalhando a construção dos sentidos. Dissertação (Mestrado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

LIMA, Raquel Freitas de. **O par post/comentário em rede social**: um estudo a partir da noção de gêneros textuais. Dissertação (Mestrado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, 2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Anáfora indireta**: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria.; BENTES, Ana Cristina. (Orgs.) **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Do código para a cognição**: o processo referencial como atividade criativa. Juiz de Fora: Veredas, revista de estudos linguísticos, 2002. p. 43-62.

MATOS, Janaica Gomes; NOGUEIRA, Stelyo Rubens de Souza. As recategorizações em redes referenciais nos comentários do *Instagram*. **Revista de Letras**, v. 1, n. 41, 2022.

MATOS, Janaica Gomes. **As redes referenciais na construção de notas jornalísticas**. Tese (Doutorado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernardete Biasi; CIULLA, Alena. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, M. A. *A caracterização dos tipos de dêixis como processos referenciais*. 2019. 142f - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Linguística, Fortaleza (CE), 2019.

MUNIZ-LIMA, Isabel. **Modos de interação no contexto digital**. Tese (Doutorado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022.

NICOLAU, Vitor Feitosa. **A reconfiguração das tirinhas nas mídias digitais**: de como os blogs estão transformando este gênero dos quadrinhos. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.

PAVEAU, Marie-Anne. **Análise do discurso digital**: dicionário das formas e das práticas. COSTA, Julia Lourenço; BARONAS, Roberto Leiser (Orgs.). São Paulo: Pontes, 2021.

RAMOS, Paulo Eduardo. **Tiras Cômicas e piadas**: duas leituras, um efeito de humor. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RAMOS, Paulo. **A leitura de quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

RONCARATI, Cláudia Nívia de Sousa. **Cadeias do texto**: construindo sentidos. São Paulo: Parábola, 2010.

SILVA, Franklin Oliveira. **Formas e funções das introduções referenciais**. Tese (Doutorado). Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2013.

VOGELS, J., KRAHMER, E., & Maes, A. (2019). Accessibility and Reference Production: The Interplay Between Linguistic and Non-Linguistic Factors. In J. Gundel, & B. Abbott (Eds.). **The Oxford Handbook of Reference**. Oxford University Press, 2019.